

Título
Educação para a Cidadania
Guião de Educação para a Cidadania em contexto escolar ...Boas Práticas

Editor
Ministério da Educação
Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

Director
Luís Capucha

Directora de Serviços de Educação Escolar
Luísa Ucha

Autora
Maria Rosa Afonso

Organização
Helena Gil

Ilustração da Capa e Concepção Gráfica
Isabel Espinheira sobre imagem de Cecília Guimarães

ISBN
987-972-742-262-3

Depósito Legal
260161/07

Tiragem
1.000 exemplares

Edição
Setembro 2007

Impressão e Acabamento
Tipografia Jerónimus, Lda.

Colecção
Educação para a Cidadania

Guião de Educação Ambiental: conhecer e preservar as florestas

Guião de Educação do Consumidor

Guião de Educação para o Empreendedorismo

Guião de Educação para a Sustentabilidade — Carta da Terra

Guião de Educação para a Cidadania em contexto escolar ...Boas Práticas

Prefácio

A Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, no âmbito das suas atribuições relativas à componente pedagógica e didáctica do ensino básico e secundário, tem procurado produzir um conjunto de orientações e de materiais pedagógicos que apoiem os docentes na leccionação e no desenvolvimento de actividades e projectos com os seus alunos. Paralelamente, temos estabelecido uma cultura de parceria com as mais diversas entidades públicas, privadas e do terceiro sector com vista à criação de sinergias que permitam aproveitar o trabalho desenvolvido por aquelas instituições. É neste âmbito que inauguramos a edição de uma colecção de guiões pedagógicos para a área da Educação para a Cidadania. Estes guiões dedicados à abordagem de temas relacionados com a construção de uma cidadania activa resultam quer da nossa experiência de reflexão interna relativa às áreas curriculares disciplinares e não disciplinares quer do aproveitamento de competências específicas que as entidades parceiras colocam ao nosso dispor.

Este guião dedicado ao tema mais transversal da Educação para a Cidadania em Contexto Escolar, distingue-se dos anteriormente publicados nesta colecção por duas ordens de razões. A primeira porque a sua concepção, propriamente dita, não resultou de um trabalho de parceria com entidades externas. Contudo, o princípio da parceria está presente no facto de algumas actividades que dão origem ao relato de práticas terem sido realizadas em parceria com a Comissão Nacional para os Direitos Humanos. A segunda porque não estamos perante um guião que propõe temas, actividades e metodologias aos professores, mas sim perante um relato do que nesse âmbito escolas, professores e alunos desenvolvem. Apresenta-se, assim, com a pretensão de demonstrar o trabalho feito e com essa demonstração produzir efeito multiplicador e estimular a apetência pelo desenvolvimento de competências para a cidadania.

Para a DGIDC é particularmente importante, num tema essencial relativamente ao qual o desenvolvimento de competências é condição indispensável ao nosso desenvolvimento enquanto sociedade, dar visibilidade ao trabalho que as nossas escolas, professores e alunos já fazem. Esperamos que esta publicação seja inspiradora para todos os que a ela acedam.

Teresa Evaristo

Subdirectora-Geral da Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular

Nota de Autor

O presente livro tem como principal objectivo divulgar um conjunto de boas práticas¹ de Educação para a Cidadania que, pela sua relevância temática e pedagógica, possam constituir sugestões de trabalho ou/e ponto de partida para novas práticas, projectos e actividades, na área dos valores interpessoais, dos direitos humanos, do ambiente, da paz, etc.

Os materiais são resultantes de actividades realizadas no ano lectivo 2003-04, em intercâmbio com escolas dos diferentes níveis de ensino, a nível nacional, no âmbito do projecto “Os direitos humanos na educação para a cidadania”, do plano de actividades da DGIDC.

Correspondem fundamentalmente a trabalhos de três actividades:

- A Formação de Professores – materiais produzidos pelos formandos nas acções de formação “Educar para os direitos humanos em contexto escolar” (seis turmas) e “Formação Cívica: um espaço privilegiado para a construção da cidadania” (quatro turmas), realizadas em escolas das diferentes DRE’S e inseridas no plano de formação da DGIDC.
- O Concurso “Educação para os direitos humanos e a cidadania”, realizado em colaboração com a Comissão Nacional dos Direitos Humanos e extensivo a todas as escolas do ensino básico e secundário.
- O Fórum de Discussão realizado on-line, a partir de uma Rede de Escolas a desenvolver projectos de trabalho na área dos direitos humanos e da cidadania.

As Acções de Formação contaram com o apoio da Dr.^a Manuela Perdigão, coordenadora do plano de formação da DGIDC, e foram asseguradas por mim e duas outras formadoras, a Dr.^a Olga Ferreira e a Dr.^a Maria de Jesus Filipe.

O Concurso e o Fórum de Discussão tiveram a colaboração da Dr.^a Lourdes Parente, da equipa do projecto, e foram realizados em parceria com a Comissão Nacional para as Comemorações do 50º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos e da Década das Nações Unidas para a Educação em Matéria de Direitos Humanos e contaram com a participação da Dr.^a Maria Emília Brederode Santos, representante do Ministério da Educação na referida Comissão.

A selecção e a organização dos materiais foi feita por mim, com critérios que explicito logo na introdução, tendo contado com a colaboração do técnico Eduardo Elias, sempre que houve necessidade de proceder à digitalização de alguns trabalhos.

Por fim, uma palavra especial às escolas que acolheram as acções de formação – EB 2,3 do Cerco, Porto; EB 2,3 D. António Ferreira Gomes, Ermesinde; ES de Rio Tinto; EB 2,3 de Aradas, Aveiro; EB 2 de Gouveia; EB 2,3 de Marvila, Lisboa; EB 2,3 Damião de Góis, Lisboa; EB 2,3 Santa Clara, Évora; EB 2,3 de Quarteira; EB 2,3 D. Afonso III, Faro – e aos professores com quem trabalhei directamente, trocando ideias, desenvolvendo estratégias, partilhando materiais.

Maria Rosa Afonso

¹ Tomamos o conceito de “boas práticas” no sentido comum, embora não sejamos alheias à discussão do que é, e do que pode ser considerado, uma boa prática.

Índice

Introdução	11
I Parte: Competências de cidadania – compreender para agir	13
1 – A educação para a cidadania na escola	14
1.1 – O enquadramento legislativo e curricular	14
1.2 – De que falamos quando falamos de cidadania em contexto escolar	15
1.3 – Competências de cidadania	16
2 – Abordagem pedagógica da cidadania	23
2.1 – Princípios orientadores do trabalho pedagógico	23
2.2 – Metodologias fundamentais	24
Referências Bibliográficas	27
II Parte: Boas Práticas de Cidadania – alguns exemplos	29
1 – Áreas Disciplinares – aulas planificadas	30
2 – Formação Cívica – aulas planificadas	39
3 – Área de Projecto	63
- A metodologia do trabalho de projecto	64
- Os projectos	66
4 – Actividades de Complemento Curricular	94
- Clubes, Núcleos e Oficinas	94
- Fórum de Discussão	116
- Visitas de Estudo	120

Introdução

O livro está estruturado em duas partes, a nosso ver complementares. Na I Parte, é feito um enquadramento das questões da educação para a cidadania, nomeadamente ao nível das competências a desenvolver e das metodologias a abordar.

Na II Parte, apresentamos uma selecção de trabalhos, segundo critérios que a seguir explicitamos.

Critérios que orientaram a selecção dos materiais:

- De consistência e unidade relativamente ao público-alvo, optámos por incluir apenas materiais referentes aos diferentes ciclos do ensino básico, com o intuito de evitar a dispersão de propostas, sobretudo ao nível do seu desenvolvimento.¹
- De relevância temática – escolhemos temas que considerámos importantes pela possibilidade de enquadramento e exploração.
- De relevância metodológica – seleccionámos estratégias de reflexão e debate, actividades interdisciplinares e trabalho de projecto, para que os alunos ganhem consciência dos problemas e adquiram competências para a acção.
- De diversidade nas abordagens apresentadas, de modo a incluir diferentes perspectivas de trabalho.
- De criatividade nas propostas, procurando salientar o aspecto inovador que o trabalho pedagógico deve ter.
- De representatividade das escolas participantes, procurando inserir o maior número possível.

Critérios que orientaram a organização dos materiais:

- A organização dos materiais foi feita por espaços curriculares ou do contexto escolar onde se trabalha a Educação para a Cidadania: Áreas Curriculares Disciplinares, Formação Cívica, Área de Projecto e Actividades de Complemento Curricular – Clubes e Núcleos, visitas de estudo e projectos em parceria com organismos públicos ou da sociedade civil.
- Os trabalhos, a incluir em cada um destes espaços de construção e vivência da cidadania, foram seleccionados tanto das actividades da Formação de Professores como dos materiais do Concurso. Dos trabalhos do Fórum, será igualmente apresentada uma pequena amostra.
- A apresentação dos trabalhos foi feita progressivamente: 1º, 2º e 3º ciclos. Todos os materiais foram identificados, referidas as escolas, os professores e o projecto de trabalho em que as mesmas estavam inseridas.

¹ Há uma excepção, o Clube dos Direitos Humanos, da escola secundária com 3º ciclo Rainha Santa Isabel de Estremoz. Contudo, embora seja fundamentalmente dinamizado por professores e alunos do ensino secundário, a participação nas iniciativas está aberta a toda a escola.

Aspectos a ressaltar:

- Em todas as práticas apresentadas – quer se trate das aulas no âmbito das disciplinas ou da Formação Cívica quer se trate dos trabalhos de projecto, na Área de Projecto ou em Clubes, Núcleos e Oficinas – respeitou-se sempre o trabalho apresentado pelos professores. Apenas se introduziram modificações relacionadas com os necessários critérios de uniformização formal e de precisão pedagógica, como reformular ou acrescentar algum objectivo, por exemplo.
- Quando se considerou ter existido algum tipo de adaptação ou de complementação, foi o mesmo referido em nota.

I Parte

Competências de cidadania ...compreender para agir

“A **EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA** é uma componente do currículo de natureza transversal, em todos os ciclos. O seu objectivo central é o de contribuir para construção da identidade e o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos. Esta componente não é da responsabilidade de um professor ou de uma disciplina atravessando todos os saberes e passando por todas as situações vividas na escola. Por isso, concretiza-se através de um plano que **abrange o trabalho a realizar nas diversas disciplinas e áreas do currículo**. Aspectos como a educação para a saúde, a educação sexual, a educação rodoviária ou a educação ambiental, entre outros, deverão ser considerados, quer no trabalho a realizar nas áreas curriculares não disciplinares quer no âmbito das diversas disciplinas.”²

² Cf. DEB, «Princípios, Medidas e Implicações», Decreto-Lei 6/2001 (2001), p. 54.

1 – A educação para a cidadania na escola

1.1 – O enquadramento legislativo e curricular

A Educação para a Cidadania inscreve-se na área da Formação Pessoal e Social (artigo 47 da LBSE) e a sua concretização, no ensino básico, é actualmente enquadrada pelo Decreto-lei nº6/2001.

Tal como o Português e as Tecnologias de Informação e Comunicação, é uma componente transversal aos currículos, devendo por isso ser incluída em todos os programas disciplinares e trabalhada por todos os professores. Isso pode ocorrer em diferentes espaços e situações e processar-se de distintas formas:

- 1 - Em situações formais de aprendizagem tanto ao nível dos conteúdos temáticos como dos processos metodológicos...
 - No âmbito dos conteúdos disciplinares – sempre que as unidades temáticas das respectivas disciplinas incluam temas e questões de cidadania – o caso da Língua Portuguesa, da História, da Geografia e das Línguas Estrangeiras, entre outras.
 - Nas áreas curriculares não disciplinares da Formação Cívica, Área de Projecto e Estudo Acompanhado, com destaque óbvio para as duas primeiras. Na Formação Cívica, cada professor, conjuntamente com a turma, estabelecerá um “roteiro” que tenha em conta os interesses dos alunos e o seu quotidiano escolar e social. Na Área de Projecto, podem ser escolhidos e trabalhados temas e problemas situados na área da cidadania.
 - Em todas as aulas, e por qualquer professor, através de metodologias activas, de participação, análise e debate, de modo a que os alunos construam os significados e os confrontem com as situações reais da sua experiência ou do seu conhecimento.
- 2 - Em actividades de complemento curricular, ligadas a Núcleos, a Oficinas ou a Clubes, e também através da participação no jornal escolar, em visitas de estudo, etc.
- 3 - Em projectos e actividades extracurriculares, de parceria com organismos e instituições da comunidade local e nacional, incentivando experiências de participação em associações da comunidade.
- 4 - Na organização democrática da escola, na discussão de regras/regulamentos de participação na vida da turma, através da eleição para delegados e subdelegados de turma, e da comunidade escolar, assembleias de alunos, assembleias de escola, desempenhando tarefas e assumindo responsabilidades. A própria escola é um contexto de relações e interacções sociais muito importante para a aprendizagem da cidadania.
- 5 - Nas relações informais que ocorrem nos intervalos, recreios, refeitórios, etc. Todos os intervenientes da comunidade educativa podem (e devem) desenvolver nas inter-relações pessoais valores como a auto-estima, a confiança, o respeito, a solidariedade, a cooperação, a tolerância, etc.

1.2 - De que falamos quando falamos de cidadania em contexto escolar

Tínhamos a percepção, decorrente da formação contínua,³ de que nem sempre os professores têm uma perspectiva clara do que é a Educação para a Cidadania, tanto ao nível dos conceitos como ao nível da sua abrangência temática ou do seu espaço de intervenção. Percepção que vemos confirmada em estudos recentes. Falta aos professores, muitas vezes, um referencial teórico que lhes permita alguma sistematização, falamos de um trabalho fundamentado, progressivo, sequencial e devidamente planificado, que se possa traduzir em verdadeiras aprendizagens. Tudo é bastante pontual, como mostra a análise do trabalho realizado na Formação Cívica, onde predominam a gestão de conflitos e a comemoração de dias.⁴

Embora os professores considerem importante a educação cívica, salientando valores de natureza ética e relacional, continuam a centra-se mais nos conhecimentos sobre a sociedade do que no desenvolvimento de capacidades de pensamento crítico e autónomo ou na participação activa dos alunos em acções concretas na comunidade. Há temas pouco salientados, como as questões da economia, do sistema judicial ou do mundo laboral, tal como a participação política nas organizações partidárias, por exemplo. Também as metodologias continuam centradas nos professores, em detrimento de estratégias activas.⁵

Referimos estes aspectos, não com o intuito de os aprofundar aqui – embora a formação de professores, quer inicial quer contínua, se deva preocupar com eles –, tão só apresentar algumas pistas de reflexão, a fim de nos situarmos na compreensão de uma noção de cidadania adequada ao seu actual enquadramento curricular e pedagógico.

Uma cidadania marcadamente prática

Começamos por analisar um dos princípios da LBSE que, a nosso ver, enquadra a questão da cidadania: “A educação promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva”.⁶

Formar “cidadãos capazes”, com base na democracia e nos valores democráticos, com consciência crítica e social, é situar a cidadania na perspectiva das competências práticas, da intervenção e acção concretas, o que de resto está em conformidade com o entendimento de organismos internacionais que colocam a tónica na “educação para a cidadania democrática” ou na “educação para a cidadania activa”.⁷ Ao acentuar-se este carácter prático, valoriza-se a participação dos indivíduos na comunidade e nas interacções que aí se estabelecem.

³ Referimo-nos à nossa percepção enquanto formadora nas áreas da cidadania.

⁴ Referimo-nos a um estudo realizado por C. Cibele, “Formação Cívica. E agora, um tempo para reflectir?” in *Educação para a cidadania – como dimensão transversal ao currículo escolar* (2005), Carolina Carvalho, Florbela Sousa e Joaquim Pintassilgo (organizadores), Porto Editora.

⁵ Cf. *Conhecimentos, concepções e práticas de cidadania dos jovens portugueses – um estudo internacional* (2005), DGIDC, pp. 185-188.

⁶ LBSE, artº 2º nº 5.

⁷ Conselho da Europa e Comissão Europeia, respectivamente.

Assim, mais do que conhecimentos é necessário o desenvolvimento de competências e de atitudes de participação. Na realidade, os alunos podem saber o que é a democracia, quais os órgãos do poder, quem é e o que faz o Senhor Presidente da República, conhecerem até aspectos da cultura e da história do país e, contudo, não serem cidadãos activos e comprometidos na sociedade. Para tal, é fundamental que estes temas sejam trabalhados na perspectiva da consciência cívica presente (e necessária) ao viver em comum, desde as regras mais simples da convivência social aos aspectos mais complexos de participação democrática nas decisões, como eleger alguém como seu representante, manifestar-se, associar-se, etc.

A primeira questão que poderíamos colocar é saber qual a abrangência das questões de cidadania. Poderá limitar-se a um espaço ou a uma área temática? Pensamos que não. As questões da cidadania têm a abrangência dos **direitos e deveres** do cidadão na sua relação com as pessoas e as instituições que organizam e regulam as sociedades onde vivem. Pertencemos a diferentes contextos sociais – família, escola, bairro, aldeia, cidade, região, país, continente, mundo – do nosso viver social, fazem parte desde a Junta de Freguesia, a Assembleia da República, o Conselho da Europa ou a Assembleia-Geral da ONU (uma vez que Portugal assinou declarações e tratados internacionais) – e participamos, também, em diferentes áreas, desde as questões políticas, às questões sociais, económicas e culturais.

Percebemos, então, que a Educação para a Cidadania não se pode reduzir à relação interpessoal com o companheiro do lado ou o vizinho que vive no mesmo prédio ou na mesma rua, ainda que seja, desde logo, muito importante considerar estes aspectos. Na realidade, em muitos casos, a participação cívica respeita a contextos mais alargados, por ter envolvimento, razões e consequências a um nível mais global, como as questões do ambiente, da paz, do desenvolvimento sustentado, da segurança mundial, dos direitos humanos, etc.

Estamos a falar de uma noção de cidadania aberta, que se tem vindo progressivamente a expandir, desde os direitos civis, políticos e sociais, aos direitos de participação e, mais tarde, aos direitos económicos e culturais. Bem se pode dizer que a cidadania é uma permanente luta pelo reconhecimento e pela prática dos direitos.

1.3 – Competências de Cidadania

Se o enquadramento curricular e a noção alargada de cidadania – a que acabamos de nos referir – justifica a não existência de um programa fechado, isso não significa que não existam temas, princípios e valores de cidadania fundamentais e que os mesmos não devam ser considerados. Na realidade, estamos em crer que se trata de uma oportunidade para um trabalho mais significativo, capaz de responder com maior eficácia aos problemas, interesses e motivações das escolas e das turmas.

Neste sentido, parece-nos importante a existência de um quadro referencial que permita pensar e compreender os aspectos fundamentais de forma integrada, nas suas relações e implicações. Há diferentes referenciais teóricos, conforme a área do conhecimento que os enuncia e os objectivos que procuram atingir, uns partem mais da análise da sociedade e outros do direito ou da educação.⁸

Vejam os alguns exemplos. Para K. Faulks (2000), a cidadania deve assentar em quatro eixos fundamentais: uma ética da participação, já que não se pode participar sem a referência a valores éticos; a garantia dos direitos sociais, sem os quais a cidadania ficaria em causa; a cidadania íntima, dado que há questões da esfera privada e familiar que são de cidadania; e uma cidadania múltipla, com diferentes vertentes e espaços de intervenção.

R. Veldhuis (2000)⁹ apresenta também quatro dimensões: a política e jurídica, a questão do exercício do poder e das leis; a social, as questões sociais e de solidariedade; a económica, as questões do emprego, bens, serviços e consumo; e a cultural, os valores partilhados da herança comum e também as diferentes pertenças.

F. Audigier (2000) entende que a educação para a cidadania deve desenvolver três tipos de competências: cognitivas – sobre aspectos políticos e jurídicos, as questões do mundo actual, os processos, e os princípios e valores dos direitos humanos e da cidadania democrática; éticas e da escolha de valores; e de acção ou sociais – na comunidade, na resolução de problemas, no debate público.¹⁰

Nestas competências, identificamos os três aspectos fundamentais numa prática pedagógica participativa: saber, valorizar e agir. Na realidade, toda a acção cívica supõe a conjugação de conhecimentos, valores e acções, para uma participação reflectida e empenhada.

Utilizaremos o quadro de Audigier apenas como referência, sabendo, como ele próprio reconhece, que não é estanque nem definitivo. A partir dele, procuraremos pensar as questões da Educação para a Cidadania, tal como estão enunciadas nos princípios e valores orientadores presentes no Currículo Nacional do Ensino Básico:¹¹ - “A construção e a tomada de consciência da identidade pessoal e social”; “A valorização da diversidade dos indivíduos e dos grupos quanto às suas pertenças e opções”. “A valorização das dimensões relacionais da aprendizagem e dos princípios éticos que regulam o relacionamento com o saber e com os outros”; “A participação na vida cívica, responsável, solidária e crítica”.¹²

⁸ Na DGIDC, um grupo de trabalho – Ana Roque, Isabel Carvalho, Rosa Afonso e Teresa Fonseca – elaborou um Documento base para a construção de um referencial de competências de cidadania, que apontava para três tipos de competências: de participação democrática; de interacção cultural; e de justiça social.

⁹ Autor referido por Audigier, in *Concepts de base et compétences-clés pour l'éducation à la citoyenneté démocratique* (2000), Conseil De L'Europe, pp. 23-24.

¹⁰ Cf. F. Audigier, «Compétences clés» in, *Concepts de base et compétences-clés pour l'éducation à la citoyenneté démocratique* (2000), Conseil De L'Europe, pp. 20-24.

¹¹ C. Cibele, no artigo referido na nota 4, faz esta sugestão. Obviamente que também nós entendemos mais adequado considerar esta referência, contudo, convém igualmente ter presentes tanto os princípios da LBSE (artº 1, 2; artº 2, 4 e 5) como os objectivos aí enunciados para o ensino básico (artº 7, alíneas a, e, f, g, h, i, n).

¹² Cf. DEB (2001), *Currículo Nacional do Ensino Básico – competências essenciais*, p. 15.

Competências cognitivas

- **Na vertente jurídico-política:** as leis que regulam a acção política constituem um dos supostos básicos da cidadania. Desde logo, as leis que têm por base a democracia, a dignidade da pessoa e os direitos humanos. Daí o primado do direito e a existência de constituições democráticas.

É na Constituição da República Portuguesa que estão consagrados os direitos, deveres e garantias de todos os cidadãos. A cidadania é, antes de mais, um estatuto jurídico, atestada por um bilhete de identidade, que nos reconhece como membros de um Estado e das suas instituições.

É através das instituições democráticas, públicas e da sociedade civil, que são criadas as condições objectivas para a concretização dos princípios consagrados em lei. Sem políticas e programas de acção, as liberdades individuais, civis e políticas e também os direitos económicos, sociais e culturais são meras formalidades.

Os valores da democracia têm igualmente de estar presentes em toda a organização da vida social. A vivência democrática deve ser quotidiana, estimulando a pluralidade de ideias e de opiniões, ouvindo e contrapondo argumentos, procurando consensos e estabelecendo compromissos de acção, e isto desde o Parlamento à mais pequena associação de bairro ou à mais simples reunião de turma.

A democracia não existe sem a prática das pessoas, é visível nas opções que fazemos e nas atitudes e comportamentos que tomamos, seja qual for o contexto social de que façamos parte. Falamos de uma democracia participativa que vai muito para além do cumprimento das regras da democracia representativa, para se situar na vida mesma, na realidade vivida de todos os dias – na família, na escola, no escritório, na fábrica, nos campos, nas ruas, etc. –, na capacidade de cada um se envolver na transformação de tudo o que possa contribuir para a construção de um viver social melhor.

- **Na vertente do mundo actual:** encontramos todos os problemas e interrogações – identidade, diversidade, exclusão, desenvolvimento, segurança, etc. – que se colocam às sociedades actuais, em contínua mudança científica, técnica e social, sobretudo, devido ao fenómeno da globalização.

Estas questões têm uma abrangência e um enfoque distintos, conforme os países e as situações sociais, há, por isso, uma dimensão histórica e cultural que importa ter sempre presente. Em nosso entender, tão importante como os conhecimentos democráticos são as questões de identidade. Saber quem somos, enquanto membros duma comunidade, é fundamental para que nos possamos situar em relação a nós próprios, aos outros e à sociedade em geral. Isso supõe que nos interroguemos sobre marcas importantes do nosso passado e da nossa cultura.

Na realidade, partilhamos uma pertença comum ao país – à sua língua, história, tradições, música, poesia, literatura, arquitectura, etc. –, ainda que todos tenhamos, igualmente, outras pertenças – a uma família, a um grupo social, a uma etnia, a uma religião, etc. A identidade cultural não é uma noção simples e unívoca e nem se esgota nestes traços visíveis que podem ser aprendidos por pessoas de outras nacionalidades. De resto, há quem conheça bem a nossa língua e também aspectos da nossa cultura (tal como nós conhecemos outras línguas e outras culturas), e nem por isso passe a sentir-se português ou a viver, de igual modo, os símbolos, os sonhos, as grandezas e as derrotas deste povo. Há, na identidade cultural, aspectos invisíveis, de pertença profunda, vividos ao nível dos sentimentos, algo que não pode ser explicado, mas que constitui um aspecto decisivo para o viver individual e social das pessoas.

É por isso que é tão importante o respeito pela diversidade cultural, pelas culturas minoritárias, tanto das que vivem entre nós, desde há décadas ou até séculos, como das que chegaram nos últimos anos, resultado dos fluxos migratórios recentes. Somos uma sociedade heterogénea – com reflexo e expressão em muitas escolas e, até, em muitas turmas – aqui vivem e convivem culturas de origem africana, eslova, brasileira, asiática, etc. – e também diferentes grupos religiosos – católicos, protestantes, islâmicos, hindus, etc.

O importante é poderem interagir de igual para igual, na valorização das diferenças, num permanente diálogo intercultural, partilhando com naturalidade os valores e os saberes das respectivas culturas.

A exclusão social é uma outra importante questão da nossa sociedade. Nem todas as pessoas têm garantidos os direitos sociais básicos – alimentação, educação, saúde, casa, trabalho, etc. Os sem-abrigo, que vagueiam pelas grandes cidades, constituem, talvez, o caso mais grave. Vítimas de sucessivas exclusões – familiar, escolar, laboral, social, etc. – e de múltiplos problemas – desemprego, alcoolismo, toxicod dependência, doenças, etc. – muitos nem sequer beneficiam das prestações sociais a que têm direito, por não terem morada ou documentos válidos.

Igualmente preocupantes são as situações de pobreza. Gerações sucessivas de pessoas a viver no limite da sobrevivência, às vezes, sem as condições mínimas a uma vida digna – encontramos nesta situação não só os idosos com pensões muito baixas, mas também os trabalhadores rurais com emprego sazonal ou os grupos de operários com o salário mínimo e um trabalho precário. Em muitos casos, também os desempregados recentes ou de longa duração e até alguns jovens à procura do primeiro emprego.

Os baixos níveis de escolaridade e a falta de qualificação profissional, que impedem muitas pessoas de aceder a determinados postos de trabalho, são igualmente factores importantes de exclusão social. Hoje, há, já, quem fale em exclusão digital, pessoas que, por não dominarem aspectos técnicos no acesso a Redes de Informação, podem ficar excluídos de determinado desempenho profissional. Na verdade, estas novas formas de “analfabetismo” constituem dificuldades ao exercício dos direitos sociais e económicos.

Também as questões ambientais, de desenvolvimento, de paz e de segurança são problemas de cidadania global que as sociedades têm de enfrentar. Desde logo, a preservação e a utilização racional dos recursos naturais – a água, o tratamento dos lixos, a poluição, a destruição das florestas, os incêndios, a desertificação, o desordenamento do território, o superpovoamento das cidades, etc.

– mas também o desenvolvimento – a qualificação dos recursos humanos, a formação escolar e profissional das populações, a integração sustentada das tecnologias, de forma a criar as bases sólidas de um progresso continuado. Sem isto, os desequilíbrios entre os que têm muito e os que nada têm permanecerão e tenderão a agravar-se, com as consequências que conhecemos ao nível da pobreza, da fome, das doenças, dos conflitos, etc.

Obviamente que muitos outros problemas se colocam (e se colocarão, no futuro) às sociedades, basta ver os telejornais. Dificilmente os poderíamos enunciar a todos, importa sensibilizar para a sua abordagem na perspectiva da cidadania e os professores se encarregarão de investir na informação e na reflexão sobre os mesmos.

- **Na vertente processual:** não podemos deixar de ter presente que tão importante como os conteúdos são os processos, o modo como se aprende, constrói e vive a cidadania. No modo “como se aprende”, temos todas as questões de estratégia metodológica e no modo como se “constrói e vive” temos todos os procedimentos de consciencialização e acção.

É importante ter conhecimentos sobre como se pode reflectir, debater, criticar e intervir. Sabemos que não se pode debater sem ter informações sobre os assuntos em discussão ou sem ter a capacidade de elaborar argumentos, justificar posições, escolher a melhor alternativa, encontrar consensos e estabelecer compromissos. De igual modo, não se podem realizar projectos sem saber como os conceber e planificar, como desenvolver as actividades, organizar os recursos e avaliar os processos e os resultados.

Importa, igualmente, ter conhecimentos sobre o modo de agir, sobre as práticas concretas. Por exemplo, tão importante como saber que temos direito à assistência médica é saber como fazer para reivindicar e assegurar esse direito – o que o próprio deve fazer, a quem se deve dirigir, o que devem fazer as instituições, etc.

- **Na vertente dos princípios e valores dos direitos humanos e da cidadania democrática:** já nos referimos a estes valores na vertente jurídico-política, porque não nos parece possível conceber a cidadania sem a democracia e o respeito pelos direitos humanos. Na realidade, falamos dos valores da pessoa – independentemente da raça, sexo, etnia, religião, língua, cultura, etc. – do respeito pela sua dignidade, contra qualquer tipo de discriminação, e do compromisso com o desenvolvimento pleno das suas qualidades essenciais, seja qual for a situação ou o lugar do mundo em que as pessoas se encontrem.

O objectivo fundamental é garantir que isto aconteça. Por isso, não chega assinar declarações e tratados internacionais, é preciso tornar os direitos humanos efectivos, na especificidade das situações, aí, onde se tornam importantes questões de cidadania, com reflexo ao nível dos indivíduos e da sociedade. Por exemplo, a igualdade de género – um problema que séculos e milénios de cultura não resolveram, no que respeita à família, às relações sociais, ao trabalho, etc. –, mas também as questões ligadas ao bem-estar social, à saúde, à alimentação, à educação, etc.

Competências éticas e de escolha de valores

Na realidade, embora a educação para a cidadania não seja uma educação moral, o viver com os outros supõe (e exige) a consideração de valores éticos – liberdade, respeito e justiça social – e por isso é muito importante desenvolver competências desta natureza.

Como sabemos, não chega distribuir uma fotocópia com os princípios e valores a respeitar e os direitos e deveres a cumprir, porque dificilmente estes serão aceites sem que os alunos compreendam por que são necessários, bons e justos, e também por que são preferíveis a outros. A adesão aos valores e às regras não pode ser imposta do exterior, é preciso que cada um a construa por si (e em si), de forma racional, reflectida e crítica, começando pelos valores da liberdade, do respeito, da igualdade, da justiça, da democracia, dos direitos humanos, etc. – de modo a torná-los significativos e presentes nas escolhas e acções quotidianas.

Essa construção passa, sobretudo, pela análise e discussão de situações concretas. Não é uma coisa difícil. Basta reflectir sobre os nossos actos, as nossas iniciativas, para nos descobrirmos pessoas capazes de agir por vontade própria, de introduzir mudanças, de alterar processos e de criar coisas novas – sentimo-nos (e somos) pessoas livres e isso constitui a nossa autonomia. Igual reflexão sobre as nossas acções mostrará se o que fazemos pode ser considerado bom e com valor e sermos por isso pessoas estimáveis, autónomas e responsáveis.

Acontece que todas as outras pessoas são igualmente capazes de pensar, de ter iniciativas, de se expressar, de agir, etc., com estima, autonomia e responsabilidade, deste modo, o respeito pelas liberdades individuais de qualquer ser humano é o mínimo que podemos fazer por nós e pelos outros. O respeito, valor que garante a liberdade de cada um, passa a ser essencial nas relações interpessoais.

Contudo, na comunidade, as relações sociais vão muito para além do indivíduo e das relações interpessoais, somos responsáveis pelo que fazemos e pelo respeito que devemos a todos os outros, conhecidos ou não, com quem nos relacionamos directa ou indirectamente. A este nível, só as instituições podem garantir a igualdade entre todos os cidadãos, desde logo, através da distribuição justa de bens sociais – educação, trabalho, saúde, tempos livres, etc. A justiça é para a sociedade o que a liberdade é para o indivíduo e o respeito para a relação interpessoal. Supõe a consciência do bem comum e das responsabilidades sociais que todos devemos assumir – cumprir as leis, trabalhar para o bem público, pagar impostos, ser solidário, envolver-se em movimentos sociais, lutar por causas justas, etc.

Temos ainda que ter em conta que, para lá destes valores éticos, universais, há os valores particulares, relativos às crenças, ideologias, tradições culturais, etc. – reencontramos, aqui, a questão das múltiplas pertenças e identidades, aspectos decisivos quando valorizamos, escolhemos e agimos.

Competências de acção ou sociais

A participação não pode fazer-se de qualquer maneira, temos de ter consciência do que significa participar – saber por quê, com que objectivos e com que consequências – e das condições que temos para o fazer. A preocupação deve ser sempre a de uma participação discutida, reflectida e responsável.

Podemos começar pelo contexto social mais próximo, pois não faltam à nossa volta inúmeras dificuldades ao exercício dos direitos de cidadania política, social, económica e cultural, problemas sobre os quais nos podemos pronunciar e intervir – o imigrante ilegal que não tem documentos; o grupo de ciganos que vive em profunda exclusão; o condutor que conduz embriagado, pondo em perigo a sua vida e a dos outros; as crianças em risco, abandonadas ou negligenciadas; etc.

Perante qualquer destes problemas, devemos questionar: - Que direitos de cidadania estão em causa? Em que aspectos, e de que modo, este problema interfere na vida de todos? O que cada um de nós pode fazer? O que podem fazer as instituições?

As respostas aos problemas de cidadania implicam a sociedade no seu conjunto, tudo diz respeito a todos, temos de concertar esforços para que as respostas sejam as mais adequadas e eficazes, daí a importância das associações, dos movimentos de opinião e dos projectos de parceria com instituições públicas e privadas. Sabemos que nem todas as escolas participam em projectos na área da cidadania e que a participação dos alunos também fica muito aquém do desejado, quer nas associações escolares quer nas associações da comunidade, à excepção das desportivas.¹³

Uma nota de problematização

Breves comentários para realçar a importância de um quadro teórico e ao mesmo tempo a necessidade de o problematizar, de modo a torná-lo significativo nas práticas.

É inegável que o quadro conceptual de Audigier nos permitiu pensar. Foi por isso útil. Contudo, o que fizemos, fundamentalmente, foi a análise (e alguma discussão) das questões da cidadania, partindo dos conceitos e tendo em atenção a nossa realidade, num esforço de contextualização que não podemos deixar de considerar. Em nosso entender, qualquer quadro permitiria fazer isto, porque os conceitos fundamentais são comuns – leis, democracia, ética, identidade(s), integração social, problemas locais e globais – difere, sobretudo, a perspectiva, o que não parece decisivo.

Outro aspecto importante é a transversalidade e a interdependência das diferentes competências de cidadania. Daí que Audigier saliente a necessidade da sua integração ao nível da acção: “por exemplo, a resolução pacífica dos conflitos implica conhecimentos sobre os princípios democráticos que organizam esta resolução, uma atitude pessoal que domine a própria violência e não faça justiça pelas próprias mãos, e capacidades de acção ligadas ao debate”.¹⁴ De facto, qualquer questão de cidadania supõe competências cognitivas, éticas e de acção.

No que se refere às competências cognitivas, não se justificaria, a nosso ver, abordar “os princípios e valores dos direitos humanos e da cidadania democrática” de forma separada, uma vez que consideramos que há aspectos que são supostos fundamentais da vertente jurídico-política, podendo ser integrados aí; tal como há outros aspectos que, pela sua natureza, poderiam ser integrados nas competências éticas.

¹³ Cf. *Conhecimentos, concepções e práticas de cidadania dos jovens portugueses – um estudo internacional* (2005), DGIDC, pp. 99.

¹⁴ Cf. F. Audigier, «Compétences clés» in *Concepts de base et compétences-clés pour l'éducation à la citoyenneté démocratique* (2000), Conseil De L'Europe, p.23.

Por último, referir que não encontramos agrupadas, numa categoria separada, como fazem alguns autores, as motivações e os interesses, tão importantes à hora de agir, e que decorrem não apenas de um quadro de valores mas, sobretudo, da proximidade e da ligação afectiva aos problemas. Audigier coloca estes aspectos na relação com a escolha dos valores, quando fala da “atitude pessoal”.

2 - Abordagem pedagógica da cidadania

Claramente as abordagens transversais e integradas, com capacidade de aliar teoria e prática, reflexão e acção, são as que melhor respondem ao desenvolvimento das competências enunciadas. Faremos de seguida uma referência sumária aos princípios que devem orientar o trabalho pedagógico, bem como aos processos metodológicos que consideramos fundamentais.

2.1 – Princípios orientadores do trabalho pedagógico

- Articulação da Educação para a Cidadania – componente transversal aos currículos – com a Formação Cívica – área curricular não disciplinar – de acordo com os programas das respectivas disciplinas e de forma consistente com o Plano Curricular de Turma, definido e desenvolvido pelo Conselho de Turma.
- Abordagem integrada dos temas e questões, ao nível dos conhecimentos, das competências, das atitudes e dos comportamentos. A acção cívica depende daquilo que conhecemos, temos capacidade de fazer e valorizamos.
- Abordagem transversal e interdisciplinar das questões da cidadania, integrando o contributo das diferentes disciplinas, privilegiando as actividades interdisciplinares e o trabalho com carácter de projecto.
- Uma construção prática, utilizando metodologias activas, de colaboração, de reflexão e de participação, possibilitando atitudes e comportamentos informados, autónomos, responsáveis e solidários.
- Uma perspectiva situada e ao mesmo tempo abrangente de todos os temas e questões, partindo da experiência e dos conhecimentos dos alunos, indo do local para o geral, do bairro para a cidade, do país para a Europa e o mundo.
- Um processo de aprendizagem inscrito na sociedade e nos seus problemas, numa abertura recíproca escola/sociedade, partilhando projectos e iniciativas, formando parcerias e concertando actividades.
- Avaliação contínua dos processos de trabalho, suprindo lacunas, reajustando procedimentos, procurando sempre melhorar os efeitos/resultados.

2. 2 – As metodologias fundamentais

Processos de trabalho cooperativo

Falamos do trabalho de grupo, onde a colaboração e a entre-ajuda são factores decisivos. Grupos heterogêneos que favoreçam a aprendizagem entre pares, pela troca de experiências pessoais e sociais diversas, cada um colocando ao serviço de todos as suas competências individuais. Um trabalho organizado, sem qualquer tipo de competição, com regras negociadas, claras e simples, que possam ser cumpridas e promovam atitudes e comportamentos democráticos. Podem organizar-se trabalhos de grupo para debater qualquer tipo de questões, procurar consensos, resolver problemas, fazer trabalhos de investigação, estudos de caso, projectos, acções concretas, etc.

Processos de trabalho reflexivo

A discussão permite clarificar posições e conhecer mais sobre determinado assunto e, assim, poderemos ajuizar e decidir com outra consciência do que está em causa. As estratégias de pensamento e de reflexão são variadas, podem ir do normal questionamento/perguntar e responder, à expressão livre de ideias – *brainstorming* – ao debate aberto ou mais ou menos estruturado, como acontece na discussão em painel, na mesa redonda, etc.

O importante é que cada um tenha oportunidade de exprimir o que pensa e, ao mesmo tempo, possa desenvolver valores e atitudes democráticas – saber ouvir, argumentar, criticar, contestar, reivindicar, justificar, etc. – num confronto plural que vise o consenso e a melhor escolha possível.

Processos de resolução de problemas

Envolve estratégias de análise e de discussão. O importante é discutir abertamente todas as alternativas, perceber qual a melhor e apresentar as razões justificativas. Saber dizer “por quê” é fundamental, para que haja uma maior consciencialização e uma maior responsabilidade.

Podem ser problemas do quotidiano dos alunos, desde as questões ligadas à educação, à saúde, à participação cívica, à adolescência, aos riscos juvenis, à prevenção de doenças, ao consumo, à educação rodoviária, etc. Podemos também utilizar esta metodologia para abordar valores de natureza moral, utilizando a discussão de dilemas morais e a discussão de valores.

Discussão de dilemas morais: a partir de pequenas histórias da vivência dos próprios alunos ou da realidade social, é possível desenvolver o raciocínio ético. Todas as posições têm de justificadas e responsabilizantes: “eu acho que devia ser assim, porque...”; “acho isso bem, porque..” “não acho justo, porque...”, com referência a valores éticos, nomeadamente à justiça.

Discussão de valores: todos os valores são para discutir, para colocar em questão, só um é absoluto – a tolerância. Os valores não podem ser impostos por outrem nem escolhidos em grupo, é cada indivíduo que, de forma discutida e ponderada, antecipando e medindo as consequências, faz as suas escolhas, sabendo que isso implica defendê-las publicamente e integrá-las nas suas atitudes.

É a necessidade do compromisso público que garante o valor moral, pois, não parece razoável que alguém se queira comprometer com valores que ponham em causa a vida, o bem estar das pessoas, os direitos humanos, as leis democráticas do país, etc.

Processos de negociação, acordo e contrato

Muitas vezes, a multiplicidade de causas e a persistência dos problemas e conflitos torna difícil não só uma solução como a sustentabilidade da mesma, daí a importância de acordos viáveis que envolvam confiança, responsabilidade e empenhamento.

Não interessa fazer acordos para não cumprir, seria o descrédito da própria estratégia. O fundamental, numa negociação, é a intenção de chegar a um consenso, a um bom acordo, sendo que uns e outros têm de estar dispostos a fazer cedências, a bem da melhor solução possível. Às vezes, é importante um negociador neutro, um facilitador, que ponha as partes em conflito frente a frente. A mediação é uma estratégia similar, alguém próximo e da confiança das partes em conflito faz tudo para que o entendimento seja alcançado.

Na escola, podem utilizar-se estas estratégias para resolver problemas de indisciplina, de preservação dos espaços comuns, de utilização dos equipamentos desportivos, etc.

Role play/simulação de papéis

Os participantes vão representar/simular papéis e situações sociais que podem estar muito distantes daquilo que já alguma vez experimentaram ou tiveram conhecimento. Têm por isso de se transportar para lugares, épocas, culturas e contextos sociais muito diferentes dos seus.

Mais do que colocar-se no lugar do outro, que a questão dos valores também envolve, aqui, trata-se de “ser” o outro, vivendo a situação como se fosse o/a protagonista, o que implica, num primeiro momento, informações sobre todos os aspectos, nomeadamente sobre o enquadramento social, económico, político, cultural, etc. É uma boa oportunidade para os alunos pesquisarem sobre as situações e as pessoas envolvidas.

Num segundo momento, trata-se de uma aproximação às características exteriores e interiores da personagem. Não chega saber a cor do cabelo ou a roupa que deve vestir, é preciso perceber o modo de reagir e de agir da personagem, e isso passa por conhecer aspectos do seu pensamento e da sua psicologia. É igualmente importante conhecer as relações que cada um deve estabelecer com os outros participantes, para que tudo pareça o mais real possível.

Por isso, o jogo de papéis tem de ser preparado, pode-se pedir aos alunos/actores que falem sobre a sua personagem – idade, situação, modo de vida, pensamento, etc. – e que “ensaiem” aspectos de improvisação.

No final, pode debater-se a situação representada, perguntando aos espectadores e também aos actores sobre o que sentiram, pensaram, julgam poder acrescentar, comentar, etc.

Acções concretas

As acções, mesmo as que parecem isoladas, como a participação em campanhas ou em manifestações, têm de fazer parte de um plano, ter um enquadramento, uma justificação e cumprir um objectivo.

Evidentemente que se fizerem parte de um plano, de curto e médio prazo, com fases intermédias, muito bem definidas e com finalidades claras, integram o chamado trabalho de projecto, metodologia que permite alcançar resultados importantes ao nível da intervenção cívica. É, sobretudo, ao nível dos projectos que se desenvolvem as parcerias e as colaborações mais significativas com outras pessoas e instituições e também o trabalho de voluntariado em associações.

Referências Bibliográficas

- AFONSO, M. R. (2005), *Trabalhar os direitos humanos em contexto escolar – da compreensão aos instrumentos*. Lisboa, DGIDC/ME.
- AFONSO, M. R. (2005), *Construir e viver a cidadania em contexto escolar*. Lisboa, Plátano Editora.
- AUDIGIER, F. (2000), *Concepts de base et compétences-clés pour l'éducation à la citoyenneté démocratique*. Genève, Conseil de l'Europe.
- BOAVENTURA, S. S. (1998), *Reinventar a democracia*. Lisboa, Fundação Mário Soares.
- DEB (2001), *Currículo Nacional do Ensino Básico – competências essenciais*. Lisboa, Ministério da Educação/DEB.
- DEB (2001), *Educação Integração Cidadania*. Lisboa, Ministério da Educação/DEB.
- DEB (2001), *Novas Áreas Curriculares*. Lisboa, Ministério da Educação/DEB.
- DeSeCo (2002), *Fondements Theoriques et Conceptuels*. OCDE.
- FAULKS, K. (2000), *Citizenship*. London, Routledge.
- FONSECA, A. M. (2000), *Educar para a cidadania: motivações, princípios e metodologias*. Porto, Porto Editora.
- HENRIQUES, M.; RODRIGUES, A.; CUNHA, F.; REIS, J. (2000), *Educação para a Cidadania*. Lisboa, Plátano Editora.
- IED (1983), *Valores e Atitudes dos Jovens*. Lisboa, Instituto de Estudos e Desenvolvimento.
- MENEZES, I. (1995), *Educação Cívica em Portugal: um estudo preliminar*. Lisboa, Instituto de Inovação Educacional/Ministério da Educação.
- MENEZES, I.; AFONSO, M. R.; GIÃO, J.; AMARO, G. (2005), *Conhecimentos, concepções e práticas de cidadania dos jovens portugueses - um estudo internacional*. Lisboa, DGIDC/ME.
- MONTEIRO, A. R. (2001), *Educação para a cidadania: textos internacionais fundamentais*. Lisboa, Centro de Investigação em Educação.
- NOGUEIRA, C. (2001), *Cidadania - construção de novas práticas*. Lisboa, Edições Asa.
- RICOEUR, P. (1991), *Soi-même comme un autre*. Paris, Ed. Seuil.
- PRIGOGINE, I. ; MORIN, E. (1998), *A sociedade em busca de valores*. Lisboa, Instituto Piaget.
- MIN. ED., (2000) *Promover a Cidadania Europeia - lutar contra a xenofobia e o racismo nas escolas*. Lisboa, Ministério da Educação.
- PAIS, J. M. (Coord.) (1998), *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- PRAIA, M. (1999), *Educação para a cidadania: teorias e práticas*. Porto, Edições Asa.
- PUREZA, J. M. et al. (2001), *Educação para a Cidadania Democrática. Relatório Final do Grupo de Acompanhamento do Projecto Europeu*. Lisboa, GAERI/IIIE/Ministério da Educação.
- RIBEIRO, A. et al. (1998), *Repensar a cidadania: nos 50 anos da Declaração Universal dos Direitos humanos*. Lisboa, Editorial Notícias.
- SAVATER, F. (1993), *Ética para um Jovem*. Lisboa, Editorial Presença.
- VALA, J. (1999), *Expressões dos racismos em Portugal*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.

II Parte

Boas-Práticas de Cidadania ... alguns exemplos

- Nas Áreas Disciplinares
- Na Formação Cívica
- Em Trabalhos de Projecto
- Nas Actividades de Complemento Curricular

1 – Áreas disciplinares - aulas planificadas

As questões de Educação para a Cidadania são transversais aos currículos, por isso muitas das disciplinas integram temas que podem ser trabalhados do ponto de vista da cidadania, se o professor tiver consciência disso e souber colocá-las na perspectiva do viver com os outros.

Incluímos cinco disciplinas, cujas propostas entendemos indicativas do tipo de trabalho que é possível realizar:

- Português
- História
- Francês
- Educação Musical
- Educação Física

Disciplina: Português

Tema: O mirandês¹⁵

Oralinda Melro, Escola Básica 2, 3 Damião de Góis, Lisboa.

Público-Alvo: 2º ciclo

Duração: 90 m

Objectivos:

- Compreender a importância da língua materna.
- Conhecer o direito de cada um a expressar-se na sua própria língua.
- Conhecer aspectos da cultura mirandesa.

Estratégias metodológicas:

Estudo de caso; pesquisa; debate.

Desenvolvimento das actividades:

- O professor apresenta de forma sucinta o estudo de caso, salientando aspectos fundamentais do ambiente social e humano dessa aldeia transmontana; a seguir, lê e analisa o texto com os alunos, questionando: - Por que seria que o professor não queria falar mirandês? Por que não autorizava que o menino falasse a sua “língua”? Acham bem ou mal? Como se sentiu o menino? Por que fugiu algumas vezes da escola? Alguma vez esqueceu a sua língua? Quando viu o menino de Sendim reconhecida, na lei, a sua “língua”?
- A seguir, lê e comenta o artigo 30 da CIDC:¹⁶ “Toda a criança tem direito de falar a sua língua, praticar a sua religião e os seus costumes, mesmo se a sua família tiver costumes diferentes da maioria das outras famílias do país onde vive”.
- Discussão com os alunos sobre formas de continuar o estudo de caso sobre “o mirandês”, elaborando planos de pesquisa diversos: consultas na Internet, em documentos (livros, dossiers, cartas, artigos de imprensa, ...), visita a instituições, entrevistas a pessoas, visionamento de vídeos, etc.

Material: texto “O menino de Sendim”; Convenção Internacional dos Direitos das Crianças.

Prosseguir o estudo de caso

Desenvolver trabalhos de pesquisa, em trabalho autónomo; apresentação dos dados recolhidos à turma; discussão para complementar informações e confrontar opiniões.

Consultar o site: www.eb2-miranda-douro.rcts.pt/mirandes/mirandes.html

¹⁵ A ficha que aqui apresentamos foi elaborada por nós, uma vez que a professora apenas fez a apresentação oral do estudo de caso.

¹⁶ CIDC – Convenção Internacional dos Direitos das Crianças.

Texto de Apoio

O menino de Sendim

Sendim, distrito de Bragança, por volta de 1960. Um menino foi para a escola. Ávido de aprender muitas coisas como ler e escrever ficou estupefacto logo no primeiro dia. O professor não falava mirandês mas sim português – como na aldeia se dizia, falava “à senhor” – e não era permitido usar o mirandês. Toda a sua curta vida falara com a mãe, o pai, os irmãos, os vizinhos em mirandês e agora o sr. professor não autorizava que falasse a sua língua !!!

Sentiu-se perdido, com vontade de fugir da escola, nunca mais ali pôr os pés (chegou a fazê-lo algumas vezes), mas queria aprender a escrever, a ler... No seu coração, aquilo significava uma grande injustiça, sentiu-se humilhado, sentiu que o professor não era justo, que estava a ir contra a sua forma de se expressar – a dele e a de todos da aldeia – mas resignou-se ao português padrão e lá persistiu em ir à escola aprender na língua “dos senhores”.

Cresceu, continuou a estudar, a trabalhar, formou-se em leis, mas lá no fundo do seu coração nunca esqueceu a sua “língua”; continua a falá-la com os seus pais, irmãos, toda a família e conterrâneos, não desistiu de mostrar aos “senhores” da outra língua, a maioritária, que a dele existia, e que não era menos digna só porque era falada por uma minoria, merecia ser respeitada. Quando em pequeno se sentira discriminado na sua própria terra por causa de um bem cultural que para ele era algo inquestionável, e com grande esforço reprimia a sua “língua” para aprender a do professor, lá bem no fundo do seu pequeno mas resolutivo coração decidiu que um dia veria reconhecida a sua querida “língua”.

É claro que mais tarde compreendeu que o regime político do país na sua meninice não lhe dava o direito de aprender nas duas línguas. Também os índios guarani não podiam, na escola, falar a sua língua. Se foi crucial a acção da UNICEF e da UNESCO para que fosse permitido aos meninos guarani aprenderem também na sua língua autóctone, apesar da dimensão dos falantes de mirandês não atingir números tão elevados como os dos índios, este exemplo, que aqui apresento, é uma questão de defesa dos direitos culturais de uma minoria de falantes de uma língua minoritária em Portugal.

Com muito empenho, unindo esforços com outros amantes da referida língua, com alguns livros publicados em mirandês (a maior parte poesia), aquele menino de Sendim viu, em finais do século XX, ser reconhecida na lei a sua língua/língua, o mirandês. E continua a escrever e a falar como muitos na sua “língua”.

Maria Oralinda do Rosário Ginja Melro, EB 2, 3 Damião de Góis, Lisboa.

Disciplina: História

Tema: A escravatura

Rui Matias, Escola Básica 2, 3 de Aradas, Aveiro.

Público-Alvo: 3º ciclo/9º ano

Duração: 90 m +...

Objectivos:

- Identificar formas de escravatura do passado e actuais.
- Compreender a importância da luta pela liberdade e dignidade humanas.
- Desenvolver a consciência crítica acerca de violações de direitos humanos na história e na actualidade.

Estratégias metodológicas:

Análise de conceitos; visionamento de partes de um filme; discussão/debate; produção de textos.

Desenvolvimento das actividades:

- Discussão com os alunos sobre os conceitos de escravatura, tráfico de escravos/o tráfico humano, o racismo.
- Visionamento de excertos do filme “ Amistad” de Steven Spielberg – questionário para exploração do filme.
- Identificação do conceito histórico de escravatura.
- Leitura, análise e interpretação de um texto extraído da revista Única do Jornal Expresso, de 18 de Abril de 2003, sobre o tema.
- Indicar e discutir as novas formas de escravatura – o tráfico de seres humanos, determinadas formas de trabalho infantil, doméstico e outro.
- Referir os artigos da Declaração Universal dos Direitos do Homem que são violados, na actualidade.
- Elaboração de textos ou cartazes, em grupo, sobre a violação dos direitos humanos.

Material: filme; textos; Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Disciplina: Francês

Tema: O racismo

Maria Helena Cabeleira, Escola Básica 2, 3 Damião de Góis, Lisboa.

Público-Alvo: 3º ciclo/9º ano

Duração: 90 m+90 m

Objectivos:

- Reconhecer o racismo como uma importante violação dos direitos humanos.
- Reconhecer e valorizar as diferenças.
- Ter um papel interventivo na escola e no meio local.

Estratégias metodológicas:

Observação de imagens; análise de textos; *brainstorming*; debate; trabalho de grupo.

Desenvolvimento das actividades:

- Observação das imagens e legendagem das mesmas.
- *Brainstorming* a partir da expressão “cooperation internationale”, fornecida pelo professor (ex: solidarité, aide, mort, guerre, organisation, misère, justice, violation, racisme, droits...). Os alunos organizam o vocabulário em duas listas e redigem frases com as palavras registadas (ex: solidarité, aide, ...; mort, guerre, ...).
- Leitura e interpretação do texto “Je suis de tous les pays” de modo a introduzir o tema do racismo.
- O professor regista, no quadro, o início da frase: “Être raciste, c’est ...” e os alunos em pequenos grupos completam-na.
- Leitura e análise do texto “Tintin est-il raciste?” Questionam-se os alunos solicitando-lhes que respondam à questão colocada pelo texto; os alunos tomam consciência de que o racismo também está presente na literatura, neste caso, na banda desenhada e quiçá no meio em que se inserem.
- Distribuição da fotocópia da DUDH¹⁷ e leitura da mesma, solicitando aos alunos que, em grupos, pesquisem como se iniciou e evoluiu para a luta pelos direitos humanos.
- Interpretação da imagem sobposta à DUDH e das frases “Não quebre esta corrente” e “Leia e divulgue. Quem sabe se a humanidade sai do papel”.
- Conclusão dos alunos para uma atitude de intervenção em defesa dos direitos humanos e da solidariedade, quer na escola quer na sociedade, sobre o racismo/luta contra o racismo.

Material: fotocópias com imagens sobre o tema; fotocópias com textos; fotocópia da DUDH; cartolinas.

¹⁷ DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Textos de Apoio¹⁸

Je suis de tous le pays

Je suis de tous le pays
De toutes les couleurs
Je chante avec mes amis
La chanson du bonheur

Je m'appelle Carmen ou Marie- France
Peut-être Yasmine ou Rebecca
J'ai oublié où je suis née
Jérusalem ou Yaondé
Alger, Tunis ou bien Rabat
De toute façon quelle importance?

(refrão)

J'ai habité un peu partout
Un oasis en plein désert
Un bel igloo sur la banquise
Un cabanon aux îles Marquises
Une villa au bord de la mer
Et un château je ne sais plus où.

(refrão)

Avec mes potes multicolores
on est toujours de bonne humeur
mais ce n'est pas facile
d'ignorer tous les imbéciles
qui nous accusent d'être voleurs
parce qu'on n'est pas de la bonne couleur!

On est de tous les pays
de tous les couleurs
bleu blanc rouge et aussi beur
on chante entre amis la chanson du bonheur
la chanson du bonheur

Discussion: Tintin est-il raciste

Il y a quelques mois, une bibliothèque de Londres a décidé de ne plus acheter d'albums de Tintin. Pourquoi? «Parce que les histoires de Tintin sont racistes», a dit la bibliothèque.

Voici les arguments: dans beaucoup d'albums, Tintin part en Afrique ou en Asie. Les Africains et les Asiatiques qu'il rencontre sont souvent stéréotypés et paraissent même un peu bêtes. Ils échappent au danger seulement grâce à l'intelligence supérieure de Tintin et du capitaine Haddock.

Mais certains ne sont pas d'accord avec la bibliothèque. Ils disent que Tintin et ses amis défendent toujours les victimes noires ou blanches. Par exemple, dans CoKe en stock, le capitaine Haddock veut sauver les noirs de l'esclavage. Alors, raciste ou non? Q'en penses-tu?

¹⁸ No material entregue pela professora, os textos não têm referência bibliográfica.

Disciplina: Educação Musical

Tema: A orquestra dos direitos humanos

Maria de Fátima Rodrigues, Escola Básica 2, 3 de Marvila, Lisboa.

Público-Alvo: 2º ciclo/5º ano

Duração: 45 m

Objectivos:

- Identificar os direitos humanos.
- Identificar as características dos direitos humanos.
- Compreender a importância da interdependência dos direitos humanos.

Estratégias metodológicas:

Trabalho de grupo; perguntas e respostas; relacionar os direitos humanos com os instrumentos de uma orquestra clássica.

Desenvolvimento das actividades:

- O professor pede à turma para se organizar em quatro grupos; a cada grupo será entregue uma família de instrumentos de orquestra – cordas, sopros de madeira, sopros de metal e percussão; em cada cartão com um instrumento, está escrito, no verso, um Direito Humano – vida, identidade, intimidade, informação, propriedade, habitação, saúde, educação, liberdade, justiça, brincar, cultura, igualdade, família, alimentação, protecção, nacionalidade, religião e liberdade de expressão.
- Em grupo, os alunos vão tentar explicar os direitos correspondentes aos instrumentos que têm, sem verbalizar o respectivo direito – ex. tenho direito a ter uma crença e posso praticá-la sozinho ou acompanhado (religião).
- O professor dá um exemplo com o cartão do maestro: “Tenho este direito porque foi para isso que eu nasci”. Os alunos tentam adivinhar qual o direito em causa (vida) e quando surgir a resposta certa o professor coloca o cartão de maestro no placar.
- Por grupos, os alunos vão apresentar os respectivos direitos e, à medida que vão surgindo as respostas certas, vão colocando os instrumentos nos locais respectivos do placar.
- Quando estiverem colocados todos os instrumentos, o professor vira o placar ao contrário mostrando aos alunos os direitos humanos.
- O professor, em diálogo com os alunos, explica as características dos direitos humanos e relaciona-as com os instrumentos de uma orquestra clássica.

Material: placar com o nome dos instrumentos, no local onde devem ser colocados (no verso têm crianças de todo o mundo e no centro ficam os direitos humanos); cartões com as imagens dos instrumentos de orquestra e o maestro, no verso de cada cartão estão escritos os Direitos Humanos.

Texto de Apoio

Como numa orquestra...

É possível associar os direitos humanos aos instrumentos de uma orquestra em que todos são necessários, nenhum pode substituir o som de outro e todos estão dependentes uns dos outros. Desta forma, se algum instrumento não estiver presente, haverá numa música espaços em branco, os outros instrumentos perdem a noção de equilíbrio e a música fica alterada e “mais pobre”. Para que uma partitura para orquestra clássica seja devidamente executada é necessária a presença de todos os instrumentos e do maestro.

Cada instrumento deve tocar a sua parte com rigor sem se sobrepor a outros – é o seu dever. Também os direitos humanos são inalienáveis, indivisíveis e interdependentes. Associados aos direitos estão os deveres de cada ser humano.



Anexo 1



Anexo 2

Disciplina: Educação Física

Tema: Os direitos humanos¹⁹

Carla Teixeira, Escola Básica 2, 3 Damião de Góis, Lisboa.

Público-Alvo: ensino básico/2º ciclo

Duração: 90 m

Objectivos:

- Descobrir/conhecer os direitos humanos, em contacto com o meio natural.
- Desenvolver valores de entreatajuda, cooperação e respeito.

Estratégias metodológicas:

Jogo de orientação; perguntas e respostas.

Desenvolvimento das actividades:

- Criar 10 cartões (balizas), a partir dos artigos dos direitos humanos. Em cada baliza, colocar um dos artigos e no verso uma pergunta relativa ao respectivo direito. Cada grupo (dois alunos) terá de encontrar as balizas escondidas com a ajuda de um mapa e responder às questões.
- O mapa será elaborado a partir da planta da escola. Ganha a equipa que chegar primeiro, tendo encontrado todos os cartões e respondido ao maior número de respostas correctas.

Material: cartões feitos a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos (simplificada); planta do espaço onde vai decorrer a prova; ficha de controlo.

Outras possibilidades...

Variantes 1: Os cartões podem ter escrito problemas do mundo contemporâneo – guerra, pobreza, violência, poluição, desemprego, discriminação, trabalho infantil, insegurança, etc. – e pedir no verso uma possível solução ou um comentário.

Variante 2: Os cartões têm numa das faces um valor – liberdade, autonomia, solidariedade, justiça, respeito, igualdade, etc. – e pede-se aos alunos que escrevam uma frase ou refiram uma situação.

¹⁹ A ficha apresentada foi por nós adaptada, no que se refere às actividades referidas nos cartões e às variantes.

2 – Formação Cívica - aulas planificadas

“A Formação Cívica é um espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação para a cidadania, constituindo um espaço privilegiado de diálogo e reflexão sobre experiências vividas e preocupações sentidas pelos alunos e sobre questões relativas à sua participação, individual e colectiva, na vida da turma, da escola e da comunidade. A actividade a desenvolver neste domínio contará com o apoio de um tempo semanal para as sessões de informação e de debate que, entre outros, pode assumir o formato de assembleia de turma”. No 1º ciclo, o professor titular da turma será o responsável. Nos 2º e 3º ciclos, o tempo no horário dos alunos destinado a este fim será atribuído, em princípio, ao Director de Turma”.²⁰

²⁰ Cf. DEB, «Educação, Integração e Cidadania», p.55.

Proposta 1

Tema: Encontrar soluções

Ilda Maria Massano Coelho, Escola Básica do 1º ciclo Horta das Figueiras, Évora.

Público-Alvo: 1º ciclo

Duração: 45 m+...²¹

Objectivos:

- Identificar situações de conflito.
- Identificar as implicações do conflito em relação às personagens envolvidas.
- Desenvolver a capacidade de propor diferentes alternativas de solução.
- Identificar as consequências das alternativas de solução dos problemas (antecipação e previsão de resultados).
- Desenvolver a capacidade de escolher a melhor solução.

Estratégia metodológica principal:

Resolução de conflitos.

Desenvolvimento das actividades:

- Leitura parcial da história; parar a leitura no momento mais complicado do conflito; ouvir a opinião das crianças sobre a continuação da história: - Como se pode resolver este problema?
- Organizar as crianças em grupos (2 ou 3 elementos). Cada grupo terá que encontrar a solução para o problema; escrita da solução (indicações breves); cada grupo apresenta à turma a solução que propõe.
- Discussão na turma dos aspectos positivos e negativos das soluções propostas; registo, no quadro ou em papel cenário, das soluções e suas consequências; discussão e escolha da melhor solução; colocar em prática a situação escolhida pela turma/avaliação das consequências.
- Para concluir, dramatização da situação com o uso de adereços.
- Reunião final com a turma: obtenção de regras fundamentais e universais, na resolução de conflitos (preenchimento de uma ficha); leitura do final da história.

Material: livros de histórias infantis: *Qual é o mais bonito?* Gailivro Edições, 2002; *Os vizinhos da casa azul*, Edições Nova Gaia, 2003.

²¹ O tempo é variável, tem a ver com a dinâmica do trabalho.

Exemplos de conflitos a explorar

Problema/conflito 1

Aos saltinhos entrou no pátio, onde o Pavão se pavoneava, gritando:

- Já viram como sou lindo, por trás? – dizia.
- Que graciosidade, que cores, que delicadeza, que encanto!
- Pff! Também tenho um traseiro bonito – grunhiu o Porco – redondo como um bombom e cor-de-rosa como o fiambre. Até tenho um saca-rolhas e, no entanto, não ando sempre a gabar-me.

A história correu pela quinta. Daí a pouco, todos andavam a contemplar os seus traseiros!

O Gato ostentava uma cauda delgada e nervosa e a garupa do Cavalo reluzia como um móvel bem encerado. O Coelho tinha um pompom, a Cabra um espanador, a Ovelha caracóis e o Galo uma bandeira.

Mas qual era o mas bonito? Todos se interrogavam, até mesmo a Rã.

Excerto do livro *Qual é o mais bonito?* Gailivro Edições, 2002.

- Por que se interrogava a Rã? Poderia ela concorrer? Por quê? Que solução encontrará ela?

Problema/conflito 2

Durante algumas noites, a desarmonia continuou ... Cada noite, novos instrumentos se ouviam ... Clarinetes, tubas, tambores, pratos, acordeões e flautas ... Quando todos os instrumentos se esgotaram na loja de música, já a vizinhança desesperava, sem saber o que havia de fazer para que o sossego voltasse.

O caso dos vizinhos da casa azul já começava a ser conhecido em toda a cidade e ninguém encontrava a solução para que os dois voltassem a ser amigos ...

Excerto do livro: *Os vizinhos da casa azul*, Edições Nova Gaia, 2003.

- Por que está a vizinhança desesperada? Que soluções propõem?

Proposta 2

Tema: Prevenção da violência sobre as crianças
Sílvia Nunes, Escola Básica do 1º ciclo, Dr. João dos Santos, Lisboa.

Público Alvo: 1º ciclo/4º ano

Duração: 45 m+ ...

Objectivos:

- Desenvolver práticas relacionais, corrigindo atitudes e exercitando alternativas socialmente correctas.
- Desenvolver a capacidade de fazer escolhas.
- Identificar valores éticos: responsabilidade, entre-ajuda, amizade, solidariedade, coragem e justiça, entre outros.

Estratégias metodológicas:

Trabalho de grupo; análise; discussão; construção de textos; expressão plástica.

Desenvolvimento das actividades:

- A turma será dividida em grupos, no máximo de quatro alunos, e a professora distribuirá por cada grupo um conjunto de 4 textos; cada grupo lê os textos e debate o facto dos meninos terem agido correctamente ou não na situação descrita e escreverá, no topo de cada texto, a mensagem que este lhes transmite.
- Cada grupo irá apresentar à turma as suas conclusões e debatê-las com os colegas.
- Depois de chegarem à conclusão de que todos os meninos dos textos tomaram a decisão certa, cada grupo irá trabalhar só um texto, sendo a tarefa sugerida a seguinte: partindo de um desses textos (A, B, C, D), terão de inventar a situação contrária, por exemplo, se a Ana (texto B) tivesse aceite o presente que o homem lhe queria oferecer, o que lhe poderia ter acontecido? E a partir daí, chegar às consequências negativas que tal atitude lhe poderia trazer (o mesmo para os outros textos). Cada grupo apresentará os seus trabalhos à turma.
- No final, cada grupo construirá um cartaz alusivo ao tema: “Não à violência”, com o material utilizado e construído na aula e ainda com outros materiais que poderão trazer de casa (procurando em revistas, jornais, etc., imagens, notícias e fotografias que tenham a ver com o tema). Na cartolina, irão expor esta informação da melhor maneira, de modo a alertar os outros alunos da escola para estes perigos (exemplo: nunca fale com estranhos, nunca aceites presentes de estranhos, etc.). Os cartazes serão expostos pela escola, onde todos os alunos os possam ler.

Material: textos fotocopiados e respectivos desenhos; cartolinas (uma por grupo); canetas de feltro; lápis de cores; cola; recortes de imagens, fotografias de revistas.

Variante para os mais novos: no 1º e 2º ano, poderá utilizar-se também a história “O Capuchinho Vermelho” para trabalhar este tema.

Textos de Apoio²²

Texto A:

Era uma vez um miúdo chamado João. Quando os pais lhe disseram que não devia falar com estranhos, ele ouviu com atenção. Um dia, o João ia todo contente quando alguém, que ele não conhecia de lado nenhum, o chamou.

O João não ligou e esse dia chegou a casa muito feliz.

Texto B:

Era uma vez uma miúda chamada Ana. A mãe e a avó disseram-lhe, um dia, para não aceitar nada de estranhos. Um dia, viu uma pessoa crescida lá no bairro que lhe queria dar uma prenda.

A Ana não aceitou e foi a correr contar à mãe e à avó. Todos ficaram contentes com ela.

Texto C:

Era uma vez um menino chamado Rui. O Rui vivia com o pai e a madrasta e mais duas irmãs: a Joana e a Inês. Já andava no segundo ano da escola, quando um estranho o convidou para um passeio. O Rui agradeceu mas não aceitou.

Deu uma corrida e foi juntar-se aos amigos que estavam mais à frente. Contou-lhes o que se tinha passado e todos disseram que a partir dali iriam fazer o mesmo que o Rui.

Texto D:

Era uma vez um grupo de amigos: a Ana, o João, o Rui e a Carlota. Estavam todos a brincar muito contentes quando um estranho se aproximou. Ficaram assustados, porque sabiam que essa pessoa gostava de brincar aos namorados com os meninos.

Prometia muitas prendas mas no fim ficavam todos a chorar. Quando ele chegou, fugiram a correr para os baloiços do parque, onde estavam outros meninos com os seus pais.

A mãe da Matilde até disse: “Muito bem!. Assim é que é ...”. Então, começaram a andar sempre em grupo.

²² Textos sem identificação bibliográfica.

Proposta 3

Tema: Os vizinhos do lado

Maria João Rodrigues, Escola Básica 1º ciclo, Dr. João dos Santos, Lisboa.

Público-Alvo: 1º ciclo/3º ano

Duração: 45 m+45 m

Objectivos:

- Desenvolver atitudes e valores éticos, como a justiça, a coragem, a bondade, a solidariedade, a amizade, a entre-ajuda, a responsabilidade, etc.
- Expressar sentimentos, opiniões e críticas sobre determinadas situações.
- Compreender que, apesar das diferenças, o importante é a amizade e o afecto que nos unem, bem como as atitudes que tomamos e as escolhas que fazemos.

Estratégias metodológicas:

Diálogo; experiências/analogias; leitura e análise do texto; expressão plástica; trabalho de grupo.

Desenvolvimento das actividades:

- O professor inicia uma conversa com a turma sobre o difícil que é termos pessoas próximas que não gostam de nós. Os alunos perceberão que se está a falar da inveja, da falta de ajuda, da má vizinhança, etc.
- O professor propõe-lhes a realização de uma experiência com duas substâncias – pimenta e um pedacinho de sabão azul. Numa tina com água, espalha pimenta e não agita, deixando a pimenta cobrir toda a superfície da água (usa pequenas quantidades de pimenta). Nesta fase, diz-lhes que a água quietinha é a nossa vida, satisfeitos com o que temos. Identifica o sabão azul como sendo a inveja. Agora, toca toda a superfície da água com o pedaço de sabão azul. O que é que acontece? A nossa vida estala toda. O professor deixa-os experimentar.
- Leitura e análise do texto “O árabe e o vizinho”, com a turma; ficha de trabalho sobre o texto.
- O professor divide a turma em grupos e propõe-lhes um desafio: a construção de um cartaz cujo tema se baseie numa história, à escolha, que fale sobre um destes princípios – justiça, liberdade, bondade, solidariedade, respeito, amizade, honestidade, etc. Expõem-se os cartazes na sala de aula ou num espaço comum da escola.

Material: papel cenário ou cartolina; marcadores; lápis de cor; sabão; pimenta.

Para prosseguir a actividade

Envolver os pais nesta actividade. Sugerir que os avós contem uma história verdadeira sobre o assunto proposto: “Os vizinhos do lado”.

Texto de Apoio

“O árabe e o vizinho”

- Esta parede faz sombra – disse um árabe ao seu vizinho
- Ainda bem.
- Não: entenda-me primeiro. Eu estou a queixar-me de que você me rouba o sol com essa parede que levantou aqui ao pé da minha casa.
- Mas, neste infinito deserto, meu amigo, luz é o que não falta. Repara nos teus animais encostados à parede que eu mandei construir, se não estão satisfeitos?

Mas o árabe tanto se lamentava e enfurecia que o vizinho resolveu comprar-lhe o terreno, para não ter que mandar deitar abaixo a sua pequena moradia. O árabe mostrou-se de acordo e foi com os seus animais para outro ponto distante; porém, dia a dia, morriam dois ou três com o calor. Uma tarde resolveu vender alguns.

- Por que razão queres tu vender estes animais? – Perguntou o comprador.
- Porque preciso de dinheiro.
- E para que queres o dinheiro?
- Para levantar uma parede que me dê sombra – respondeu o árabe a olhar tristemente para quatro camelos caídos quase mortos ...

Um conto de António Botto

1 – Completa:

Ai, ai! Pobres camelos! Que homem tonto! Ele pensava que a parede _____ pelo vizinho o prejudicava, porque fazia _____. Afirmava que lhe _____ o sol. Afinal, no deserto, o que mais há é _____, e o que mais falta é a _____. Nem a _____ dos seus camelos lhe mostrava que estava errado.

O bom vizinho _____ o terreno ao vizinho, que muito _____.

- O que aconteceu a seguir foi terrível. Lembras-te?

- O que podemos aprender desta história?

Proposta 4

Tema: Inventar um planeta novo²³

Clara Mendes, Escola Básica do 1º ciclo, nº 25, Sé, Porto.

Público-Alvo: 1º ciclo

Duração: 45 m+45 m

Objectivos:

- Identificar, no mundo que nos rodeia, coisas boas e más.
- Identificar os aspectos menos positivos que era importante mudar para construir um mundo mais feliz.
- Expressar ideias, sentimentos e emoções sobre o novo planeta.

Estratégias metodológicas:

Descrição de situações; *brainstorming*; discussão; expressão plástica; expressão escrita.

Desenvolvimento das actividades:

- O professor expõe a seguinte situação: “Vocês sabem que no nosso planeta nem todas as pessoas vivem felizes, muitas não têm o que precisam. Têm falta de alimentos, de cuidados de saúde, de livros e de muitas outras coisas. Imaginem que tinham oportunidade de construir um mundo novo. O que modificavam? Como seria o vosso planeta inventado?”
- De forma livre, através da actividade de *brainstorming*, os alunos referem coisas que gostariam de incluir no novo planeta e coisas que não gostariam que existissem; os alunos têm de justificar as suas opiniões ou ideias.
- As frases dos alunos são escritas no quadro; a seguir, a partir dessas frases, constrói-se um texto colectivo, com o título: “Se pudéssemos inventar um novo planeta”.
- Depois, individualmente, numa folha A4, os alunos escrevem uma frase a começar assim: “Eu queria ...” e fazem o desenho do novo planeta.
- Com os desenhos dos alunos, o texto colectivo e as frases individuais, constrói-se um painel no placar da sala.

Material: cadernos individuais; folhas A4 para o desenho; lápis de cor.

²³ A ficha foi elaborada por nós, uma vez que a professora apresentou oralmente a actividade.

Trabalho colectivo da turma

Se pudéssemos inventar um novo planeta

Se nós pudéssemos inventar um novo planeta, seria um planeta onde as seguintes leis fossem obrigatoriamente cumpridas:

- Proibição do fabrico de armas e bombas e da sua utilização, a fim de não destruírem o planeta novo.
- Proibição de utilização de drogas, tabaco e todo o tipo de álcool.
- Não à formação de um exército militar para entrar em guerras.
- Não à invasão dos países dos outros, a fim de permitir a escuridão e tirar a liberdade e os direitos das pessoas.
- Permitir a liberdade a todos os cidadãos do universo.
- Proteger o nosso planeta de qualquer tipo de poluição, poluição terrestre, do ar e aquática.
- Ter um governo justo para todos, com direitos e igualdade.
- Elaborar uma lei que proíba definitivamente o tráfico de crianças e a sua violação física.

Trabalho colectivo da turma/ 3ºe 4º anos

Eu queria ...

Que houvesse amor na terra para toda a gente. (Vanessa)

Que houvesse paz no mundo. (Catarina)

Que houvesse amor e alegria em todo o mundo. (Andreia)

Que houvesse amizade entre toda a gente no mundo. (Tâmara)

Que no país houvesse amor e carinho. (Patrícia)

Que no nosso mundo houvesse menos incêndios, todos os anos. (Claúdia)

Que houvesse menos acidentes, todos os anos, na estrada. (Bruna)

Queria que todos fôssemos amigos. (Mónica)

Queria paz e sossego total. (Jéssica)

Queria um mundo calmo e sem guerra. (Hugo)

Eu não queria que houvesse tristeza no mundo. (Nando)

Proposta 5

Tema: A democracia

M. Domingas Canhoto e Carla M. Marques, Escola Básica do 1º ciclo Boa Fé, Évora.

Público-Alvo: 1º ciclo

Duração: 45 m + ...

Objectivos:

- Compreender as noções de democracia e de ditadura.
- Entender o significado do 25 de Abril.

Estratégias metodológicas:

Leitura e análise do texto; dramatização; trabalho de grupo; pesquisa em trabalho autónomo.

Desenvolvimento das actividades:

- Leitura do texto, primeiro silenciosa e depois dialogada; análise dos conceitos de democracia e de ditadura, referência a situações simples do conhecimento dos alunos; exploração do significado do 25 de Abril;
- Proposta de dramatização do texto: divisão das tarefas, podem surgir conflitos, por exemplo, vários alunos quererem desempenhar o mesmo papel. Se isso acontecer, põem-se à consideração da turma duas hipóteses – recorre-se à votação/democracia ou impõe-se a vontade do docente /ditadura.
- Em pequeno grupo, os alunos preparam a dramatização; dramatização do texto por grupos diferentes de alunos; exploração da dramatização.
- Pede-se aos alunos mais velhos (4º ano) que pesquisem, em trabalho autónomo, informações relativas ao 25 de Abril e à democracia.

Material: texto “O 25 de Abril ... um dia especial”.

Para prosseguir a actividade

Na sessão posterior, serão colocadas questões aos alunos mais velhos, pelos colegas mais novos, sobre os temas que, entretanto, pesquisaram.

Texto de Apoio

O 25 de Abril ... um dia especial

Cravo Grande (C. G.) – Sabes por que é que o 25 de Abril é um dia especial?

Cravo Pequeno (C. P.) – Não sei. Porque foi o dia em que tu nasceste. Até foi por isso que te puseram o nome de 25.

C. G. – Que ideia! Eu chamo-me 25, porque o dia 25 de Abril é especial, mas não é por eu ter nascido ...

C. P. – Então, por que é?

C. G. – É porque foi o dia em que nasceu a Democracia.

C. P. – A quê?

C. G. – Democracia, não sabes o que é?

C. P. – Eu não!

C. G. – E a ditadura, sabes o que é?

C. P. – Também não. Só sei o que é o ditado!

C. G. – Muito bem ! Explica-me lá o que é o ditado.

C. P. – Uma pessoa dita e tu tens de escrever o que ela dita igualzinho! Se não for igualzinho tens más notas.

C. G. – E se quiseres dar a tua opinião? Se quiseres escolher o que tu escreves, como é que fazes?

C. P. – Isso é na composição. Posso contar livremente o que quero.

C. G. – É isso mesmo. A ditadura é como o ditado, não podes escolher, tens de fazer o que dizem sem reclamar, senão podes ir preso. A democracia é como a composição, podes dar a tua opinião, podes escolher o que quiseres.

C. P. – E o que é que isso tem a ver com o dia 25 de Abril?

C. G. – É que em Portugal, antes do 25 de Abril de 1974, que foi o dia em que eu nasci, havia uma ditadura e, nesse dia, uns militares que não queriam aquela ditadura fizeram uma revolução e então nasceu a democracia.

C. P. – É por isso que te chamam 25?

C. G. – É...

C. P. – Eu acho que te deviam ter chamado composição...

Teresa Paixão, Rua Sésamo, nº57, TV Guia Edições.

Proposta 6

Tema: Os nossos representantes na turma²⁴

Rui Miguel Salvado, Escola Básica 2, 3 de Marvila, Lisboa.

Público-Alvo: 2º ciclo

Duração: 6 blocos de 45 m²⁵

Objectivos:

- Reconhecer a importância da eleição dos representantes da turma.
- Conhecer os procedimentos para a eleição dos representantes da turma.

Desenvolvimento das actividades:

- Em trabalho de pares, os alunos fazem um texto que deve começar com a seguinte frase: “Eu acho que um delegado de turma deve ter os seguintes direitos”, continuam esse trabalho, com uma parte que terá de começar assim: “Eu acho que o delegado deve ter os seguintes deveres”.
- Distribuição da ficha de trabalho “A eleição dos delegados de turma” (texto 1); leitura com breve debate da parte introdutória da ficha, para acertar as conclusões a que se quer chegar. Explorar a importância e o modo como se faz uma acta.
- Distribuição da ficha “Proposta de candidatura – delegados de turma” (texto 2). Exploração deste documento.
- Organização, pelo professor, do processo de recepção e validação das propostas de candidatura. Através do diálogo, organização do processo e apresentação pública das listas concorrentes, à turma.
- Distribuição da ficha “A eleição dos delegados de turma” (texto 3). Explorar os conceitos fundamentais relativos à eleição dos delegados de turma – lista, boletim de voto, eleitor, sufrágio, voto secreto, oposição, urna eleitoral, etc.; questionário, para ser respondido em trabalho de pares sobre os conceitos trabalhados; diálogo para registo de conclusões sobre o trabalho realizado.
- Realização do processo eleitoral (serão necessários boletins de voto, uma urna eleitoral e materiais para registo do escrutínio); registo dos resultados do acto eleitoral.
- Tomada de posse dos delegados eleitos: os delegados eleitos, acompanhados pelo director de turma e pelos apoiantes, registarão os seus nomes no espaço próprio do livro de ponto da turma, na presença de um membro da comissão executiva, na sala dessa comissão.

Material: textos; fichas de trabalho; boletins de voto; urna eleitoral.

²⁴ Não é possível incluir todos os textos e propostas de trabalho que o professor vem aplicando há algum tempo e que atingem um elevado grau de sistematização, reflexão participada e consciencialização. Contudo, para enquadramento, referir que começa com a leitura e exploração de um texto (adaptado) de Catarina Fonseca, retirado da obra *Malta do 2º C*; seguindo-se o debate sobre a opinião de cinco alunos em relação às funções de um delegado de turma e a leitura da opinião de uma delegada de turma, textos em fichas.

²⁵ Como seleccionámos apenas algumas das actividades, alterámos o número de aulas.

Textos de Apoio

Texto 1: ***A eleição dos delegados de turma***

Agora que já percebeste a utilidade de um delegado e a sua importância, compreendes que a nossa escolha não pode ser feita à maneira da “Malta do 2º C”. Uma eleição tem de ser cuidadosamente preparada (...).

Então, como vamos fazer a nossa votação?

Primeiro: Vamos conhecer os nossos candidatos e o que eles querem fazer.

Para ser candidato, um aluno (... ou uma aluna, claro!) deve formar um grupo de trabalho de 4 colegas: - para além dele próprio, candidato a delegado, um que vai ser o seu ajudante directo, o subdelegado; - mais 2 alunos que vão apoiar o trabalho dos colegas (os apoiantes).

Este grupo preenche uma PROPOSTA DE CANDIDATURA que será obrigatoriamente entregue ao director de turma, antes do dia marcado para as eleições.

Depois: Numa aula indicada pelo director de turma, vamos fazer a apresentação pública dos nossos candidatos a delegados de turma.

Só serão aceites para a eleição os alunos que entregarem a Proposta de Candidatura preenchida de forma completa, na data indicada pelo professor. Se for apresentada apenas uma proposta, votaremos ou não nessa lista.

Na aula indicada, cada candidato terá um espaço de tempo combinado para apresentar à turma o seu subdelegado e apoiantes, a forma como prometem cumprir as suas tarefas e as actividades que se propõem realizar com a turma.

No fim das apresentações das candidaturas, haverá um período de tempo destinado ao esclarecimento de dúvidas colocadas pela turma e pelo professor aos candidatos.

Finalmente: No dia marcado para a eleição, cada aluno receberá um boletim de voto onde deverá assinalar a Proposta de Candidatura que considera melhor.

Os autores de uma Proposta de Candidatura podem votar neles próprios. Votar em si próprio não é ilegal, como diz o Ezequiel. Quem sabe o que quer fazer e tem confiança no valor da sua proposta, não hesita: vota nele próprio. Se as propostas apresentadas não te satisfazem, o que podes fazer? És obrigado a votar numa delas?

Se os candidatos não te agradam, não indiques na lista a tua escolha. Entrega o teu boletim de voto sem escreveres nada, “em branco”, indicando assim que não te agradam as propostas em votação (voto em branco). Ganhará a lista que reunir o maior número de votos. Se apenas existir uma lista, ela ganhará se tiver mais votos do que o número de votos em branco que surgirem no escrutínio (contagem final dos votos).

Observação: No dia dedicado às apresentações das Propostas de Candidaturas e no dia da eleição, serão escolhidos pela turma dois alunos que farão a acta das reuniões.

Aqui surge um pequeno problema: sabes o que é e como se faz uma acta?

Uma acta é um registo escrito do que se passou de mais importante numa reunião, numa assembleia. As actas são todas escritas no passado (ou seja, no pretérito), têm de ser fiéis aos assuntos que se trataram na reunião, devem relatar apenas o essencial, o mais importante do que se passou e têm uma apresentação cuidada.

Texto 2: **Proposta de candidatura a delegado de turma**

Ano Turma..... Ano lectivo..... Proposta..... Lista

Nome completo do candidato (ou candidata) a delegado de turma

Proponho o meu (ou a minha) colega para o cargo de subdelegado de turma (escreve o nome completo)

Na minha opinião, os delegados devem ter a seguinte actuação com a turma (os deveres dos delegados para com a turma)

Somos apoiados pelos seguintes colegas:

Assinaturas

Candidato a delegado; Candidato a subdelegado

1º Apoiante da proposta; 2º Apoiante da proposta

Data de apresentação da proposta

Texto 3: A eleição dos delegados de turma

Quando votares na **lista** candidata aos cargos de delegado de turma, vais ter um importante papel, o de **eleitor**. Terás assim o importante direito de indicar quem são os colegas mais responsáveis, na tua opinião, para exercer essas funções.

A tua lista poderá ser a vencedora das eleições, mas nunca se poderá esquecer que o seu poder foi-lhe dado por ti, tendo assim que respeitar a tua opinião futura.

E para os vencidos?... Lista e eleitores? Eles não perderam as eleições por serem fracos! Eles não perderam porque não tem razão! Eles perderam as eleições porque as suas opiniões foram apoiadas por menos eleitores do que as da lista vencedora.

Só por isto. Assim, é muito importante que percebas que isso não lhes retira o direito de ter as suas opiniões, nem a certeza que têm de que a razão era deles. É, até, necessário e muito útil que os vencedores estejam atentos a quem não votou neles, aproveitando as suas críticas para melhorar o trabalho que vão fazendo.

Vou contar-te um importante segredo que todos os adultos deviam perceber. Numa eleição, ninguém perde. Ganham os que vencem porque conseguiram reunir um maior número de apoiantes. Ganham os que perderam porque sabem que foram honestos na apresentação e defesa do que pretendiam. Ganham os que perderam porque ganharam para si o importante papel da **oposição**. Vão acompanhar o trabalho de quem venceu, criticando o que acharem mal, apresentando as soluções para os problemas, mostrando a todos que conseguem fazer melhor. Se exercerem esse papel bem, chegará certamente o dia em que convencerão outra maioria que são melhores e, aí, vencerão as eleições.

Vais participar num **sufrágio**, nome especial que se dá à votação. O teu voto é **secreto**, não tens a obrigação de dizer em quem votaste. Podes dizê-lo, se quiseres. O teu voto vai ser preenchido por ti num **boletim de voto** que será dobrado para guardar a tua decisão. Mostrarás a tua decisão marcando com uma cruz o quadrado que corresponde à lista que livremente escolheste. Depois, o boletim de voto será por ti depositado na urna eleitoral no dia da eleição.

Proposta 7

Tema: Construir a paz²⁶

Fátima Galvão, Escola Básica 2, 3 Marquesa de Alorna, Lisboa e Maria da Graça Maia,
Escola Secundária com 3º ciclo Afonso Domingues, Lisboa.

Público-Alvo: 2º e 3º ciclos

Duração: 90 m

Objectivos:

- Compreender a importância do diálogo na resolução dos conflitos.
- Identificar diferentes formas de resolver os problemas de forma pacífica.
- Compreender a importância de conjugar esforços para acabar com as guerras e para o progresso e o desenvolvimento dos países.

Estratégias metodológicas:

Análise; debate; trabalho de grupo; comentário; expressão plástica.

Desenvolvimento das actividades:

- Preparação de um pequeno debate, partindo de questões como: - Já ouviram falar da guerra? Quais os motivos que levam os povos a desencadear a guerra? O que sucede quando se verifica a existência de guerra? Quais as consequências da guerra? Conheces alguém que tenha passado por essa experiência? Que estatuto podem gozar as pessoas que fogem do seu país, por motivo de guerra? Que direitos têm, quando chegam a um país estrangeiro? Que atitude poderemos ter?
- Leitura, análise e discussão do texto, no grupo turma; pedir aos alunos que expressem opiniões e coloquem questões.
- Em pequenos grupos, os alunos comentam a frase sublinhada no texto e elaboram cartazes; exposição dos mesmos no placar da sala.

Material: texto de apoio; cartolinas; marcadores.

²⁶ Esta ficha, embora apresentada pelas professoras, foi por nós desenvolvida.

Texto de Apoio

Para construir a paz, os dirigentes dos países conversam

Quando as pessoas já não conseguem falar para resolver um problema, então lutam. Mas se continuarem a conversar, não podem dar murros ao mesmo tempo. Passa-se o mesmo com os países. Declarar a guerra é parar de conversar. A guerra é um bloqueio total de comunicação a meio de um problema. Os países julgam que não têm escolha: para resolver o problema, só a guerra.

Quando os chefes dos países falam uns com os outros, explicam o que querem, tentam compreender o que querem os outros, e não podem estar a fazer bombardeamentos ao mesmo tempo. Para preservar a paz, os dirigentes dos países continuam a conversar, mesmo que não tenham nenhum problema para resolver, mesmo que tudo corra bem. Desta forma, conhecem-se e encontram interesses comuns.

Até podem fazer coisas em conjunto. Coisas que não podem realizar se estiverem isolados: descobrir novos medicamentos para tratar melhor as pessoas gravemente doentes, lutar contra a poluição que invade o planeta, salvar os animais que correm o risco de desaparecer, como as baleias e os elefantes. Também os habitantes destes países falam uns com os outros. As pessoas viajam, os países não estão isolados como dantes. Descubrem como vivem os outros, as línguas que falam, os seus costumes, as escolas dos diferentes países fazem intercâmbios... Quando as pessoas têm amigos nalguns países, ainda tentam evitar a guerra.

Os países fazem como os homens: não esquecem que a paz se constrói. Por isso organizam-se para manter o maior número de conversações. Mas nem sempre é suficiente. Conversar nem sempre resulta, mas há ainda outros meios para construir a paz.

(...)

A paz é hoje

A maior parte das pessoas detesta a guerra. Contudo, há sempre uma guerra em qualquer parte do mundo.

E diz-se sempre que não se podia evitar esta guerra e que desta vez é a última. Diz-se sempre que se está a preparar a paz, e os homens que querem a paz são mais do que aqueles que querem a guerra.

Mas isso não basta. É preciso compreender que o dia ideal para construir a paz é sempre o dia de hoje.

Excerto do texto do livro *A guerra e a paz*, de B. Labbé e M. Puech., Terramar, pp. 32- 38.

Proposta 8

Tema: A justiça

Isabel Valente, Helena Ventura, José Palmeiro e Sandra Pires, Escola Básica 2 de Gouveia.

Público-Alvo: 1º e 2º ciclos

Duração: 45 m + 45 m.

Objectivos:

- Desenvolver o sentido de justiça.
- Expressar sentimentos relativos a situações de justiça e injustiça.
- Compreender a importância da justiça para a vida de todos os seres humanos e de todas as sociedades.

Estratégias metodológicas:

Observação; *bainstorming*; perguntas e respostas; debate.

Desenvolvimento das actividades:

- Pede-se aos alunos que observem a estrutura e falem sobre o que vêem.
- A seguir, divide-se o quadro em duas partes. Pede-se aos alunos que no caderno façam o mesmo, colocando de um lado o que para eles é justo e do outro lado o que é injusto, de acordo com o que observam (palavras, frases curtas, expressões).
- Divisão da turma em grupos de quatro elementos, para tentarem dar uma definição de “justiça” (o que consideram que é justo).
- Apresentação dos resultados em acetato à turma; a partir das propostas dos alunos, em conjunto, elaborar e escrever no quadro uma definição de justiça.
- Em acetato, a professora apresenta algumas questões, com o objectivo de levar os alunos a reflectir sobre a importância da justiça: - A justiça é importante. Porquê? O que torna as coisas injustas? Lembraste de uma altura da tua vida em que alguma coisa foi justa? E de uma altura em que alguma coisa foi injusta? Como é que te sentiste quando as coisas foram injustas?
- Apresentação oral, seguida de debate sobre duas questões: - As situações podem ser sempre justas? O que podemos fazer para tornar as coisas justas no país e no mundo?
- Registo das conclusões do debate em cartolina e afixação na parede.

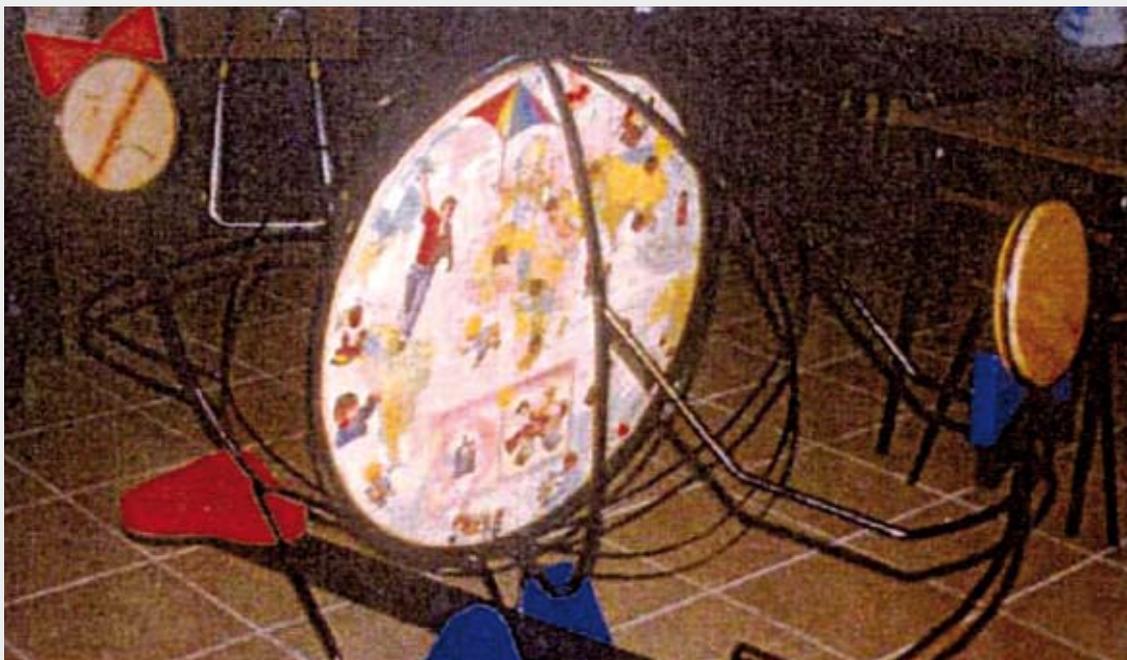
Material: a estrutura de madeira; cadernos, quadro; folha de cartolina.

(Nota: a estrutura pode ser substituída, pedindo aos alunos que desenhem um mundo dividido em duas partes. De um lado, bem-estar e gente feliz; do outro lado, falta de bem estar e gente triste).²⁷

²⁷ A nota é nossa, de forma a criar uma alternativa.

Texto de Apoio

Olhar as duas partes do mundo



Duas crianças cujo corpo é feito de ferro, apresentam a cabeça, os pés e a roupa em madeira. As caras apresentam duas faces diferentes: uma feliz e uma infeliz. Nas mãos seguram um globo gigante feito de aros de ferro. O globo dividido interiormente em duas partes, através de um círculo de madeira. De um lado, é colado um mundo colorido e livre simbolizando um mundo onde os direitos da criança são cumpridos e respeitados e consequentemente onde as crianças vivem felizes; do outro, um mundo cinzento, com imagens que entristecem o olhar de quem as observa por representarem o mundo onde vivem crianças infelizes, vítimas do não cumprimento e respeito pelos seus direitos.

Função simbólica dos elementos da estrutura

Os aros do globo representam: o mundo; a união entre os povos; a diversidade cultural; a rotatividade da terra.

O círculo interno representa: o mundo físico; os factores de diferença comportamental; os factores de protecção ambiental.

As crianças representam: todas as crianças do mundo (raça, cor, cultura, religião, etc.); as diferenças culturais e sociais; a mensagem de amor; a justiça e a injustiça; a alegria e a tristeza; a urgência em mudar o mundo cinzento.

O balancé representa: o movimento; as dificuldades; o equilíbrio; a diversão; a vida com aspectos positivos e negativos; a mudança; etc.

Proposta 9

Tema: A diversidade²⁸

Helena Calazans, Escola Básica 2, 3 Damião de Góis, Lisboa.

Público-Alvo: 2º ciclo/6º ano

Duração: 45 m+45 m

Objectivos:

- Conhecer aspectos da vida e da cultura de diferentes países.
- Compreender a importância da diversidade na natureza, nos animais, nas pessoas.
- Reconhecer o respeito e a tolerância como valores fundamentais da diversidade.

Estratégia Metodológica principal:

Jogo de papéis.

Desenvolvimento das actividades:

- Expor a situação: “Um grupo de animais do Zoo, vindos cada um de um continente e país diferentes, falam sobre os seus países, as riquezas naturais, o modo de vida das pessoas, etc. E, assim, partilham informações, sentimentos e desejos”.
- Ler o texto em conjunto com a turma; exploração dos aspectos mais relevantes sobre as questões da diversidade, das diferenças culturais, etc.; perguntas e respostas do professor e dos alunos.
- Dividir a turma em grupos de cinco alunos para prepararem uma representação; cada grupo, distribui as personagens e, durante algum tempo, ensaiam a representação que apresentarão à turma.
- Inicia-se a representação; os espectadores seguem com atenção o jogo de papéis e tomam notas, se necessário.
- Discussão sobre a representação, pergunta-se aos actores: – Que sentimentos experimentaram? Que emoções? Que pensamentos? Como avaliam a experiência? ...; Pede-se aos observadores os seus comentários: – O que mais vos impressionou e porquê? O que acham que foi mais e menos conseguido?

Material: fotocópias com o texto; adereços.

²⁸ A planificação desta actividade foi elaborada por nós, embora tenha sido apresentada oralmente pela professora ao grupo, na acção de formação.

Texto de Apoio

Animais de diferentes países em diálogo...

Personagens: o papagaio; o elefante; o crocodilo; o esquilo; o tratador.

Papagaio (PAP.) – Oi galera! Tudo legal? Olá, eu sou o papagaio chamo-me Jacob e vim do Brasil. Tenho penas de muitas cores e com o meu bico descasco as sementes para me alimentar. Mas o que gosto mesmo é de frutas. Adorava viver na Amazónia, onde voava livremente em bandos.

Elefante (EL.) – A-ma-zó-nia??! Que queres dizer?

PAP. – É a maior floresta do mundo e está recheada de animais, os mais variados que possas imaginar ... Até lá há víboras, anacondas e crocodilos, isto para mencionar os meus primos Tucanos.

EL. – Muito me contas! Continua, continua que estou a gostar do teu falar.

PAP. – Posso-te acrescentar que o Brasil fica no sul do continente americano, faz fronteira com a Venezuela, a Colômbia, o Peru, etc. A capital é Brasília.

EL. – É verdade que se fala português no Brasil?

PAP. – É sim. Mas não é falar propriamente dito. O que eu faço é repetir a fala das pessoas.

(O esquilo interrompe o diálogo do EL. e do PAP.)

Esquilo (ESQ.) – Olha lá tu ó matulão?! De onde é que tu vens? Como te chamas?

EL. – Eu chamo-me Bimbo, o elefante, e vim do continente asiático, mais propriamente de um país chamado Índia. É certo que eu tenho o porte de um matulão orelhudo mas aqui ao meu lado está um amigo que tem cá uma bocarra recheada de dentes pontegudos que mais parecem dois serrotes. Qual será o seu nome?

Crocodilo (CROC.) – Eu sou o crocodilo, e o meu nome é Croc Croc Croc. Em África, onde eu vivia em liberdade com a minha família, no rio Congo, vi muitos elefantes em grandes manadas, quando eles vinham matar a sede ao meu rio, o Congo, que por coincidência tem o nome do país de onde vim.

Ainda bem que me trouxeram para este Zoo, pelo menos não tive a triste sorte daqueles a quem o bicho homem tira a pele para fazer sapatos e carteiras vendidas a preço de ouro.

O Congo é belo, com grandes savanas. Só é pena que a maioria das pessoas sejam sub nutridas, isto é, não se alimentem o suficiente e fiquem sem defesas contra muitas doenças, como a tuberculose, a cólera, a malária, a SIDA, etc., de tal modo que a grande parte da população não chega a completar os 40 anos.

Aqui está um exemplo de que nem em todos os países os governos zelam pela saúde e o bem-estar de toda a gente.

PAP. – E tu bichinho saltitante ... Quem és tu?

ESQ. – O meu nome é Tico e sou um Esquilo. Vivia muito contente e feliz nas florestas da Dinamarca. Lá o clima é muito mais frio que em Portugal, porque está situada no norte da Europa. A capital é Copenhaga. Os dinamarqueses parecem-me muito felizes. Deve ser porque todos os cidadãos têm saúde e educação gratuitas. Lá, não há pobres. Tanto a indústria como a agricultura são muito desenvolvidas e variadas. A propósito, vocês sabem que há uns iogurtes muito famosos que são de lá? Já os provaram?

EL. – Nem sei o que isso é ... Eu só como erva e mais erva, toneladas de erva! Sou um herbívoro. Depois de uma boa paparoca ajudo o bicho homem nas suas tarefas agrícolas. Coitados dos homens, alguns passam muita fominha!

Os camponeses cultivam muitas especiarias – pimenta, açafrão, cominhos e ainda outros produtos que são muito caros na Europa, como a seda, o algodão e a lã. Cultivam também arroz que comem diariamente. O seu prato favorito é arroz com caril. O melhor do dia para mim é a banhoca nos charcos ou nos rios para refrescar e proteger a minha pele.

ESQ. – Um amigo meu foi à Índia e viu um monumento lindíssimo todo de mármore, cujo nome já não me lembro.

EL – É de certeza o Taj-mahal, um monumento que foi mandado construir por um imperador muçulmano como sinal do grande amor que ele sentia pela sua esposa. Na Índia, há várias religiões, além de muçulmanos, também há hindus, cristãos, budistas...

CROC. – Eh! Que grande misturada!

O Tratador. – Que mal tem? Desde que se respeitem uns aos outros até acho engraçado. Cada um veste-se como quer, come como quer e acredita no que acha melhor, desde que não imponha aos outros.

Todos em coro. – Os seres humanos nascem livres e são iguais em direitos.

Texto construído pelas professoras Helena Calazans e Frederica Castel Branco, a partir dos textos elaborados pela turma do 6º C, em Área de Projecto.

Proposta 10

Tema: A violação dos direitos humanos em Portugal

Manuel Luís C. Cunha e Joaquim C. Vilela, Escola Secundária com 3º ciclo de Rio Tinto.

Público-Alvo: 3º ciclo/9º ano

Duração: 90 m

Objectivos:

- Reconhecer casos de violação dos direitos humanos.
- Reflectir sobre o (in)cumprimento dos direitos humanos em Portugal.

Estratégias metodológicas:

Trabalho de grupo; análise e selecção de notícias; debate; produção de textos.

Desenvolvimento das actividades:

- Solicitar aos alunos que formem grupos de quatro, ao seu critério. De seguida, o professor distribui um jornal diário nacional, por grupo, todos do mesmo dia. Pede-se-lhes que procurem e que seleccionem as notícias cujo conteúdo considerem ser uma grave violação dos direitos humanos.
- Depois de cada grupo ter discutido o material de trabalho, os alunos são convidados a apresentar oral e sucintamente o conteúdo das notícias que leram, referindo os direitos humanos que não foram respeitados; nesta fase, o professor deve provocar o debate de ideias entre os alunos dos vários grupos e testar a consistência dos argumentos apresentados. Chegados a um consenso, fazer um esquema síntese no quadro que permita visualizar a relação entre as notícias e os direitos humanos violados (o esquema a fazer no quadro deve contemplar tudo quanto for trabalhado anteriormente).
- Tirar conclusões. Em diálogo alunos/alunos e professor/alunos, os alunos devem ser capazes de deduzir que, apesar do material ser uma pequena amostra do que se passou em Portugal durante 24 horas se cometem diariamente atropelos graves aos direitos humanos, mesmo na “nossa terra”.
- O professor propõe agora que cada aluno elabore um texto escrito de reflexão crítica sobre tudo o que se passou na aula, sugerindo acções a realizar pela sociedade civil e pelas entidades oficiais, para que Portugal seja um dos países do mundo onde efectivamente se respeitem os direitos humanos.
- A actividade será avaliada em função do interesse e da participação oral dos alunos, bem como pela qualidade do trabalho escrito que foi proposto pelo professor.

Material: jornais diários; Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Ficha de trabalho

1. – Quadro síntese:

Título da notícia	Direitos Humanos Violados
“Sem-abrigo não resiste ao frio”.	O direito de viver; o direito à alimentação e à protecção social.
“Cabeças rapadas atacam de novo”.	O direito à igualdade, qualquer que seja a raça, país de origem
“Empreiteiro acusado de obrigar imigrantes a trabalhos forçados”.	O direito à liberdade, o direito à igualdade, a um tratamento justo... .
“Criança violada em pleno dia”.	O direito à protecção e segurança, o direito à intimidade.
“Mais um local de culto vandalizado”.	O direito à liberdade religiosa.

2. – Comentar:

“Cabe a cada um de nós em particular, mas também à sociedade em geral, através dos seus representantes, tudo fazer para evoluir no sentido da consciencialização de que os direitos humanos são mesmo para cumprir e fazer cumprir, pois só assim viveremos com a dignidade que todos merecemos”.

.....

.....

.....

.....

3. – Reflectir:

Devem pensar sobre tudo o que se passou na aula e sugerir acções a realizar pela sociedade civil e pelas entidades oficiais.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

3 – Área de Projecto

“A **Área de Projecto** tem o objectivo central de envolver os alunos na concepção, realização e avaliação de projectos, permitindo-lhes articular saberes de diversas áreas curriculares em torno de problemas e temas de pesquisa ou de intervenção”.²⁹

“O **papel do professor** consiste em ajudar os alunos a converter os seus interesses e desejos em projectos no sentido da acção reflectida e planeada. Deste modo, ao apresentar sugestões e propostas de trabalho, o professor não está necessariamente a restringir a liberdade dos alunos, pelo contrário, pode ajudá-los a exercê-la. Aliás, as ideias do professor sobre actividades a realizar têm alguma origem e não se vê por que razão sugestões vindas do professor não seriam no mínimo tão válidas como qualquer outras”.³⁰

Os projectos apresentados

Os cinco primeiros projectos correspondem a trabalhos de avaliação, apresentados no âmbito das Acções de Formação. Os professores conceberam e planificaram um projecto para os respectivos contextos escolares, com incidência na Área de Projecto e integrado no Projecto Curricular de Turma. Destes projectos, relevámos, fundamentalmente, a pertinência do tema, a sua adequação ao contexto, a planificação e a articulação interdisciplinar.

Os restantes projectos correspondem a trabalhos desenvolvidos no âmbito do Concurso. Neste caso, não relevámos tanto o plano – do qual colocámos apenas os objectivos, os intervenientes e o calendário – mas mais o processo, os resultados, o impacto e as potencialidades, destacando uma actividade e um produto dos muitos apresentados.

²⁹ Cf. DEB, *Novas Áreas Curriculares* (2001), p. 55.

³⁰ Cf. DEB, «Trabalho de projecto na escola e no currículo» in *Novas Áreas Curriculares* (2002), p. 34.

A metodologia do trabalho de projecto

Desde há muito que o trabalho de projecto tem na educação um reconhecido valor.³¹ A Reorganização Curricular do Ensino Básico (2001), ao instituir a Área de Projecto como espaço curricular autónomo, criou as condições necessárias à realização de projectos significativos, com espaço para a iniciativa e a autonomia dos alunos e dos professores.

Devem responder a um problema genuíno do contexto escolar ou local. Desenvolver-se ao longo de um período mais ou menos prolongado, com uma finalidade clara, associada a um produto final, que dê sentido e unidade a todas as fases e acções. O trabalho de projecto deve ainda envolver alguma originalidade, complexidade e incerteza.³²

Pontos prévios:

- O envolvimento, desde o início, de todos os intervenientes. Se o plano de trabalho não é definido por todos, pode acontecer que alguns dos intervenientes nunca cheguem a interessar-se verdadeiramente.
- Pensar-se muito bem a questão do tempo, dos meios e do contributo das disciplinas envolvidas – como se integram, articulam e complementam – para evitar correr o risco de nos envolvermos em grandes projectos, sem possibilidades práticas de concretização.
- Prever as inevitáveis dificuldades e obstáculos com que vamos ter de lidar ao longo das diferentes fases. Dificuldades que podem ter causas diversas, desde os diferentes ritmos de trabalho, as relações e as interações no grupo e os aspectos relacionados com os comportamentos individuais. Se tudo corre bem é motivador, se há dificuldades começa o desinteresse.

Metodologias presentes no trabalho de projecto:

Está suposta uma pedagogia aberta, com espaço para a iniciativa, a criatividade, o diálogo, a negociação, através de abordagens interdisciplinares, um trabalho em equipa, em que cooperem diferentes pessoas e disciplinas, com os seus saberes e metodologias próprias. A base é a aprendizagem colaborativa, o trabalho de grupo, mas também as estratégias de investigação e pesquisa capazes de gerar novos conhecimentos.

Operacionalização:

- Definição do tema ou da questão a abordar, partindo duma ideia pertinente ou dum problema concreto: - O que é que aqui, nesta turma, nesta escola, neste bairro ou nesta comunidade, são as questões mais importantes ao nível da cidadania? O que precisamos fazer? A que nível podemos e devemos intervir? Etc.

³¹ Lembremos a Área-Escola, um trabalho de projecto interdisciplinar envolvendo diferentes disciplinas.

³² Cf. DEB, «Trabalho de projecto na escola e no currículo» in *Novas Áreas Curriculares* (2002), p. 28.

- Problematizar a questão, procurando as suas múltiplas vertentes e possibilidades de intervenção e resolução, e elaborar um primeiro esboço sobre as finalidades e objectivos do projecto, a curto, médio e longo prazo, e a partir dele começar a pensar o seu desenvolvimento, procurando ao mesmo tempo perceber a melhor maneira de o integrar no Projecto Curricular de Turma e de conseguir a participação das diferentes disciplinas.
- Definição de um plano que, de forma organizada, sequencial e faseada, defina as actividades a desenvolver e os produtos intermédios a realizar.
- Encarar o projecto como um processo, o que significa valorizar não apenas o produto final, mas igualmente todos os procedimentos e tarefas desempenhadas pelos alunos, ao longo das diferentes fases, rentabilizando as competências individuais e do grupo, nos resultados intermédios e finais a construir.
- Avaliação permanente do trabalho realizado, no sentido de reformular o que for necessário, ajustando estratégias e incorporando novas soluções e recursos. Procurar que todos os alunos tenham uma visão global da participação nas diferentes actividades, mesmo quando sejam realizadas em pequenos grupos.
- Divulgar os produtos finais, aspecto decisivo para se avaliar da importância e do valor do projecto, pode ser através de uma notícia no jornal escolar, numa exposição, etc.

Projecto 1

Tema : Direitos e deveres dos alunos

Professor: José Manuel T. dos Reis Mendes³³, Escola Básica 2,3 Damião de Góis, Lisboa.

Duração: Um ano lectivo.

Intervenientes: Alunos do 6º ano, professores de Formação Cívica, E.V.T., T.I.C., Língua Portuguesa, História, Área de Projecto e Funcionárias da Reprografia.

Destinatários: Alunos da escola.

Finalidade:

Elaboração de um caderno/livro sobre os direitos e os deveres dos alunos. Em cada página, refere-se um direito e o respectivo dever e os alunos fazem um desenho alusivo à situação referida. O caderno será distribuído a toda a população escolar.

Objectivos:

- Conhecer a Convenção dos Direitos da Criança.
- Conhecer melhor o Regulamento Interno da Escola.
- Compreender a relação entre direitos e deveres
- Reforçar os valores do respeito por si e pelos outros, pelo que é comum e pelos compromissos e regras.
- Aprender a valorizar as diferenças.
- Desenvolver competências de negociação e de resolução de conflitos, sem violência.
- Desenvolver a capacidade de assumir responsabilidades.
- Desenvolver uma boa relação entre toda a comunidade educativa e desta com o espaço escolar.

Estratégias metodológicas:

Análise de documentos; trabalhos de pesquisa; discussão e debate; construção de textos; expressão plástica;

Recursos e material:

Regulamento Interno da Escola; Convenção dos Direitos da Criança; mediateca; folhas de papel; lápis; lápis de cor; marcadores; reprografia.

³³ O professor, entre outros materiais, apresentou este projecto e o livro de “Direitos e Deveres”, pela importância e o impacto que teve, frisando que se tratava de um trabalho de todos os professores da turma.

Desenvolvimento das actividades/articulação interdisciplinar

Formação Cívica	<ul style="list-style-type: none"> • Sensibilização para a necessidade de “ alterar situações “ que observamos à nossa volta (na escola e no bairro). • Conhecimento/discussão de documentos que abordem o tema dos direitos e deveres da criança: Regulamento Interno da Escola; Carta dos Direitos da Criança; e excertos da Constituição. • Escolha e debate com os alunos sobre as situações a apresentar no trabalho final. • Elaboração dos textos, em colaboração com o professor de Língua Portuguesa.
Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> • Colaboração na elaboração dos textos a apresentar.
Hist. e Geografia de Portugal	<ul style="list-style-type: none"> • Enquadramento histórico dos Direitos Humanos. • Sensibilização para o tema dos direitos e deveres da criança.
T.I.C.	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa, na Internet, de textos e <i>sites</i> relacionados com os Direitos Humanos. • Elaborar os textos a apresentar no caderno final.
E. V. T.	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração dos desenhos e respectivo enquadramento no caderno a elaborar. • Feitura de um cartaz (poderão ser mais) a distribuir, antes da divulgação do caderno e durante a divulgação do mesmo.
Área de Projecto	(Variável de acordo com a necessidade e se não colidir com um outro qualquer tema a tratar na Escola).
Educação Musical	<ul style="list-style-type: none"> • Escolha de músicas relacionadas com os temas tratados/colaboração na realização de uma expressão dramática.
E. Física	<ul style="list-style-type: none"> • Actividades de expressão corporal/ colaboração na realização de uma expressão dramática.

Avaliação:

- Do Projecto, intercalar e final, em reuniões do Conselho de Turma.
- Dos alunos, no âmbito do trabalho realizado, nas disciplinas envolvidas.

Calendarização:

Trabalho a desenvolver, ao longo do ano lectivo, pelas várias disciplinas. Apresentação dos trabalhos no Dia Internacional da Criança (se possível) à porta dos pavilhões B e C da escola.

Projecto 2

Uma abordagem aos direitos do homem e do cidadão

Professores: António Neto, Antília Rosa, Gabriela Lusio, Isabel Bela e Isabel Pais,
Escola Básica 2, 3 de Aradas, Aveiro.

Duração: Um trimestre.

Intervenientes: Alunos do 9º ano de escolaridade e professores.

Destinatários: A comunidade escolar.

Finalidade:

A Comemoração do Dia Internacional dos Direitos Humanos – 10 de Dezembro – iniciativa aberta à comunidade, com as seguintes actividades:

- Exposição dos trabalhos produzidos pelos alunos.
- Apresentação do trabalho de expressão dramática.
- Palestra com oradores convidados, ligados a diferentes organizações de defesa dos direitos humanos.

Objectivos:

- Compreender e relacionar necessidades básicas e direitos humanos.
- Conhecer a perspectiva histórica e o processo de construção do actual sistema dos direitos humanos.
- Identificar diferentes violações dos direitos do homem.
- Reconhecer o papel de algumas organizações de defesa e protecção dos direitos do homem.

Estratégias metodológicas:

Leitura e análise de documentos; pesquisa de dados; tratamento de dados; expressão plástica; expressão corporal; dramatização; debate/discussão;

Recursos e material:

Poesias sobre os direitos humanos; DUDH; filmes; textos informativos; fichas de trabalho; cartazes; revistas; jornais; fotografias; papel cenário e A4; marcadores; músicas; adereços;

Desenvolvimento das actividades/articulação interdisciplinar

Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e análise de poemas: “Lágrima de Preta” e “Calçada de Carriche”, de António Gedeão; “O menino de sua mãe”, de Fernando Pessoa; “Fala do Velho do Restelo ao Astronauta”, de José Saramago. • Elaboração de frases/versos alusivos à mensagem dos poemas.
Formação Cívica	<ul style="list-style-type: none"> • Abordagem dos direitos e deveres do cidadão; distinção entre direitos e deveres; diferenciar os vários tipos de direitos (civis e políticos, sociais, económicos e culturais).
Línguas estrangeiras	<ul style="list-style-type: none"> • Abordagem da protecção dos direitos; contactos com organizações de defesa dos direitos humanos: UNICEF; Cruz Vermelha; Médicos sem Fronteiras; AMI; FAO; UNESCO;
História	<ul style="list-style-type: none"> • Abordagem das condições que levaram ao aparecimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos: os fundamentos da ideologia nazi; o arianismo; a Segunda Guerra Mundial; os campos de concentração; o aparecimento das Nações Unidas; a publicação da Declaração Universal dos Direitos Humanos.
Geografia	<ul style="list-style-type: none"> • Visionamento de filmes: “O mundo para todos”; “a Super-população” e “Boling for Colombine”. • Debate sobre as questões neles abordadas.
E.V.T	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de painéis ilustrativos dos temas tratados em Língua Portuguesa, com fotografias, registos gráficos, recortes/colagens. • Elaboração de cartazes/desdobráveis.
Educação Musical	<ul style="list-style-type: none"> • Escolha de músicas relacionadas com os temas tratados/colaboração na realização de uma expressão dramática.
E. Física	<ul style="list-style-type: none"> • Actividades de expressão corporal/ colaboração na realização de uma expressão dramática.

Avaliação:

- Do Projecto, intercalar e final, em reuniões do Conselho de Turma.
- Dos alunos, no âmbito das várias disciplinas.

Calendarização:

Outubro e Novembro, desenvolvimento das actividades; Dezembro, preparação da actividade final; 10 de Dezembro, a comemoração do Dia Mundial dos Direitos Humanos.

Projecto 3

Tema: A fome no mundo

Professoras: Ana Torres, Cristina Cardoso, Luísa Oliveira e Manuela Gonçalves,
Escola Básica 2, 3 D. António Ferreira Gomes, Ermesinde.

Duração: Um ano lectivo.

Intervenientes: Alunos do 2º ciclo e professores.

Destinatários: A comunidade escolar.

Finalidade:

Construir uma peça de teatro sobre o tema da fome, para apresentar à comunidade educativa, na festa de fim de ano.

Objectivos:

- Identificar e compreender as causas da fome.
- Identificar e questionar as consequências da fome.
- Desenvolver a capacidade de propor soluções.
- Desenvolver atitudes de respeito, tolerância e solidariedade de uns para com os outros.

Estratégias metodológicas:

Pesquisa de dados; tratamento de dados; debate/discussão; expressões musical, plástica e corporal; campanhas; dramatização;

Recursos e material:

Textos sobre os direitos humanos; DUDH; fichas de trabalho; cartazes; revistas, jornais; fotografias; papel cenário e A4; marcadores; músicas; adereços;

Desenvolvimento das actividades/articulação interdisciplinar

- Sensibilização ao tema e trabalhos de pesquisa

Formação Cívica	<ul style="list-style-type: none"> • Em trabalho de grupo, através da visualização de imagens adequadas, convergir para o conceito de que a fome é uma violação dos direitos humanos. • Debate sobre o tema - auscultação das causas e consequências da fome; auscultação de possíveis soluções. • Investigação/pesquisa.
Área de Projecto	<ul style="list-style-type: none"> • Investigação/pesquisa sobre o tema. • Campanha de solidariedade no âmbito de uma O.N.G., com o fim de recolher alimentos e outros materiais a favor de um país carenciado.
<ul style="list-style-type: none"> • Tratamento dos dados no contexto das várias disciplinas 	
Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> • Interpretação e construção de textos.
Inglês	<ul style="list-style-type: none"> • Tradução de textos e/ou termos específicos.
Hist. e Geog. de Portugal	<ul style="list-style-type: none"> • Relação entre a fome na história da humanidade e o fenómeno em Portugal.
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Estudo estatístico dos dados recolhidos.
Ciências da Natureza	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho sobre as doenças alimentares. • Diferenças nutricionais a nível global (subnutrição/fome).
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do trabalho final em forma de dramatização 	
F. Cívica e E.M.R.C.	<ul style="list-style-type: none"> • Debate sobre a concepção da peça de teatro.
Língua Portuguesa	<ul style="list-style-type: none"> • Texto dramático. • Escolha e atribuição dos personagens.
E.V.T. e E.M.R. C.*	<ul style="list-style-type: none"> • Adereços • Cenários
Ed. Musical	<ul style="list-style-type: none"> • Música e cânticos.
E. Física	<ul style="list-style-type: none"> • Coreografia
F. Cívica; Est. Acomp., Área Proj.e EMRC	<ul style="list-style-type: none"> • Ensaios

*(nota: a professora de E.M.R.C. é a responsável pelo Clube de Teatro)

Avaliação:

- Do projecto, intercalar e final, em reuniões do Conselho de Turma.
- Dos alunos, no âmbito das várias disciplinas.

Calendarização:

1º período, sensibilização ao tema e trabalhos de pesquisa; 2º período, tratamento dos dados recolhidos e actividades de exploração; 3º período, actividades de concepção e preparação do texto dramático/teatro.

Projecto 4

Tema: A violação dos direitos da criança dentro dos espaços - escola

Professoras: Ana C. Magalhães, Joana C. Ferreira, M. Lucília Pinto e M. Helena Magalhães,
Escola Básica 2, 3 D. António Ferreira Gomes, Ermesinde.

Duração: Um ano lectivo.

Intervenientes: Alunos do 2º ciclo

Destinatários: Comunidade escolar.

Finalidade:

Divulgação e sensibilização à comunidade escolar dos direitos da criança, nomeadamente em espaço escolar.

Objectivos:

- Desenvolver a consciência da igualdade dos seres humanos e do respeito pela dignidade da pessoa humana.
- Identificar violações dos direitos humanos em espaço escolar.
- Desenvolver atitudes de respeito, tolerância e de amizade de uns para com os outros.
- Promover acções de protecção dos direitos humanos.
- Desenvolver as atitudes assertivas e o relacionamento interpessoal, socialização, argumentação e comunicação.

Estratégias metodológicas:

Trabalho de grupo; pesquisa; elaboração de inquéritos; tratamento de dados; *brainstorming*, debate; análise e conclusões; jogo de papéis/representação; construção de cartazes; pinturas; actividades interdisciplinares;

Recursos e material:

Convenção dos Direitos da Criança (simplificada); cartolinas; marcadores; pincéis; folhas A4; papel de cenário; azulejos; jornais; revistas; Internet; Regulamento Interno da Escola; retroprojector; acetatos.

Desenvolvimento das actividades/articulação interdisciplinar

Formação Cívica	<ul style="list-style-type: none"> • Introdução ao tema com um debate, partindo da questão: “Sabem que as crianças têm direitos? É sobre os direitos da criança que vamos trabalhar, aqui e nas outras disciplinas”. Distribui-se a Convenção dos Direitos da Criança (simplificada). • A turma é dividida em pequenos grupos e manda-se desenhar, em cada grupo, uma árvore pelas diferentes estações do ano; cada grupo trabalha um quarto da Convenção e coloca os respectivos direitos na árvore. Os trabalhos são apresentados e debatem-se os direitos assinalados.
Est. Acomp.	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura e análise de documentos e textos sobre o tema.
Língua Port.	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração/redacção dos inquéritos.
Inglês	<ul style="list-style-type: none"> • Tradução das várias instituições internacionais associadas aos direitos.
História e Geografia	<ul style="list-style-type: none"> • Localização e contextualização das instituições que promovem e asseguram a defesa dos direitos da criança.
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Recolha, organização e tratamento estatístico dos dados.
Ciên. da Nat.	<ul style="list-style-type: none"> • Alimentação racional, higiene, preservação da natureza, etc.
E.V.T	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de um cartaz, pintura de painéis e azulejos, tendo como objectivo divulgação à comunidade escolar.
Educação Musical	<ul style="list-style-type: none"> • Recolha de músicas que abordem o tema da dignidade humana e das violações dos direitos das crianças.
E. Física	<ul style="list-style-type: none"> • Jogos e práticas desportivas que favoreçam a cooperação, o respeito e o cumprimento de regras.
Área de Projecto	<ul style="list-style-type: none"> • Registo em cartolina de todas as violações analisadas nos Inquéritos; • Jogo de papéis: dramatização da violação aos direitos (na sala de aula); divisão da turma em grupos, a cada grupo distribuem-se duas ou três situações de violações patentes nos inquéritos; cada grupo elabora os respectivos textos para dramatizar; distribuir papéis e escolher os porta-vozes dos grupos; ensaiar a representação. • Representação: os alunos espectadores tomam notas sobre o artigo violado. • Discussão sobre a representação: dificuldades; sentimentos e emoções experimentadas; identificação com alguém ou com alguma situação em particular; a violação que mais os sensibilizou e porquê; como avaliam a experiência; que soluções apontam para eliminar estas situações de violação analisadas. • Projecto em acetato das principais violações dos direitos da criança e confrontá-las com as que foram apresentados pelos alunos; debate.

Avaliação:

Avaliação dos alunos através de auto e hetero-avaliação. Avaliação, pelos professores, através da observação directa, do empenho e do interesse pelo projecto – participação nas actividades, capacidade de produção de textos, capacidade de argumentar e defender posições de acordo com os direitos, espírito crítico, responsabilidade, persistência, respeito e mudança de atitudes.

Calendarização:

No 1º período, recolha de dados, análise de documentos e elaboração dos inquéritos; no 2º período, tratamento dos dados, análise de documentos, realização dos trabalhos e do jogo de representação de papéis; no 3º período, apresentação e divulgação dos trabalhos.

Anexos:

1 - Possível questionário:

- Que atitudes e comportamentos consideram não serem respeitadores dos direitos das crianças e dos jovens em espaço escolar?

Na sala de aula	
Nos recreios	
No refeitório	
No centro de recursos/ biblioteca/...	
Nas actividades realizadas nos clubes	

2 - Possíveis situações de violação dos direitos da criança, descritas nos Inquéritos.

Os alunos terão de preencher este quadro e confrontar as conclusões de cada grupo de trabalho.

O gozo perante a gaguez, durante a leitura e no diálogo na sala de aula.	Respeitar a diferença – Artigo: 19
O gozo pela cor da pele; insulto/espancamento.	Artigos: 2, 7,19
Desprestígio, gozo perante atitudes de alunos com N.E.E.	Todos têm direito à educação – Artigos: 23, 29
Desconsideração pelos excelentes alunos, apelidados de “betinhos”.	Artigo: 29
Apalpões, a meninas e meninos.	Desrespeito pela integridade física e moral das crianças – Artigo: 34
Interromper um colega, não o escutando.	Desrespeito pelo direito à participação democrática, à livre expressão e à partilha de ideias e pensamentos – Artigo: 13
Ultrapassar alguém, na fila da cantina.	Desrespeito pela ordem social.
Situação de roubo.	Violação do direito de propriedade
Excluir um colega do grupo de trabalho.	Todos têm direito a poder reunir-se, fazer parte de grupos, fazer amigos – Artigo: 15

Projecto 5

Tema: A família e o saber ser cidadão³⁴

Ideia das professoras Alexandra Machado, Ema Soares e Paula Reis,
Escola Básica 2, 3 do Cerco, Porto.

Duração: Um ano lectivo.

Intervenientes: Alunos do 2º ciclo, professor de Formação Cívica, pais/família e elementos da comunidade educativa.

Destinatários: Alunos da turma, respectivas famílias e comunidade local.

Finalidade:

Criação de condições para desenvolver uma ética de conduta e de saber estar na escola, em família e na comunidade, procurando a aproximação das famílias à vida escolar dos alunos, através de experiências partilhadas, de trabalho em comum, integrando as aprendizagens escolares no ambiente sócio-cultural que rodeia o aluno e vive-versa.

Objectivos:

- Desenvolver capacidades de participação responsável e empenhada na escola.
- Reconhecer a importância da participação da família na vida escolar.
- Compreender a importância do trabalho conjunto da escola e da família, no desenvolvimento da consciência cívica e no exercício da cidadania.
- Desenvolver as capacidades de participação na família e na comunidade local.
- Ser capaz de relacionar direitos e deveres de participação com as instituições da comunidade.

Estratégias metodológicas:

Trabalhos de pesquisa (elaboração de inquéritos, tratamento de dados, análise e discussão das conclusões); debates; estudos de caso; visionamento de filmes; jogo de papéis/representação; produção de textos;

Recursos e material:

Regulamento Interno da Escola; DUDH; Convenção dos Direitos da Criança; jornais; revistas; Internet; filme “O Jaime”; instituições locais; etc.

³⁴ Resolvemos explorar a ideia destas professoras, por acharmos fundamental o envolvimento das famílias, nomeadamente na construção e vivência da cidadania.

Desenvolvimento das actividades/estratégias metodológicas

<p>A turma e a vida escolar</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura/análise das fichas sócio-económicas dos alunos para definição do perfil da turma e de cada aluno, pelo professor; leitura, análise e discussão com os alunos do Regulamento Interno da Escola. • Inquérito aos alunos sobre aspectos da sua relação com a escola: - O que esperam? O que acham que podia (e devia) mudar? O que cada um está disposto a fazer para o bem de todos? Como é que acham que poderiam intervir? Com que ajudas gostariam de contar? Como é que acham que as famílias podiam participar? • Tratamento e análise do questionário pelo professor; apresentação e discussão dos resultados com a turma; elaboração, em conjunto, de um pequeno questionário a enviar aos pais, solicitando colaboração. • Tratamento do questionário dos pais, pelo professor; apresentação e discussão dos resultados, primeiro com a turma e depois em reunião alargada aos pais. • Elaboração conjunta de uma carta de compromissos.
<p>A escola e a família</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Viver a cidadania na família: direitos e deveres de cada um (pais, filhos, avós, irmãos); as formas de participação (o que cada um pode e deve fazer para o bem de todos); as regras que todos devem cumprir; a interajuda; o desempenho de papéis; as relações familiares; a ocupação de tempos livres; etc. • Visualização do filme português “O Jaime”; debate alargado sobre os comportamentos correctos e incorrectos observados, etc.; a partir do filme, levar os alunos a diagnosticarem problemas sócio-familiares – a desestruturação familiar; a falta de condições de habitação; a falta de dinheiro; o desemprego; as diferentes formas de violência; os riscos das crianças; o abandono familiar, o alcoolismo; a droga; etc. • Dramatização de situações do filme com os actores/alunos, rescrevendo pequenos diálogos ou improvisando. • Debate alargado aos pais: “A escola, a família e o ser cidadão”, com pais directamente envolvidos.
<p>Escola/família/comunidade local</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão sobre a importância das instituições locais (sociais, culturais e recreativas, desportivas, etc.) na vida das famílias; entrevistas a profissionais dessas instituições sobre o tipo de apoios que prestam, etc.; visitas a instituições da comunidade e escrita de notícias; escrita de cartas às autarquias ou outras entidades sobre aspectos a suprir ou a melhorar; debate relacionando serviços públicos com direitos de cidadania e com deveres dos cidadãos. • Debate alargado aos pais: “A família, a comunidade e o ser cidadão”, com convidados da comunidade.

Avaliação:

Participação e empenhamento nos trabalhos individuais e de grupo, na turma e em trabalho autónomo.

Calendarização:

No 1º período: “A turma e a vida escolar”; no 2º período: “A escola e a família”; e no 3º período: “Escola, família e comunidade local”.

Projecto 6

Os direitos humanos vistos pelas crianças – Prémio de nível 1 do Concurso

Professora Responsável: Emília da Fonseca Ribeiro, Escola Básica 1 e JI de Cruzeiro

S. Paio de Vizela, Vizela.

Objectivos:

- Compreender a importância das relações com os outros.
- Desenvolver atitudes e comportamentos que respeitem a dignidade humana e os valores da paz, da tolerância e da não – discriminação.
- Desenvolver a capacidade de resolver problemas.

Intervenientes: Alunos, professores, auxiliares de acção educativa, pais e encarregados de educação.

Calendarização: Março a Junho.

Excertos do relatório:

“Pretendíamos dar a conhecer os direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor da pessoa humana, na dignidade dos direitos do homem e da mulher, de modo a contribuir para a construção de uma sociedade mais humana e mais justa, onde os indivíduos sintam vontade de participar – na realidade que os cerca e de que fazem parte, de nunca se manterem à margem dos problemas do seu tempo, como a pobreza e a exclusão social, o racismo, a intolerância, a diferença e a indiferença perante a vida pública.

Como condição essencial, criámos um meio escolar que proporcionasse às crianças experiências fundamentais, numa adaptação intelectual do conhecimento, através das mais variadas técnicas, como a leitura, a escrita, o cálculo, a dança, a poesia, a música, a imprensa e tantas mais expressões do gosto de construir, de produzir, de criar..., de modo a contribuir para uma consciencialização progressiva do papel do cidadão no mundo.

Foram diversas as formas como os diferentes professores desenvolveram as actividades planificadas, nas reuniões de docentes de ano, onde havia lugar para a troca de materiais/instrumentos, numa perspectiva de partilha da informação, seguida de reflexão sobre a prática-pedagógica.

Assim, “A história do menino selvagem” foi o ponto de partida para o estudo dos Direitos do Homem. O texto foi debatido em assembleia de alunos. Foram propostos trabalhos diversificados que suscitaram a realização de actividades, pelos alunos, de cariz investigativo, apelando à sua curiosidade, ao gosto por aprender e à criatividade.

Actividades do projecto: ao longo do projecto, foram desenvolvidas diversas actividades, nas áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, numa perspectiva interdisciplinar:

- Pesquisa; recolha e tratamento de dados; execução de flores de papel; distribuição de flores, pelas mulheres da aldeia, alertando-as para os seus direitos, no Dia Internacional da Mulher.
- Jornadas de Sensibilização Ambiental: “A Água... um tesouro a preservar”, em 22 de Março e 22 de Abril.
- Teatro de sombras – “O Tesouro” – texto de Manuel António Pina (adaptado) para comemoração do “Dia da Liberdade – 25 de Abril”.
- Torneio Inter-escolas – Desporto em Movimento – Final em 19 de Maio.
- Mostra de trabalhos “Os Direitos do Homem... Vistos pelas Crianças” – 24 de Maio a 1 de Junho.

Em torno do projecto, conseguiu-se envolver os alunos, os professores, os pais e outros membros da comunidade, tendo sido estimulada a comunicação com outras escolas. Isso permitiu não só o desenvolvimento pessoal, social e profissional do grupo de professores envolvidos mas também ajudar os alunos a crescer no sentido de construírem a sua própria aprendizagem.

Trabalhos apresentados a concurso:

Como resultado do trabalho desenvolvido, os alunos elaboraram um livro, com os trabalhos mais significativos e um vídeo com o registo da apresentação do Teatro de Sombras, assim como algumas imagens da exposição.

A professora responsável

Actividade que destacamos:

Leitura, análise e debate sobre o texto “O menino Selvagem”, em assembleia de alunos; escrita das opiniões que acharem mais interessantes.

O Menino Selvagem

Já ouviste falar dos meninos selvagens? No século passado³⁵, em França, uns camponeses encontraram no Maciço Central um menino muito pequeno que uivava como um lobo. Abandonado pelos pais, diz-se que fora criado por uma loba. O seu comportamento não era o de um ser humano: devorava carne crua, gritava e recusava qualquer tipo de contacto. Também não era o comportamento de um animal, visto que ele ignorava as regras que permitem aos jovens lobos viver em alcateia. Até os animais que vivem em grupo obedecem a regras.

Nem homem, nem animal, estava condenado à morte. Não é possível viver sem leis. O doutor Letard recolheu a criança e tentou educá-la. Mas o Victor – foi o nome que lhe deram – não sobreviveu. Faltou-lhe aquilo que por vezes tens tanta dificuldade em suportar: a educação, os conselhos de um adulto, a sociedade e as suas obrigações.

in Os direitos do homem contados às crianças, Terramar, p.19

³⁵ Refere-se ao Século XIX.

Pensar sobre o texto

“Não podemos viver sem regras, sem leis, sem educação, sem liberdade. Para sobrevivermos temos de cumprir as regras, as leis, respeitar os outros, sermos educados. Cada um de nós, independentemente da sua raça, tem de ser criado cumprindo e respeitando regras”.

Trabalho colectivo de 3º ano

Sou um menino selvagem

«Sou um menino selvagem, fui criado por uma loba. Ela foi a minha mãe, mas eu queria encontrar os meus pais verdadeiros. A loba ajudou-me muito, mas não me soube educar. Agora estou a ser educado pelo doutor Letard. Estou quase a conseguir ser educado, estou a estudar na escola, sei que tenho obrigações e estou a cumprir as regras. Queria muito encontrar os meus pais, mas estou a ser feliz com o doutor Letard».



Vera Adriana

“Os pais não deviam abandonar o filho. Ele chorava que queria os pais e não tinha ninguém. Não tinha alegria”.

Sónia

“ Os pais não deviam deixar o menino na selva. Deve ser triste viver sem os pais”.

Rafael

“Não é possível viver sem regras porque senão não fazemos bem as coisas na vida”.



Sónia

“É difícil viver sem os pais e não ter nada para comer. É preciso ter muita coragem para viver sem os pais”.

Carla

“Ser menino selvagem é ter de escapar a muitos perigos. É difícil, quando há tempestades precisa de um sítio para se proteger”.

Simão



Mostra de trabalhos “Os Direitos do Homem...Vistos pelas Crianças” – 24 de Maio a 1 de Junho.

Projecto 7

Nós temos direitos

Professora Responsável: Filomena Silva, Jardim Escola João de Deus, Torres Vedras.

Objectivos:

- Conhecer os direitos da criança.
- Relacionar os direitos com os deveres.
- Conhecer realidades diferentes de outras crianças.
- Identificar acções relacionadas com os direitos.

Intervenientes: A turma, encarregados de educação, professores, educadores e alunos da escola.

Calendarização: Março a Junho

Excertos do Relatório:

O projecto iniciou-se com a apresentação dos direitos da criança, através de uma aula ministrada pela Dr^a Ana Margarida Santos, formada em Direito, encarregada de educação de um dos alunos do 3º ano. Após esta aula, os alunos elaboraram um cartaz com os direitos da criança – “Os direitos” (trabalho nº 1) – o que os levou a pensar que não têm só direitos mas que também têm deveres e, assim, surgiu um outro trabalho com os seus deveres – “Os deveres” (trabalho 2).

Na semana antes da Páscoa, elaboraram, também colectivamente, um questionário acerca dos direitos e dos deveres da criança. Este foi levado para casa, por todos os alunos, de forma a poderem escolher os entrevistados. Analisámos as respostas dos 23 questionários recebidos, tendo sido retiradas as respectivas conclusões, o que deu origem a um trabalho de pesquisa intitulado – “Direitos e deveres das crianças” (trabalho 3).

Elaboraram um livro de poesias e um CD sobre o que é ser criança (trabalho 4), que foram gravadas, no dia 5 de Maio, na Rádio Europa (...), e estiveram no ar no dia 1 de Junho, Dia Mundial da Criança.

(...) As crianças mostraram-se muito motivadas e empenhadas em trabalhar este projecto. Debateram-no com muito entusiasmo, tomando uma maior consciência de que existem crianças com realidades diferentes, tanto a nível do nosso país como mundialmente. Além de se terem desenvolvido valores e atitudes muito importantes na educação integral dos alunos, desenvolveram também a capacidade de atenção e o sentido crítico, de forma a prepará-los para os seus projectos de vida.

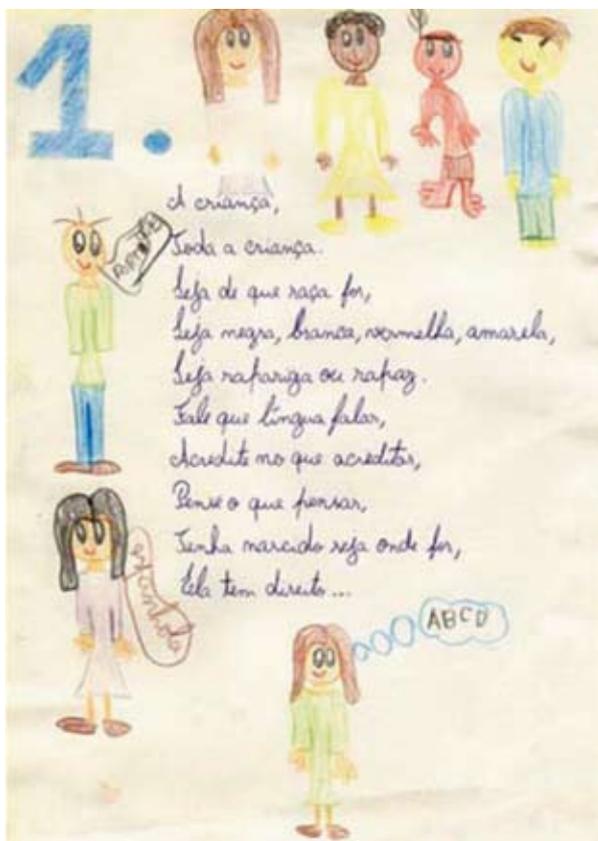
A professora responsável

Trabalhos apresentados a concurso:

Um painel sobre os direitos das crianças, com o texto da Matilde Rosa Araújo e ilustrações dos alunos; um CD-ROM com a gravação das poesias feitas pelos alunos, gravadas e divulgadas na rádio local.

Actividades que destacamos:

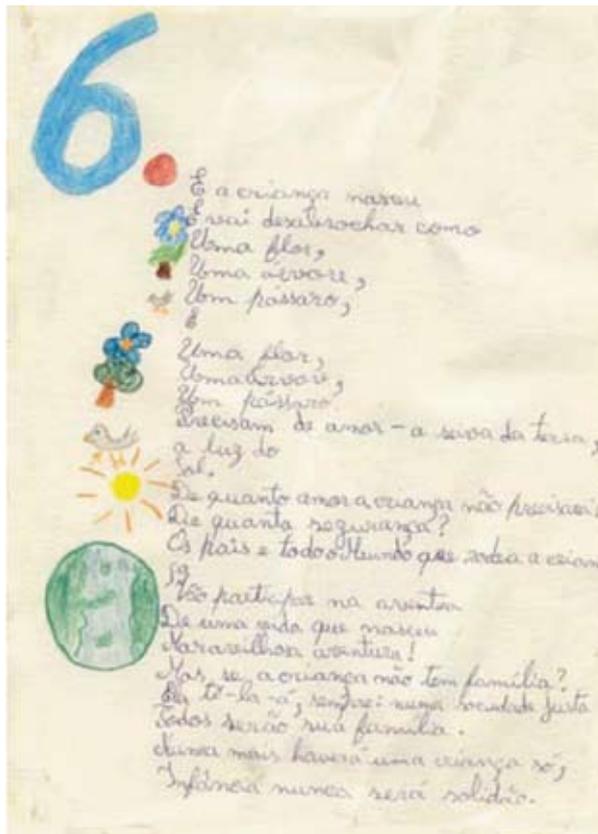
Do painel sobre os direitos, seleccionamos quatro partes (1, 4, 6 e 10), porque aí são referidos aspectos essenciais à vida de todas as crianças. Seleccionámos também as poesias dos alunos sobre “Ser criança é...”.



*Brincar, crescer
aprender a ser feliz*

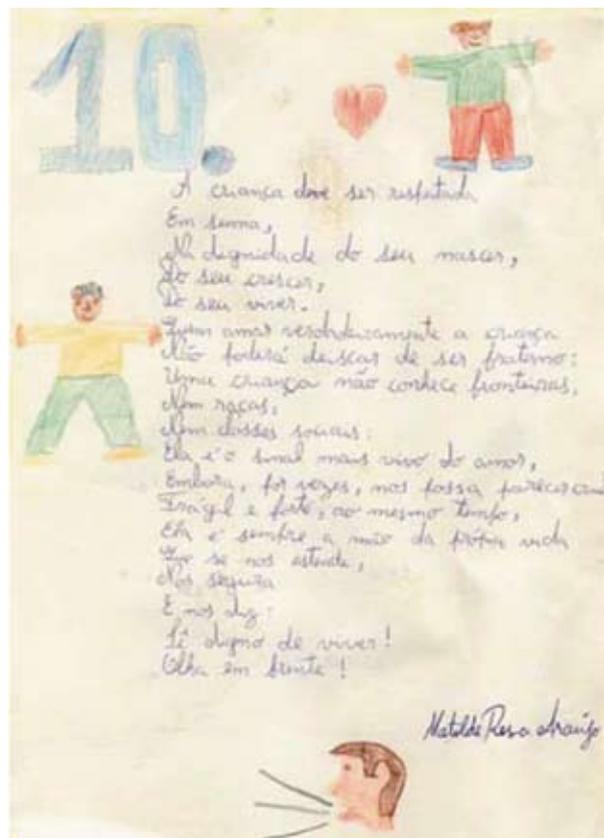
*A criança
Ela tem direitos...*





*Crescer como
Uma flor
Uma árvore
Um pássaro...*

*A criança deve
ser respeitada
na dignidade
do seu nascer
do seu viver.*



Poesias dos alunos do 3º ano

Ser criança é
Poder brincar
Poder sorrir
E poder sonhar.

Ser criança
É o que eu sempre quis
Gosto de o ser
E sinto-me feliz.

Ser criança
Na minha opinião
É uma flor que cresce
Da Primavera para o Verão.

A criança tem direitos e deveres
Ela não deve ser maltratada
Mas também deve obedecer.

Joana Raquel Vargas Bastos

Ser criança é ...
Nadar na piscina
Ser criança...
É não tratar mal os pais.

Ser criança...
É ser amigo dos colegas
Ser criança ...
É estudar na escola

Ser criança...
É ter paz e amigos
Ser criança...
É ter os seus direitos

Ser criança...
É aprender a ler e a escrever
É muito, ser criança!

Daniel Almeida

Ser criança é
Ter pai e mãe
E família também.

Ser criança é
Ter direito a ser feliz
E quando está sem casa
Vai ao juíz.

Ser criança é
Ser alguém pequeno
É ter direito a viver
Num ambiente sereno.

Ser criança é
Ser alguém importante
Pois se a mãe o perder
Eu sei que o vai querer.

Carlos Manuel Rodrigues Pardal Salgado

Ser criança é
Muito bom
E quando chegamos a casa
Só recebemos bombons.

Ser criança é ...
Uma grande alegria,
E normalmente
Faz com que toda a gente sorria.

Uma criança
Deve ser bondosa,
Mas nunca
Mal cheirosa.

A criança
É um cristal de ouro
E quando temos uma
É um grande tesouro!!!

Rodrigo Rodrigues da Silva Pessoa Jorge

Projecto 8

A Geração Eco

Professor Responsável: Eduardo Carreira, Escola Básica do 1º ciclo

Dr. Clemente Tavares - Gaula, Santa Cruz, Madeira.

Objectivos:

- Sensibilizar para a beleza paisagística e a riqueza ambiental da ilha.
- Compreender que a preservação do ambiente é um dever de cidadania.
- Desenvolver a consciência da importância do ambiente para o equilíbrio humano.

Intervenientes: Turma do 4º ano; restantes alunos da escola.

Calendarização: O 3º período lectivo.

Excertos do relatório:

(...) Tema escolhido, foi hora de o estruturar, de planificar e estabelecer o modo de o operacionalizar, de pôr em prática as nossas ideias. Optámos por uma parceria, fazendo um “link” com um outro projecto já existente – Eco-escolas. O ponto de partida foi a comemoração do hastear da Bandeira Verde, o nosso galardão. O restante alinhamento foi delineado em função das actividades planificadas no âmbito desse mesmo projecto.

Aos alunos, foi pedido que observassem, reflectissem e sobretudo que praticassem. Pediu-se-lhes também que produzissem pequenos textos, que expressassem os seus sentimentos, opiniões e esperanças. Para lhes dar um pouco mais de colorido, adicionámos algumas fotografias que fomos tirando durante estas práticas.

Ao longo de todo este processo, as dificuldades encontradas não foram outras do que as normalmente sentidas por alunos de tão tenra idade, pequenos “académicos” que estão a dar os primeiros passos nestas lides.

As alterações ao que estava inicialmente previsto prenderam-se apenas com o suporte escolhido para a apresentação do trabalho. Numa fase em que o grosso do material já estava produzido, resolvemos, num contexto ecológico, poupar papel e transversalmente utilizar as novas tecnologias de que, felizmente, dispomos.

O resultado foi para nós bastante satisfatório. Para os alunos, foi um desafio, mas também uma conquista. Afinal, não é todos os dias que os seus sentimentos ficam registados num CD-ROM, numa caixinha que vai cruzar o Atlântico para ser apresentada a concurso.

A Geração – Eco centrou-se nas interações possíveis entre o Homem e o Meio Ambiente, fazendo sentir que a consciência ecológica valoriza o ser humano enquanto parte integrante e essencial do ecossistema.

Esperamos que, com a nossa ajuda, a Geração–Eco consiga refrear a degradação do nosso património, concebendo e divulgando novas bases ecológicas, incorporando-as no quotidiano de todos os interessados. Esperamos acima de tudo que consigam articular os conceitos de ecologia, lixo e cidadania de forma responsável e coerente, cientes de que tal atitude será a condição primeira para a existência dos Direitos Humanos na Educação para a Cidadania.

O professor responsável

Trabalhos apresentados a concurso:

Um CD, incluindo o relato das iniciativas, textos produzidos pelos alunos e reportagens fotográficas.

Actividades que destacamos:

Dois textos de alunos, produzidos no âmbito das visitas de estudo, incluídas nas actividades do projecto.

Semana da Floresta

No dia 15 de Março, fomos ao Montado do Pereiro. Nesse dia estava muito frio e nevoeiro, pelo que foi muito difícil realizar o percurso.

Os Senhores Guardas Florestais falaram-nos sobre as árvores e as aves da Floresta Laurissilva. Durante o percurso tivemos oportunidade de observar ao vivo algumas espécies de aves como o bis-bis, o tentilhão e a manta. Também vimos algumas espécies de árvores características desta floresta: o loureiro, o cedro e o til.

Ao longo do percurso, fizemos alguns jogos de identificação de aves, plantas e árvores e plantamos um Loureiro.

No final do percurso, fomos lanchar e depois regressamos à escola.

Foi uma actividade muito divertida, foi pena o tempo estar muito frio o que não permitiu que desfrutássemos ao máximo a Natureza.

Oriana Gonçalves – 4º ano

Visita de estudo à E.T.R.S.U. (Estação de Tratamento de Resíduos Sólidos Urbanos) da Meia Serra

No dia 12 de Maio, fizemos uma visita de estudo à estação de tratamento de resíduos sólidos e urbanos da Meia Serra.

Quando chegámos à estação uma senhora chamada Andreia aguardava a nossa chegada.

Todos os alunos e professores se dirigiram para uma sala onde a senhora engenheira Andreia nos explicou as diferentes secções da estação. Depois, vimos um vídeo sobre o funcionamento da estação.

Já no exterior, visitámos três secções da estação. Começámos por visitar a lagoa onde são tratadas as águas residuais e as águas lexivantes produzidas pelos lixos. Depois, visitámos as fossas onde são depositados os lixos recolhidos nos diferentes concelhos da Região.

Finalmente visitámos o local onde são colocadas as cinzas provenientes da incineração dos lixos até seguirem para o aterro sanitário.

Eu gostei muito de realizar esta visita de estudo, porque fiquei a conhecer o destino final dos resíduos que produzimos no nosso dia a dia.

Leonardo Gonçalves – 4º ano

Projecto 9

Cidadania e Pessoa com deficiência – Prémio de nível 2 do Concurso

Professora Responsável: Almerinda Bento, Escola Básica 2, 3 Paulo da Gama, Amora.

Objectivos:

- Sensibilização da comunidade educativa para os problemas da comunicação das pessoas com deficiência.
- Ter atitudes positivas, não excludentes, face à diferença resultante da deficiência.
- Produzir materiais pedagógicos a utilizar nas aulas de Formação Cívica.

Intervenientes: Professores, alunos, auxiliares de acção educativa e instituições da “Rede Incluir” do concelho do Seixal.

Calendarização: A 3 de Dezembro de 2003 – acção de sensibilização para toda a escola “Dia Diferente”; Fevereiro de 2004 – produção de um filme sobre “Um dia diferente”; até Junho – produção de um dossier de materiais (recortes, artigos de jornais, fotografias) sobre a temática da deficiência; produção de uma unidade didáctica para utilização nas aulas de Formação Cívica ou outras.

Excertos do Relatório:

“A ideia surgiu ainda em 2003, quando se comemorava o Ano Europeu da Pessoa com Deficiência. Sendo a Escola Básica 2, 3 Paulo da Gama um dos animadores de uma rede social sediada no concelho do Seixal – Rede Incluir – constituída por escolas, Autarquia, Centro de Saúde, Centro de Emprego e Formação Profissional, associações de apoio a deficientes e outras, a escola decidiu tomar em mãos a realização de uma acção sobre a deficiência.

Um dos objectivos do Projecto Educativo da escola, intitulado “Uma escola de Oportunidades para Construir um Mundo Melhor”, consiste em tornar esta escola promotora da inclusão. Por outro lado, sempre fizemos um esforço para acolher alunos com deficiências várias, adaptando o espaço físico de modo a melhorar as acessibilidades, deitando abaixo algumas barreiras arquitectónicas impeditivas da circulação de jovens com deficiência motora.

Consideramos também que a nossa sociedade tem ainda pouca sensibilidade para a diferença que resulta da deficiência, sendo as pessoas deficientes muitas vezes encaradas numa perspectiva caritativa e não de cidadania. Na abordagem desta temática, quisemos, com este projecto, dar aos alunos a dimensão de que o deficiente é um cidadão com direitos.

Daí o se ter apresentado uma proposta de acção que foi aprovada em Conselho Pedagógico e a que se chamou “Um Dia Diferente”. Planeada e concretizada com a intervenção de várias instituições da Rede Incluir, esta acção destinou-se a toda a comunidade escolar, sendo aberta às instituições da Rede. Decorreu no dia 9 de Dezembro de 2003 e foi uma acção de sensibilização e formação de toda a comunidade educativa para os problemas da deficiência visual, auditiva, motora e mental.

No entanto, e desde o início, se considerou que a acção não deveria limitar-se àquele dia. Percebeu-se que havia condições e uma base de trabalho para desenhar uma unidade didáctica e um conjunto de materiais a utilizar em Formação Cívica ou noutras disciplinas, nomeadamente em Língua Portuguesa e em Área de Projecto.

Trabalhos apresentados a concurso:

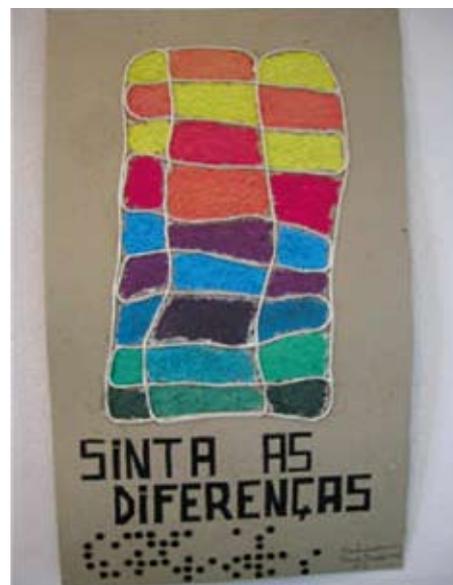
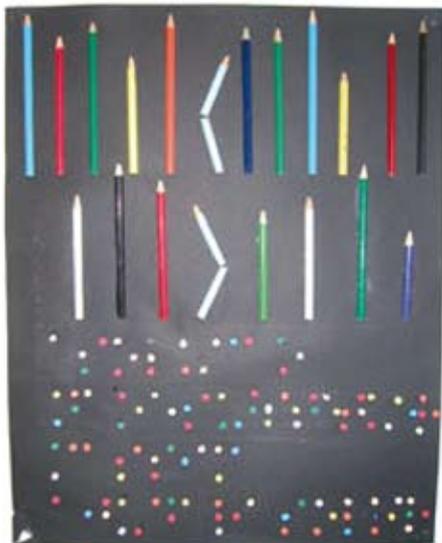
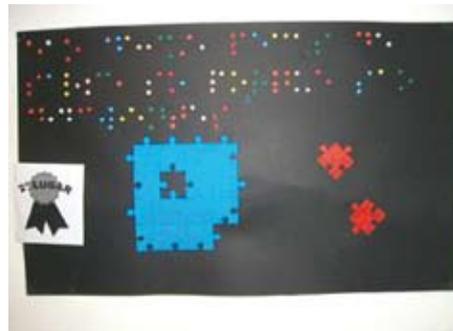
Duas cassetes de vídeo – “Um dia na vida do Zé”, da Rede Incluir e outra feita no dia da acção “Um dia diferente”; um CD com algumas das fotografias de entre os cerca de cem cartazes elaborados, em várias turmas do 7º ano, na disciplina de Educação Visual, cartazes esses com texturas e rugosidade e com a utilização do código Braille, para poderem ser lidos por deficientes visuais, e ainda alguns textos, documentos que fazem parte do dossier temático e dos materiais de apoio e esta unidade didáctica, os quais se encontram no Centro de Recursos Educativos da escola, para utilização pelos professores e alunos”.

Actividades que destacamos:

- Diálogo, planeamento e aprendizagem com as associações com trabalho na deficiência. Sem a escola a abrir-se a essas instituições e a aprender com elas, não teria sido possível avançar com o projecto.
- O trabalho de preparação – feitura de cartazes pelas turmas de Educação Visual e pelas turmas com opção de Artes Plásticas, os quais foram, no Dia Diferente, postos a votação por parte de todos quantos visitaram a exposição.
- A acção de sensibilização propriamente dita – o Dia Diferente – envolvendo várias vertentes da deficiência e toda a comunidade educativa. Os alunos experimentaram as dificuldades dos deficientes motores, visuais e auditivos. Aperceberam-se das capacidades e potencialidades que as pessoas com deficiência têm, ao nível da expressão dramática (teatro com alunos surdos-mudos), da expressão corporal (dança com deficientes portadores de trissomia 21 e outros), do canto (cegos), da actividade desportiva (*basketball* em cadeira de rodas e *boccia*). Consciencializaram-se sobre os instrumentos que existem ou não para os deficientes serem cidadãos com oportunidades iguais a todos os outros. Tomaram consciência das mudanças que há a fazer na escola, para ela poder ser inclusiva, isto é, uma escola para todos.
- A elaboração de materiais que ficaram para poderem ser utilizados em Formação Cívica.

A professora responsável

Trabalhos da Exposição



Projecto 10

Blocos de Construção – Menção Honrosa de nível 4 no Concurso

Professora Responsável: Shohreh Shahidyan,
Escola Secundária com 3º ciclo Martins Sarmiento, Guimarães.

Objectivos:

- Ser capaz de garantir a protecção dos direitos do homem através da promoção de princípios básicos – respeito por si e pelos outros.
- Reconhecer a unicidade do género humano.
- Desenvolver a capacidade de apreciar a unidade na diversidade.

Intervenientes: Grupo de alunos da disciplina de Educação Moral e Religiosa segundo os ensinamentos Baha'is da escola secundária com 3º ciclo Martins Sarmiento e alunos do 1º ciclo das escolas de Serzedo e Monte Largo.

Calendarização: Ao longo dos anos de 2002/04. Ano lectivo 2003/04, data de início; e ano lectivo 2003/04, data de conclusão.

Excertos do Relatório:

“(…) um projecto de intervenção onde está patente a ética de inter-ajuda e um elevado sentido de serviço ao bem comum proporciona aos jovens uma oportunidade de transformação individual e colectiva.

Assim, o nosso projecto inclui várias deslocações dos alunos do ensino secundário às duas escolas do 1º ciclo onde, através de actividades planeadas, os próprios alunos transmitiram aos mais novos os princípios fundamentais subjacentes à Carta Universal dos Direitos Humanos, tais como: unidade na diversidade, unicidade da humanidade como um todo, resolução pacífica de conflitos e valores universais como tolerância, veracidade e justiça.

(…) as próprias crianças, com quem os nossos jovens trabalharam, foram incentivadas, por sua vez, a ajudar os seus colegas ainda mais novos na resolução dos conflitos e, desta maneira, alicerçar os seus próprios valores.

As actividades tiveram um carácter quinzenal, dando ênfase à preparação e avaliação dos trabalhos efectuados. A responsabilidade pelo desenvolvimento e abordagem das várias temáticas ficou a cargo de vários pequenos grupos de alunos, com o objectivo principal de proporcionar oportunidades para praticar os conceitos de tomada de decisão em grupo, já aprendidos no início do ano lectivo.

... encontrámos uma abertura e um espírito de colaboração sem par nas escolas.(...) este projecto proporcionou a todos uma oportunidade de aprendizagem.

Trabalho apresentado a concurso:

Um vídeo que documentava o trabalho realizado.

A actividade que destacamos:

Um dos resultados visíveis deste projecto foi a concretização de um espaço designado de “Cantinho da Paz” na Escola do 1º ciclo de Serzedo, uma actividade integrada no projecto “Blocos de Construção”. Este “Cantinho da Paz” era constituído por um espaço físico (localizado na biblioteca desta escola) cuja finalidade era proporcionar aos alunos desta escola uma zona convidativa à auto-reflexão e auto-regulação em situações de conflito, na busca de soluções baseadas em valores éticos, levando ao canalizar de energias na resolução de problemas invés de posturas defensivas e agressivas. Nesse sentido, servia para legitimar, na mente dos alunos, acções e comportamentos positivos, incentivando o solucionar e o gerir de conflitos de forma construtivas. Nesse sentido, contribuía para a aprendizagem e a aquisição de competências, tanto a nível cognitivo como social, ético e psicológico.

O espaço foi desenvolvido pelos alunos, que participaram na sua preparação e na elaboração de cartazes criativos, alusivos a passos importantes na resolução pacífica de conflitos. Esses cartazes foram elaborados pelos alunos do 4º ano do 1º ciclo, com a colaboração e apoio dos alunos do ensino secundário da disciplina, bem com a supervisão e a ajuda do docente. Nesse sentido, a criação deste espaço desempenhou um papel formativo importante para os alunos da disciplina de Educação Moral e Religiosa segundo os ensinamentos Bahá'ís, na medida em que trabalharam em equipa com os alunos do 1º ciclo.

A Preparação da Actividade

A realização desta actividade por parte dos alunos do secundário necessitou de um trabalho preliminar e de acções de sensibilização prévias. Em particular, a visão da resolução dos conflitos pela aplicação de virtudes e valores éticos, que exige que os alunos estejam familiarizados com estas virtudes e sejam capazes de reconhecê-las, quer em si próprios quer nos outros. Na fase preparatória do projecto, foi clarificado junto dos alunos a natureza da sua intervenção nas escolas do 1º ciclo, enfatizando o poder do seu próprio exemplo e as atitudes que deveriam ter perante as crianças do 1º ciclo, realçando a importância de criar um clima inclusivo. Nesta dimensão, um aspecto crucial foi o reconhecimento do valor intrínseco de cada ser humano, que foi potenciado também pela discussão e memorização de uma citação das escrituras Bahá'ís: “Considerai o Homem como uma mina rica em jóias de inestimável valor. A educação, tão somente, pode fazê-la revelar os seus tesouros e habilitar a humanidade a tirar dela algum benefício”. Para além de contribuir para a criação de uma visão da nobreza de cada ser humano, esta citação ajudou também os alunos do ensino secundário a compreenderem a importância do seu apoio às turmas do 1º ciclo, do seu papel em termos do desenvolvimento das potencialidades dos mais novos, e na criação de hábitos e padrões de comportamento ético.

Os alunos foram assim treinados para estarem atentos ao comportamento positivo das crianças com quem iriam trabalhar. De modo a operacionalizar este conceito, foram desenvolvidos exercícios de modo a desenvolver a capacidade dos alunos de identificarem virtudes específicas que estavam a ser praticadas, e de encorajarem comportamentos positivos. Os comportamentos negativos, por sua vez, eram abordados de uma forma que não desmoralizasse o aluno mais novo. Assim, o aluno do ensino secundário, ao constatar um comportamento menos positivo, deveria nomear e apontar a virtude que esteve em falta, para deste modo ajudar a despertar susceptibilidades morais nos alunos mais novos e contribuir para o desenvolvimento de atitudes e qualidades positivas.

Que Técnicas Pedagógicas na Transmissão de Valores Éticos e Morais?

A transmissão de valores éticos e morais não pode ocorrer a um nível meramente teórico, requerendo antes um envolvimento activo e uma contextualização e aplicação à realidade dos alunos. Nesse sentido, procurou-se sempre aplicar os conceitos a vivências típicas dos alunos, quer no meio escolar quer familiar, através de debates que permitissem ver as consequências para situações concretas, bem como de metodologias mais interactivas (p.ex.: teatros e situações de *role-play*).

Também com o objectivo de facilitar a compreensão de conceitos abstractos de uma forma tangível, estes foram apresentados de forma criativa e relevante para a faixa etária dos alunos do 4º ano com quem se iria lidar. Assim, para exemplificar o conceito da diversidade e da riqueza que esta pode trazer à humanidade, foram dadas às crianças papéis recortados de várias cores, a partir dos quais era pedido que construíssem flores. No final do exercício, era analisado juntamente com as crianças o paralelismo entre o ramo das flores e a humanidade. Assim, esta actividade servia para os alunos reflectirem sobre o encanto de cada um – reflectido na beleza de cada flor individual – mas também para reconhecerem a importância e o potencial da diversidade, reflectida no ramo das flores cuja beleza derivava precisamente das diferentes flores que aí se encontravam. Ao reconhecer este conceito, os alunos eram também naturalmente incentivados a verem o valor intrínseco dos outros enquanto seres humanos.

Também, para elucidar o complexo conceito da unidade na diversidade foram utilizados exemplos concretos da natureza. Assim, pediu-se às crianças que comparassem folhas do mesmo ramo e grãos de bico, permitindo-lhes constatarem a ausência de repetição na natureza. Esta experimentação simples abriu, assim, o espaço para uma idêntica reflexão sobre a unidade e diversidade na humanidade. Finalmente, para ajudar a desenvolver nas crianças o sentido de cooperação e abrir o caminho para o desenvolvimento da empatia entre todos, foram introduzidos jogos cooperativos, uma actividade preferida de todos, onde um alto nível de aceitação mútua e partilha do sucesso esteve patente.

Análise do Processo de Elaboração do “Cantinho da Paz” numa Escola de 1º Ciclo

Durante a elaboração do “Cantinho da Paz” na escola do 1º ciclo, os alunos intervenientes decidiram iniciar com uma actividade que permitisse às crianças a compreensão do significado de resolução de conflitos. Assim, a partir de exemplos concretos de conflitos do universo das próprias crianças, estas

foram convidadas e encorajadas a participarem e a turma inteira foi envolvida na análise dos conflitos apresentados. Depois desta parte introdutória, as crianças foram divididas em pequenos grupos de trabalho. Cada um destes grupos era coordenado por um aluno do ensino secundário, cujo papel era incentivar a interação, a cooperação e o diálogo entre os alunos. Foram também tomados em conta pormenores como o facto das crianças terem de trabalhar com um número necessariamente reduzido de canetas, lápis ou borrachas, um constrangimento que foi aproveitado para incentivar as capacidades de paciência, tolerância e cooperação das crianças.

Cada grupo produziu um cartaz com frases alusivas a um dos passos essenciais na resolução pacífica de conflitos, tais como: conta com toda a veracidade a tua experiência do acontecimento; ouve com respeito a opinião do colega; partilha os teus sentimentos com toda a honestidade; aplica justiça e perdão para emendar.

No final, houve também uma apresentação do projecto, feita pelos alunos 4º ano do 1º ciclo que participaram na elaboração do “Cantinho da Paz” para os demais alunos da sua escola. Tal permitiu não só desenvolver a sua compreensão do exercício, à medida que exploravam e explicavam o que fizeram, mas também envolver e despertar o interesse das outras crianças da escola, motivando-as, assim, a usufruir do espaço que tinha sido criado.

Considerações Finais

A aquisição de competências para gerir os conflitos de uma maneira construtiva só pode ser alcançada a longo prazo, através de um trabalho sistemático. Nesse sentido, houve sempre a consciência de que o “Cantinho da Paz” não poderia ser visto como uma panaceia para os conflitos na escola. Antes, a visão, desde o início, foi de que este pudesse ser um ponto de partida para uma resolução pacífica de conflitos para os alunos do 1º ciclo, com a existência de um espaço agradável e acolhedor a servir, enquanto uma lembrança da existência de alternativas construtivas, para a resolução de conflitos.

Ao mesmo tempo, o projecto teve um papel formativo importante nos alunos do ensino secundário envolvidos. Efectivamente, foi patente nos alunos, ao longo deste projecto, uma ética de interajuda, a prática de tomada de decisão em grupo e um elevado sentido de serviço ao bem comum. De notar que os próprios alunos constataram o efeito deste projecto na sua formação, tendo comentado – já no final do ano lectivo e após o término do projecto – que foi durante a elaboração e execução do projecto que tinham chegado a uma compreensão mais profunda dos conceitos até então debatidos na sala de aulas.

Shohreh Shahidyan

4 – Actividades de Complemento Curricular

Clubes, Núcleos e Oficinas escolares

Os Clubes que aqui apresentamos ou participaram, através da Rede de Escolas, nas actividades do Fórum de Discussão ou apresentaram um trabalho a Concurso. Uns situam-se objectivamente na área da cidadania e dos direitos humanos, enquanto outros desenvolveram actividades de complemento curricular nas áreas do teatro e da escrita, ainda que trabalhando, nesse ano lectivo, questões de cidadania e de direitos humanos, o que mostra como estas questões são transversais e podem ser trabalhados em diferentes espaços e áreas.

Outro ponto a realçar é perceber como se desenvolvem, nestes espaços, projectos interdisciplinares, conjugando actividades extracurriculares, numa abertura à comunidade local, com actividades curriculares, nomeadamente com a Área de Projecto.

- Clube de Teatro, Escola Básica 2, 3 Joaquim de Barros, Paço de Arcos, Oeiras.
- Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania, Escola Secundária com 3º ciclo Dr. Raul Proença, Caldas da Rainha.
- Clube da Solidariedade, Escola Básica 2, 3 Colégio Sagrado Coração de Maria, Fátima.
- Oficina de Escrita, Escola Secundária com 3º ciclo Padre António Vieira, Lisboa
- (Núcleo) Escola de Valores Sociedade Humanizante, Escola 2, 3 de Aradas, Aveiro.³⁶
- Clube dos Direitos Humanos, Escola Secundária com 3º ciclo Rainha Santa Isabel, Estremoz.

Projecto em parceria com instituições

Apresentamos um Fórum de Discussão que o DEB/Inovação desenvolveu com escolas dos diferentes níveis de ensino, a nível nacional.

Visitas de estudo

São actividades importantes na aprendizagem e na construção da cidadania, seja qual for a disciplina ou área curricular em que sejam planeadas e desenvolvidas.

³⁶ Como tínhamos conhecimento que a partir do projecto “Escola de valores, sociedade humanizante” se tinha constituído um Núcleo de trabalho com continuidade, embora ainda não com carácter formal, pedimos à professora responsável que falasse da experiência, que consideramos importante divulgar.

A importância dos Clubes e Núcleos

Os Clubes, Núcleos e Oficinas desempenham um importante papel na vivência da cidadania e dos direitos humanos na escola. Regra geral, constituem-se numa referência, pelo trabalho significativo que desenvolvem e pela capacidade de se abrirem à vida e aos problemas dos alunos. Devidamente integrados na dinâmica da escola e nas actividades de complemento curricular, conseguem ultrapassar o carácter pontual e pouco sistematizado de muitas das iniciativas, como a comemoração de dias, as conferências, os debates, as semanas culturais, etc., e dar exemplo de um trabalho bem estruturado e de continuidade.

São espaços de trabalho e de aprendizagem com grande proximidade nas relações e nos compromissos que aí se estabelecem, o que facilita o desenvolvimento de valores de cooperação e interajuda, na resolução de problemas, na integração e no desenvolvimento do espírito de grupo e associativo.

Outro aspecto importante é o facto de se tratar de associações escolares, propiciadoras de experiências de participação democrática e, deste modo, poderem ser uma base e uma motivação para a participação dos alunos, em acções de voluntariado, nas associações da comunidade.

Lançar um Clube com os alunos é, desde logo, uma boa oportunidade para viver e construir a cidadania – desde as primeiras propostas, às discussões e decisões participadas. Alguns aspectos importantes a pensar e a definir:

Finalidades – trabalhar os valores da pessoa humana enquanto indivíduo e cidadão, habitando um país, uma cidade, uma comunidade, onde pode (e deve) participar activamente.

Carta de Princípios – a partir das finalidades, elaborar uma carta de princípios com as grandes intenções do Clube, Núcleo ou Oficina.

Definição de Objectivos – em conformidade com as finalidades e os princípios.

Regulamento – todas as regras necessárias: inscrições, quem pode ser membro, que requisitos são exigidos; quem dirige, como são eleitos; quem faz a gestão; que tipo de ligação à escola; horário; etc.

Carta de Compromisso – assinada pelo aderente e pela direcção, no acto da inscrição de novos membros, estabelecendo o que deve ser cumprido por ambas as partes.

Plano de Actividades – planeadas conforme os objectivos, para um período de tempo determinado, pode ser um trimestre, ano lectivo.

Avaliação – aspectos de funcionamento e abertura à escola e à comunidade; de participação dos alunos, professores e outros intervenientes; de realização de iniciativas; etc.

Parcerias – com outros clubes da escola ou de outras escolas e com instituições da comunidade local ou nacional.

Clube de Teatro

Escola Básica 2,3 Dr. Joaquim de Barros, Paço de Arcos, Oeiras.

Professoras Responsáveis: Margarida Estrela Rodrigues e Maria de Lourdes Azevedo

Eu, tu, ele, nós, vós, elas – peça de teatro premiada com o Prémio Global do Concurso

“Para promover determinados valores sociais, morais, culturais e civilizacionais, junto dos alunos e professores, é necessário que estes os vivenciem nas actividades em que estão envolvidos diariamente.

(...) o Clube de Teatro procura ser um espaço onde se promove o gosto pelo teatro, a descoberta das capacidades individuais que possam contribuir para o conhecimento próprio, essencial ao crescimento e à auto-estima e, sobretudo, uma referência afectiva onde professores e alunos se envolvam, entusiasmem, identifiquem e apoiem, de modo a que se motivem para outros “voos”, tanto na sua vida escolar como pessoal.

(...) O formato das peças inclui texto e canções e as representações são enriquecidas com banda sonora, acetatos que sugerem os locais onde vai decorrendo a acção e slides ilustrativos. Os alunos funcionam em dois grupos: um de ensaio de texto, representação, música e dança e outro na construção de cenários, adereços e figurinos.

(...) Uma brochura sobre Direitos Humanos editada pela Civitas foi o ponto de partida para o projecto deste ano. A “história da rã” sugeriu-nos o local da acção – as aulas da Área de Projecto – o que determinou a evolução de todo o processo.

... a partir de certa altura o texto foi ganhando forma, foram realizadas provas de selecção para os diversos papéis, indo simultaneamente de encontro a preferências dos alunos e às capacidades exigidas para a representação das várias personagens – expressividade na leitura, capacidade de memorização, expressão corporal e à-vontade no palco.

Assim, aquilo que ia acontecendo nas sessões do Clube de Teatro, a partir das situações criadas pelos materiais em análise, ficava registado e ia contribuindo para a construção progressiva da peça. Paralelamente, iam sendo perspectivadas as situações mais significativas, quer do ponto de vista da sua contribuição para a defesa dos Direitos Humanos, quer as que, em palco, poderiam resultar mais expressivas do ponto de vista dramático.



(...) Como sempre, o entusiasmo, muita ansiedade e até algum receio acompanham-nos até ao grande momento em que a sala de espectáculos começa a encher-se de gente e sabemos que é chegado o momento por que tanto esperámos e para o qual nos preparámos ao longo do ano. No final, apesar do imenso cansaço, os sorrisos e o brilho no olhar são a imagem de um sonho que se cumpriu”.

Excertos do relatório das professoras responsáveis pelo Clube de Teatro, Margarida Estrelo Rodrigues e Maria de Lourdes Melo Azevedo.

Das actividades realizadas, destacamos:

Foi apresentado a concurso o texto da peça, uma cassette vídeo com a gravação do espectáculo e um CD-ROM com as músicas e as canções. Destacamos um excerto e propomos a sua abordagem pedagógica.

- Actividade de exploração de um excerto da peça «Eu, tu, ele, nós, vós, elas»

1. Metodologia

- 1.1 – Proposta de organização da turma em pequenos grupos.
- 1.2 – Leitura individual do excerto adaptado da peça (ponto 2).
- 1.3 – Leitura dramatizada do texto por alunos dos vários grupos.
- 1.4 – Reflexão sobre a história da rã através do preenchimento da Ficha de Trabalho 3.1
- 1.5 – Debate a partir das opiniões expressas na Ficha.
- 1.6 – Pedido de recolha de notícias de jornais, revistas e histórias de vida de pessoas que os alunos conheçam que possam ilustrar cada um dos dois episódios da história da rã.
- 1.7 – Registo dos episódios recolhidos e identificação da fonte – Ficha de Trabalho 3.2
- 1.8 – Proposta de trabalho sobre os Direitos Humanos que podia ter, entre outras, as seguintes vertentes: A história dos Direitos Humanos, organizações que os defendem e pessoas cuja vida foi/tem sido dedicada à sua defesa.
 - 1.8.1 – O processo de trabalho pode ser transversal a diversas disciplinas e/ou clubes.
 - 1.8.2 – A apresentação do(s) trabalho(s) pode ter várias formas: dramatização, um livro, exposição de textos – prosa/poesia, texto para ser lido por jograis, canções, danças, desenhos, esculturas, instalações, exposição fotográfica, apresentação em aplicação multimédia ou outras. Algumas destas formas de apresentação podem coexistir no mesmo trabalho.

2. Excerto adaptado da peça

(Numa sessão de Área de Projecto – debate preparatório para a escolha de um tema a explorar)

PROF. 1 – Na última aula, falámos sobre alguns temas possíveis para trabalhar nestas sessões da Área de Projecto.

ALUNO 1 – Pois, stôra, mas uns querem uma coisa e outros querem outra...

ALUNO 2 – Até queremos várias! Não viste quantos temas diferentes apareceram nos inquéritos de interesses que nós preenchemos?

ALUNO 3 – Pois foi, eram demais. E depois, estávamos indecisos...

ALUNO 4 – Não sabíamos bem como escolher...

ALUNO 5 – Uma coisa nós sabíamos: quase todos queríamos trabalhar em grupo.

ALUNO 6 – Mas estava a ser difícil chegarmos a acordo sobre os temas.

PROF. 2 – Então, mas isso até é bom: a diversidade faz parte da vida.

ALUNO 7 – Diversidade? O que é isso?

ALUNO 8 – Diversidade vem de diverso e diverso é o que é diferente.

(...)

ALUNO 9 – Não te lembras de falarmos da biodiversidade na aula de Ciências?

(...)

PROF. 2 – Para podermos escolher o que vamos trabalhar, temos que falar sobre as coisas, não achas?

PROF. 1 – Somos todos diferentes, lembras-te?

ALUNO 5 – Mas... e agora... como é que se sai daqui?

PROF. 1 – Talvez uma pequena história que nós lemos há dias e nos pôs a pensar seja uma saída possível... Ora oiçam: (A professora lê) “Um dia, um professor fez a seguinte experiência: deixou cair uma rã num frasco com água quente e a rã pulou para fora imediatamente. Depois, o professor colocou a rã num frasco com água fria e levou-o ao lume. A rã manteve-se a nadar no frasco até morrer cozida.” Sabem uma coisa? Acabámos de ler isto e ficámos parados a pensar.

PROF. 2 – E vocês? Já pensaram por que razão a rã teve duas reacções tão diferentes? Achámos boa ideia fazer uma pequena ficha para saber a vossa opinião.

PROF. 1 – E, como nos vieram à cabeça notícias que todos os dias vemos e ouvimos na televisão e nos jornais, e histórias que se passam com pessoas como nós, no fim desta aula, temos uma proposta para vos apresentar...

3. Material de apoio

3.1 Ficha de Trabalho

Acção do professor	Reacção da rã	Porquê?
A. Deixa cair a rã num frasco com água quente	Pula para fora imediatamente	
B. Põe a rã num frasco com água fria e aquece a água	Fica a nadar até morrer cozida	

3.2 Ficha de Trabalho

Consegues relacionar os dois episódios da história da rã com situações da vida real? Regista duas dessas situações.	Identificação da fonte de recolha (jornal, revista, recolha oral, ...)	Porquê?
A.		
B.		

A professoras responsáveis

Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania

Escola Secundária com 3º ciclo Raul Proença, Caldas da Rainha.

Professora Responsável: Lina Carla Nicolau Correia

“Somos pessoas” – projecto a Concurso

O Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania da Escola Secundária de Raul Proença, nas Caldas da Rainha, tem como preocupação fundamental contribuir para a formação e o enriquecimento humano. Assim, pretende amplificar, em cada indivíduo, competências cognitivas (de natureza política e jurídica, sobre questões internacionais, relativas aos direitos do Homem e à cidadania democrática), competências afectivas e de anuência a certos valores (como a liberdade, a igualdade e a solidariedade) e capacidades de acção (como viver e cooperar, resolver conflitos e participar no debate público).

A Educação para a Cidadania tem sido desenvolvida assentando em ideias e valores considerados fundamentais como: Direitos Humanos e Liberdades Fundamentais, Democracia, Cidadania, Sociedade Civil, Globalização e Desenvolvimento Sustentado. Para impulsionar, efectivamente, esta educação na cidadania são escolhidos temas que obedecem a critérios como a pertinência dos mesmos para os jovens e o interesse por eles manifestado, a informação disponível e o escalão etário dos alunos.

Os métodos de abordagem dos temas são diversificados, destacando-se o método de aprendizagem através da experiência (que valoriza a experiência de vida do indivíduo), os métodos de execução (como encontros, debates, simulações, edição de textos, criação e manutenção de páginas web, teatro, voluntariado seminários de debate, assembleia de grupo, discussão de dilemas morais...). Métodos analíticos, através de estudos de caso, de análise de textos e análise dos média.

No ano lectivo de 2003-2004, o Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania iniciou as suas actividades no dia vinte e dois de Setembro, com um efectivo de trinta e dois jovens. No final, haviam participado, de uma forma regular, nas várias iniciativas deste Núcleo, um total de cinquenta e três rapazes e raparigas, com idades compreendidas entre os doze e os dezanove anos, dos sétimos aos décimos segundos anos e tinham sido realizadas as seguintes actividades:

Manutenção da página web http://www.esrp.pt/Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania	De Outubro até Julho
Voluntariado: <ul style="list-style-type: none"> • CEERDL • Centro de Acolhimento • Jardim-de-infância do Coto 	De Outubro até Julho
Organização de um Ciclo de Debates mensal subordinado ao tema da Cidadania	De Outubro a Maio
Participação no Ciclo de Encontros sobre Cidadania e Direitos Humanos, apoiado pela Comissão Nacional dos 50 anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem, pela Câmara Municipal das Caldas da Rainha e pela Câmara de Óbidos (das sete sessões participámos em cinco)	De 6 de Novembro a 12 de Dezembro

Apresentação, à Comunidade das Caldas da Rainha, do projecto desenvolvido pelo Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania, a convite do grupo promotor dos Encontros sobre Cidadania e Direitos Humanos		13 de Novembro (GAT)
Colaboração em campanhas de solidariedade social	Campanha para angariação de material didáctico /escolar e máquinas de escrever mecânicas para Timor-Leste;	Outubro de 2003
	VIII Peditório Nacional da ABRAÇO	22, 23, 24 e 25 de Novembro de 2003
	Pirilampo Mágico	de 22 de Maio a 13 de Junho
Assistência a uma audiência de julgamento		8 de Março (9.30)
Assistência a uma sessão da Assembleia Municipal da cidade		19 de Abril (21.30)
Participação na sessão organizada pela Biblioteca Municipal com o escritor José Luís Peixoto		6 de Maio
Ida ao teatro: <i>Danos Colaterais</i> , de Bertold Brecht, pelo Teatro da Rainha		7 de Maio (21.30)
Colaboração na iniciativa organizada na escola pela professora Célia Bento com a JRS (Serviço Jesuíta aos Refugiados)		8 de Junho
Colónias de férias ligadas ao CEERDL e Centro de Acolhimento		De meados até ao final de Junho
Integração da rede a nível nacional de escolas a trabalhar a educação para os direitos humanos, no ano lectivo de 2003-2004		Desde Janeiro
Participação no concurso nacional sobre “Educação para os Direitos Humanos na Escola”, com o projecto “Todos Somos Pessoas”		1 de Junho
Inscrição da coordenadora do núcleo numa acção de formação sobre “ Educar para os Direitos Humanos em contexto escolar”, a convite deste mesmo projecto do Deb-Inovação		2, 3, 8 e 15 de Setembro

Das várias actividades concretizadas, decidimos evidenciar o projecto “Todos Somos Pessoas” que, tal como todos os outros, se fundamentou na Educação para os Direitos Humanos e no exercício da cidadania.

Após alguns encontros do Núcleo para escolher sub-temas que a todos agradassem e que se enquadrassem nos objectivos do grupo, um jovem de treze anos sugeriu que se trabalhasse com “os meninos deficientes, pois também são pessoas e estão, quase sempre, muito esquecidos”. Não hesitámos mais e decidimos fazer uma proposta de trabalho ao Centro de Educação Especial Rainha D. Leonor (CEERDL), de Caldas da Rainha.

As propostas apresentadas ao Centro de Educação Especial Rainha D. Leonor beneficiaram do seu espírito de abertura e de incentivo o que permitiu que se iniciasse a concretização das várias etapas do projecto que teve alguns grandes momentos: a animação da festa de Natal, no salão de festas dos Bombeiros Voluntários de Caldas da Rainha; a recolha de roupas e brinquedos novos e usados; uma exposição de fotografias sobre o trabalho desenvolvido; um conjunto de acções temáticas realizadas pela psicóloga do Centro, na Escola Secundária; uma reunião final de avaliação de todo o projecto.

Ao dialogarmos com a psicóloga deste Centro, sobre estes assuntos, surgiu a possibilidade de também o CEERDL oferecer algo à Escola, nomeadamente na área dos serviços de Psicologia e Assistência Social. Assim, foram realizadas sessões temáticas mensais com a duração máxima de duas horas, destinadas aos nonos anos, assim como consultadoria técnica sobre casos de alunos problemáticos, para os quais a escola não vislumbrava solução.

Pretendeu-se intervir na comunidade de modo a que se sentissem novas emoções, se despertasse para realidades diferentes do quotidiano, colocando sempre em acção os valores fundamentais da dignificação humana e, sobretudo, realizando um trabalho útil.

Todas as estratégias foram concretizadas com sucesso, acrescentando-se ainda uma outra, proposta pelo Centro, a “Campanha do Pirilampo Mágico”, e que foi coordenada, na escola, pelo Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania.

O Centro de Educação Especial manifestou todo o agrado em manter a parceria para o ano lectivo seguinte, uma vez que este projecto permitiu a cada jovem: conhecer-se mais profundamente; aumentar a auto estima; saber situar-se no mundo em que vive; desenvolver a noção de responsabilidade; aumentar o respeito pelos outros; ampliar o respeito pela diferença; assumir compromissos sociais e desenvolver competências de trabalho em equipa;

A professora responsável

Das actividades realizadas, destacamos:

Das actividades realizadas no âmbito deste projecto destacamos uma visita à CEERL e partilhamos um texto sobre as emoções e os sentimentos que vivemos.

“Saímos da escola a pé, e levámos quase meia hora a chegar, entre conversa e risos. Fomos conhecer como outras crianças e jovens, diferentes da maioria, vivem o seu dia-a-dia, numa escola onde a diferença é valor, onde se treina o respeito, a solidariedade e a tolerância. O primeiro contacto emociona, sensibiliza e questiona os nossos valores mas espanta-nos como, tão simples e rapidamente, aquelas pessoas nos agarram, nos beijam, nos acarinham, sem medo de mostrar o que estão a pensar e a sentir.

A sua integração depende da forma como as olhamos, da nossa determinação em praticar a entrega do que somos e do empenho que colocamos em interiorizar que cada um merece ser feliz. Esta humanidade, que é de cada um, é um tesouro a praticar e a oferecer em actos de amor. E pode ser o simples momento em que aquela menina, aos pulos, agarrou as mãos do Fábio e da Andreia, e eles corresponderam, ligeiramente curvados, com toda a ternura que lhes conhecemos e lágrimas nos olhos”.

Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania, texto divulgado no Fórum. Data de registo 19-04-2004

Clube de Solidariedade

Escola Básica 2,3 Colégio Sagrado Coração de Maria, Fátima.

Professoras Responsáveis: Ir. Maria Lopes e Cristina Ferreira

“Um sorriso numa criança”- projecto a Concurso

No ano lectivo 2003/2004, o Colégio do Sagrado Coração de Maria, Fátima, adoptou como tema do ano “Ser Cidadão”. E, tendo em conta este tema, na área curricular não-disciplinar da Área de Projecto, os alunos escolheram a vertente da Solidariedade Social e um lema: “Um sorriso numa criança”, cooperando assim com o Clube de Solidariedade.

Desta forma, os discentes trabalharam com públicos diferentes, aprendendo a compreender o Outro e a ajudar na resolução dos problemas do dia-a-dia. Auxiliaram crianças que viviam numa Instituição Social (Lar S. Miguel, Fátima), realizando presentes para lhes oferecerem no Natal e organizando um pequeno convívio. A partilha do lanche cimentou as relações interpessoais e estabeleceu laços de amizade entre os nossos alunos e as crianças. Nesta festa, compareceram também os pais dos alunos, que apoiaram esta causa.

Numa fase seguinte, os alunos trabalharam com outra faixa etária e, por isso, visitaram o Lar do Bom Samaritano (Fátima), que alberga utentes idosos com problemas mentais e motores. Realizaram entrevistas (acerca da Instituição, dos seus problemas e das actividades desenvolvidas pelos utentes), para que se consciencializassem desta nova realidade, foram elaboradas em formato panfleto, acessíveis a toda a comunidade escolar. Compreenderam que todos têm direito à diferença. Que a diferença é uma característica humana! E é talvez nessa diferença que reside a beleza da Humanidade! Não interessa ser igual, interessa saber viver com as diferenças, aproveitá-las para conseguir ser feliz!³⁷

Depois de todas estas novas experiências enriquecedoras, optou-se por consciencializar os alunos dos direitos da criança e, nesse sentido, os mesmos foram debatidos em sala de aula. Depois desta consciencialização, passaram para o papel como sentiam os seus direitos.

Em jeito de conclusão, pensamos que não houve dificuldades na concretização do projecto. Os discentes aprenderam que Ser Cidadão é dar um pouco de si mesmos, um sorriso, por exemplo.

Sensibilizámos os alunos para os valores que devem alicerçar um cidadão e, como pensámos que “mil palavras não deixam nunca uma impressão tão forte como uma acção”³⁸, optámos por um projecto de acção, de integração no meio circundante e de inovação na aprendizagem dos valores humanos e sociais.

Responsáveis pelo projecto Irmã Maria Lopes e Professora Cristina Ferreira

³⁷ Palavras dos alunos.

³⁸ H. Ibsen.

Das actividades realizadas, destacamos:

A Exposição do Natal

À semelhança do ano passado, o clube organizou-se para preparar uma Exposição de Natal. Passámos o primeiro período a trabalhar esforçando-nos por produzir presentes bons, úteis e bonitos.

Começámos a trabalhar em pequenos grupos, de acordo com as nossas habilidades. Quando nos apercebemos tínhamos objectos suficientes para expor. Montámos uma mesa “alegre”, decorada de missangas, colares, anéis, pulseiras, porta-chaves, suporte para fotografias, postais, quadros em ponto de cruz, separadores de livros, etc.

Todo o dinheiro que angariámos foi oferecido à Casa do Gaiato, uma Obra de rapazes cujos princípios orientadores são a liberdade, a responsabilidade, a vida em família, a ligação à natureza e a formação religiosa. Esta casa foi fundada por um grande homem, o Padre Américo.

Adorámos realizar este trabalho, pois trabalhámos em união e interajuda para fazer surgir um novo sorriso nos rostos daqueles rapazes. Foi óptimo!

Artigo da Beatriz, 7º A; da Diana, Joana e Adriana, 6º B. Saiu no jornal “ A voz da escola”, Março 2004.

A visita ao lar do Bom Samaritano

O Lar do Bom Samaritano alberga 87 idosas. São idosas, mas têm a capacidade mental de meninas de 3 a 5 anos. Foi por isso que resolvemos visitá-las.

O que perguntámos ...

P – Como é que as meninas se sentem nesta casa?

R – As meninas sentem-se muito bem, apoiadas e acarinhadas. Muitas delas eram maltratadas e outras andavam por aí sem terem ninguém. Aqui, nesta casa, têm aquilo que nunca tiveram: carinho, amizade e uma família.

P – Como se sentem as meninas com as visitas de fora?

R – Elas adoram visitas de fora, porque sentem que há outras pessoas que se interessam por elas. Gostam principalmente de visitas de meninos da vossa idade.

O que pensamos e sentimos...

“Nesta nossa visita à Casa do Bom Samaritano, descobrimos que, apesar das diferenças, a rotina das meninas não é muito diferente da nossa, só que em vez de irem para a escola, têm salas temáticas ou ateliers, ou seja, salas onde têm várias actividades”.

“Quando vimos todas aquelas pessoas tão diferentes de nós, pensámos que não era justo elas serem assim ... Mas depois vimos que, apesar das diferenças, gostam do mesmo que nós: uma palavra amiga, um sorriso verdadeiro”!

“A visita correu muito bem! Sentimos que a nossa presença naquela casa trouxe alegria e amizade! Sentimo-nos bem! Sentimos que, por vezes, basta um gesto solidário para sorrir!

É bom aprender que ajudar não é fazer alguma coisa por alguém, mas sim dar um pouco de nós a alguém”!

Textos dos alunos do 7º D, Área de Projecto, incluídos nos desdobráveis.

Trabalhos que a turma realizou



O nome do nosso projecto



Mostrámos aos outros meninos os seus direitos através do nosso livro. Que bonito ficou!



Construímos desdobráveis sobre as visitas que fizemos e os assuntos que trabalhámos.



Que tal mostrar os azulejos que pintámos?



Mais alguns dos nossos trabalhos!



Foi bom trabalhar sobre este tema tão interessante! Afinal, temos muitos direitos e deveres!

Oficina de Escrita Criativa

Escola Secundária com 3º ciclo Padre António Vieira, Lisboa.

Professora Responsável: Maria Teresa Pereira Coutinho

O PUZZLE da PAZ: para uma consciência do Mundo trabalho premiado com o Prémio de nível 3

O projecto “escritas” assumiu, ao longo do ano 2003/04, o desafio de mobilizar a comunidade escolar para uma reflexão sobre os Direitos Humanos, através de actividades permanentes que actualizassem as palavras de Padre António Vieira “a maior pena a que fui condenado foi a do silêncio”.

A disponibilidade de um espaço com acesso informático, permitiu a reorganização das ideias que surgiam nas diversas visitas a exposições, a pesquisa e selecção de informações pertinentes, a concepção de debates, o trabalho de escrita colaborativa on-line, a interacção de pequenos grupos de interesse com vista a uma maior consciência do mundo.

Cada ano de escolaridade integrou um conceito relacionado com a temática dos Direitos Humanos, a partir da observação de obras de arte que favorecessem a curiosidade e multiplicassem as aprendizagens. Os alunos que frequentavam o 8ºano participaram nesta aventura de “escritas”, entrando no universo onírico representado no quadro de Picasso, A PAZ, 1952.

A diversidade de elementos presentes na tela, permitiu aos alunos a entrada no jogo da vida, seleccionando, recortando uma situação particular do quadro que iriam recontar a partir das suas vivências e das suas aprendizagens sobre a PAZ.

As palavras e as frases foram surgindo, quer de uma forma individual quer colectivamente, umas com um sentido mais pessoal, outras já com um grau de maior abstracção. Dos muitos textos, surgiram estes que, pela diversidade de temas abordados e pela forma de expressão diferenciada, constituíram o jogo final – uma forma de participação cívica num puzzle colectivo, onde cada aluno pode relacionar as suas ideias com as imagens de Picasso. Para além desta escrita criativa, outros elementos do quadro permitiram criar novos desafios de pesquisa, podendo ser utilizados por professores e alunos em contextos educativos diversificados.

Os Direitos Humanos ganharam novo sentido em ambiente escolar, não só pela importância da mensagem nas palavras de Vieira, como também pela construção de um produto colectivo com recurso às TIC, disponibilizado na página web da escola.

A professora responsável pelo projecto

Das actividades realizadas, destacamos:

- “As cores do sol”, “A música da Paz” e “Nascer”. Estes três textos correspondem a tipos de texto diferentes: reflexão individual sobre o mundo, definição colectiva de Paz e um texto de memórias. Seleccionámos ainda dois exemplos que correspondem a propostas para a construção de novos textos a partir de pesquisas sobre os direitos Humanos: “A gaiola dos peixes” e a “Árvore da Paz”.

Textos produzidos

o **puzzle** da **PAZ**

construção



Descobre o puzzle da Paz. Cada elemento do quadro tem uma história ou proposta para ti. Escolhe um dos títulos e entra nas palavras que construímos para o Mundo.

as cores do sol
o cavalo alado
a dança da vida
a gaiola dos peixes
um mundo paralelo

a música da paz
a árvore dos desejos
nascer
ser cidadão
outras ideias...



As cores do sol

O Sol. Não há nada que melhor personifique a PAZ.

Ilumina-nos o dia, aquece-nos e faz crescer as flores que salpicam o caminho e tornam o nosso Mundo bonito.

É pena que por vezes o Sol não nasça em todos os lugares e que muitos caminhos não tenham flores.

Mas o que adianta vivermos a pensar nas desgraças e a chorarmos, quando o Sol está mesmo por cima de nós?

Felizmente, considero-me uma pessoa com sorte porque conheço um lugar pequenino, escondido por entre uma colina, lá no topo da Serra em que o Sol brilha todo o ano.

Lá, o meu despertador não tem som; é um raiozinho dessa Paz que me entra pela fresta da janela e me toca no rosto. Que bom é acordar tão calmamente, sem guerras, sem trânsito, sem fumo... só com o pipilar dos pássaros e com a brisa fresquinha da manhã.

O Sol é Paz. Por algum motivo todos os planetas giram em torno dele e idolatram-no como a estrela mais importante do Universo.

Joana Rodrigues



A música da paz

A natureza e as árvores simbolizam os momentos bons na minha vida.
O encontro num jardim é calmo, sereno, lembro-me dos meus tempos de criança.
Parece que, no curto espaço de tempo em que estou num jardim viajo...
Paz é poder ler um livro,
Conseguir decifrar um quadro,
Adquirir conhecimento,
Ajudar os outros,
Ir a um piquenique,
Ver a natureza,
Estar com as pessoas de quem gostamos,
Ouvir os pássaros,
Pensar um pouco nas nossas vidas.

Vanessa, Bernardo, Frederico

Silêncio

Um momento de paz é um momento de silêncio, amor, felicidade e alegria.



Uma vez tive um momento de paz. Um certo dia, a minha mãe foi para o hospital para ter o meu irmão. Nesse dia, o meu irmão Manuel, o meu pai e eu estávamos muito nervosos. No entanto, era o dia mais feliz das nossas vidas, íamos ter mais uma pessoa para nos alegrar e para nos dar amor.

Eram seis horas e quinze minutos e o telemóvel toca. Era o meu pai a dar-nos a feliz notícia, o quinto membro da nossa família tinha nascido. Ficámos muito contentes e cheios de alegria.

Eu penso que esse foi um dos maiores momentos de amor, alegria e felicidade, ou seja um momento de paz.

Nélida

Será que os peixes gostam de estar numa gaiola? Não é o seu ambiente natural...

E nós?

A partir do art.1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos

“Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos”,

Completa esta página com elementos da pesquisa que fizeres sobre a violação deste direito.



a gaiola dos peixes

A árvore Da Paz



Completa, com palavras tuas, esta página. Esta é uma árvore mágica, em cada maçã podes encontrar um desejo para o mundo ser melhor.

Formula esses desejos, a partir de uma leitura de jornais, para compreenderes os acontecimentos que nos preocupam.

(Núcleo) Valores e Sociedade Humanizante

Escola Básica 2, 3 de Aradas, Aveiro.

Professora Responsável: Rosário Bela

Escola de valores, sociedade humanizante

(...) Certo dia, ao navegar na Internet e mais concretamente na página do DEB, tivemos conhecimento do projecto “Os direitos humanos na educação para a cidadania” e desde logo nos sentimos motivadas para avançar, para “meter mãos à obra”!

Éramos três colegas: a Graça Maria Silva Matos do 4º Grupo, a Maria Margarida Carvalho Purificação Silva do 9º grupo e Maria do Rosário de Almeida Velado Bela de EMRC. Elaborámos um projecto de sensibilização para os Direitos Humanos, intitulado “Escola de Valores, Sociedade Humanizante” que foi, posteriormente, aprovado pelos Conselho Pedagógico e Assembleia de Escola.

Tendo sempre como base um dos valores da cidadania, tais como a Amizade, o Respeito, a Solidariedade, a Inter-ajuda, a Partilha, a Alegria, o Amor, a Paz... e explorando um dos Direitos do Homem ou da Criança, por exemplo, o direito a ser respeitado, o direito à diferença, o direito ao amor e carinho dos pais, o direito a receber ajuda... foram (e têm sido) realizadas várias actividades:

- Pintura colorida de mãos em painéis; envio/troca de postais e símbolos com mensagens alusivas a épocas festivas; realização de resguardos de tabuleiros no refeitório; largada de balões; pintura em papel cenário das cores da amizade; construção de flores em cartolina com mensagens alusivas à mãe; elaboração de diplomas para os dias do pai e da mãe; questionários temáticos; pequenas exposições; audição de músicas alusivas; peditórios nacionais (participação); elaboração de trabalhos para o fórum de debate; concursos.

Promovemos ainda uma acção de formação para professores, orientada pela professora Rosa Afonso, sobre o tema: “Educar para os Direitos Humanos em contexto escolar”, durante alguns sábados. Houve, naturalmente, partilha de experiências profissionais e humanas e realizaram-se trabalhos interessantes como propostas de dinamização de aulas.

Durante estes anos, temos contado sempre com a ajuda e o apoio de alunos, pais, encarregados de educação, outros docentes, auxiliares da acção educativa, funcionários administrativos e órgão de gestão. Não temos sido exigentes com o espaço físico da escola: um armário para arquivar e guardar todo o material didáctico tem sido suficiente. As actividades são concretizadas no átrio principal da escola, durante os intervalos, mais concretamente no intervalo comum a todas as turmas, entre as dez horas e as dez horas e vinte minutos, ao longo de alguns dias.

Este ano lectivo, aderiu ao projecto a professora Maria José Matos Cabral de Educação Musical, uma vez que as professoras Graça e Margarida não estão colocadas na escola. O projecto continua a sua caminhada. A todos que nele colaboram, um muito obrigada! As pequenas experiências serão, certamente, pontos de referência na vida da escola e de cada um de nós.

Pela equipa, Rosário Bela

Das actividades realizadas, destacamos:

As actividades realizadas para trabalhar o valor do respeito, que aqui apresentamos planificadas.

Direito	<ul style="list-style-type: none"> • “A lei deve garantir os direitos do homem. Deve permitir a cada um o respeito dos outros e o ser respeitado”. (artigo 29 DUDH)
Valor	Respeito
Objectivos	<ul style="list-style-type: none"> • Tornar a escola um espaço de crescimento de cada um, onde todos se sintam bem; • Desenvolver competências sociais como a partilha, a cooperação, o espírito de equipa e o respeito mútuo. • Desenvolver atitudes conducentes à reflexão, ao diálogo, à abertura de espírito e ao respeito pelas diferenças.
Actividades de preparação (Motivação)	<ul style="list-style-type: none"> • Durante duas semanas, os alunos, no grupo turma, constroem personagens, fazendo o retrato psicológico e físico de cada uma (Ver Anexo).
Actividades	<ul style="list-style-type: none"> • Pedir a cada aluno que, do grupo de personagens, escolha aquela de que mais gosta, com a qual tem mais empatia. Deve justificar a sua escolha. • Analisar e comentar: “A lei deve garantir os direitos do homem. Deve permitir a cada um o respeito dos outros e o ser respeitado”. (artigo 29 DUDH). • Posteriormente, os alunos devem agrupar-se em pequenos grupos, para realizarem a seguinte actividade: «Vão escolher três personagens com quem se fariam acompanhar numa semana que iriam viver num local desconhecido, por exemplo, uma ilha, uma floresta tropical, uma montanha, onde não teriam qualquer tipo de ajuda exterior. Devem justificar as vossas escolhas». <p>Em grupo turma, devem expor as várias escolhas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Posteriormente, será dada outra situação: escolherem três colegas que gostariam de levar com eles para passarem férias. Justificar as suas escolhas. <p>Em grupo turma, devem expor as várias escolhas. Para finalizar, concluir que todos têm capacidades e valores necessários à vida em sociedade; que a vida de cada um é mais enriquecida quando colocamos as nossas capacidades em favor do bem comum.</p> <p>(Nota: as situações podem abranger diversos contextos).</p>
Duração	4 aulas de 45 minutos
Indicadores de avaliação	Número de alunos participantes; participação de alunos “considerados mais problemáticos”; inquérito preenchido pelos alunos.
Participantes	Turmas: 5º A, 6º D, 7º E; comunidade educativa (nas actividades abertas)
Calendarização	Março
Responsáveis	Rosário Bela, Margarida Silva e Graça Matos

Exemplo das personagens criadas pelos alunos

Sofia: alta, magra, loira, olhos azuis. É muito vaidosa, usa roupa de marca e maquilhagem. É convencida e um pouco autoritária. Tem jeito para dançar, cantar, inventar coreografias e desenhar novos modelos.

Alexandre: gordo, baixo, envergonhado, tímido, ruivo e com sardas. Tem pouca auto-estima e pouca auto-confiança. Aprecia guloseimas e dormir. No entanto, como se isola muito, tornou-se um perito em computadores e em inventar novas receitas de doces, que são autênticas delícias.

Jorge: alto, musculado, moreno e cabelo curto. Tem habilidade para vários desportos, muita destreza e agilidade; no entanto, é egoísta e temperamental e quando ganha quer os trunfos só para ele.

Maria: uns óculos graduados, tem alguns dentes desalinhados e não é muito linda, porque também não se veste de forma muito combinada. Não gosta muito da sua aparência, mas sabe ouvir e compreender os outros. Sabe dar conselhos e ser uma boa amiga.

Tó – Rokeiro: cabelo espetado com gel, madeixas, tatuagens e *piercings*. Usa pulseiras e colares. Roupa desalinhada e por vezes pouco limpa. Anda com companheiros pouco exemplares e supõe-se que tenha já alguns vícios. No entanto, tem muita capacidade para compor músicas, sabe tudo o que diga respeito ao mundo musical.

Victor: cabelo rapadinho, franja espetada com gel e óculos à cientista. Distraído. Sempre na “lua”, a imaginar experiências. Perito em conhecimentos de Física e Química. Cria sempre uma solução para qualquer problema.

Mafalda: cabelo liso, preto e com franja. Tem o curso de primeiros socorros. É muito faladora, não conseguindo estar calada muito tempo, pois tem sempre coisas para contar. É um pouco “cusca”. É uma amante da natureza e sabe quase tudo sobre animais e plantas.

Clube de Direitos Humanos

Escola Secundária com 3º ciclo Rainha Santa Isabel, Estremoz.

Professoras Responsáveis: Maria do Céu Pires e Teresa Vale

“Não podemos esquecer”! – Projecto distinguido com uma Menção Honrosa no Concurso

Constatamos diariamente na(s) escola(s) a falta de informação dos jovens acerca dos acontecimentos mais marcantes da história contemporânea de Portugal e da Europa. É significativo o grau de desconhecimento sobre o que foi o Holocausto e sobre o Estado Novo em Portugal. Há também falta de informação sobre situações actuais, que ocorrem nas mais diversas regiões do mundo e em que se constata uma clara violação dos Direitos Humanos, por exemplo, o tráfico e a escravatura de seres humanos, os “Intocáveis” na Índia, etc.

Deste modo, o plano de actividades do Clube dos Direitos Humanos, no ano lectivo 2003/2004, centrou-se no tema: “**Não podemos esquecer!**” Estamos convictos de que a preservação da memória é fundamental na educação para a cidadania: formar cidadãos livres, responsáveis e participativos implica a construção da identidade através do conhecimento do passado, do olhar atento, consciente e crítico relativamente ao presente e tendo como perspectiva a construção de um futuro onde cada um se assuma como defensor da dignidade humana.

Pretendemos assim, através do conhecimento e da reflexão sobre a história contemporânea, preservar a memória de modo a evitar violações dos Direitos Humanos e a tornar cada aluno um ser consciente dos seus direitos e deveres. É nosso objectivo combater o indiferentismo e a intolerância, fomentando atitudes de respeito pela diferença e de solidariedade em relação a todos aqueles a quem é negado o direito a viver com dignidade.

As estratégias utilizadas no projecto envolveram a participação activa dos alunos, o trabalho autónomo, na recolha de informação e na produção de materiais. As professoras responsáveis estimularam, orientaram e supervisionaram os trabalhos realizados. Pretendeu-se também desenvolver acções em articulação com a comunidade escolar e com a comunidade local.

A nota comum às actividades realizadas é a sua diversidade: exposições, visionamento de documentários e filmes, ciclos de conferências, elaboração de desdobráveis, visita de estudo ao Museu da República e Resistência e à sede da Oikos, colaboração em campanhas da Oikos e da Abraço. Nestas actividades, estiveram envolvidos, para além dos alunos e professores do Clube, os restantes alunos e professores da Escola Secundária Rainha Santa Isabel, a comunidade local e ONGs.

Através da pesquisa para a realização das exposições, da preparação dos debates, dos comentários que se seguiram ao visionamento dos filmes, foi possível a consciencialização e a troca de ideias sobre os problemas do mundo actual. Os alunos mostraram-se sensibilizados e expressaram o desejo de

contribuir para que as situações de injustiça sejam reparadas. Em diversos momentos do Projecto (por exemplo, na campanha da Abraço e na campanha “Cidadãos Solidários da Oikos) se manifestou um grande espírito de generosidade, de voluntarismo e de solidariedade por parte dos nossos alunos.

Das actividades realizadas, destacamos:

Das actividades do projecto apresentadas a concurso, seleccionou-se a exposição “Horrores do Séc. XX”, com a qual nos propúnhamos os seguintes objectivos: recolher informação sobre violações graves dos Direitos Humanos durante o século XX; sensibilizar a comunidade educativa e, particularmente os alunos, para os problemas que ainda hoje afligem a humanidade; contribuir para a formação pessoal e cívica; desenvolver o interesse e a curiosidade perante o mundo circundante; contribuir para a formação de sentimentos de respeito pela dignidade humana.

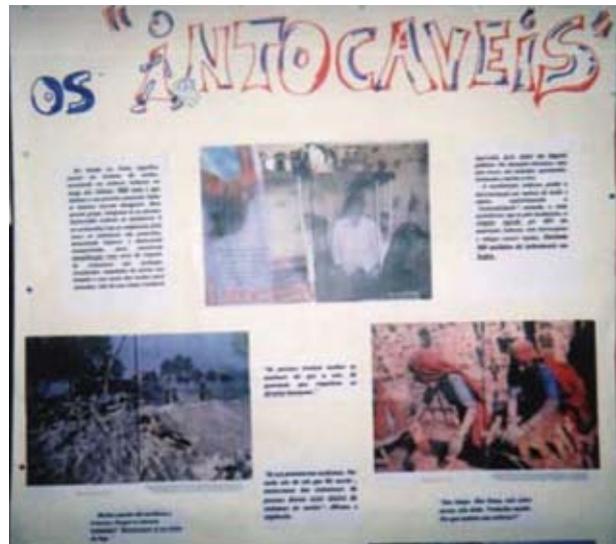
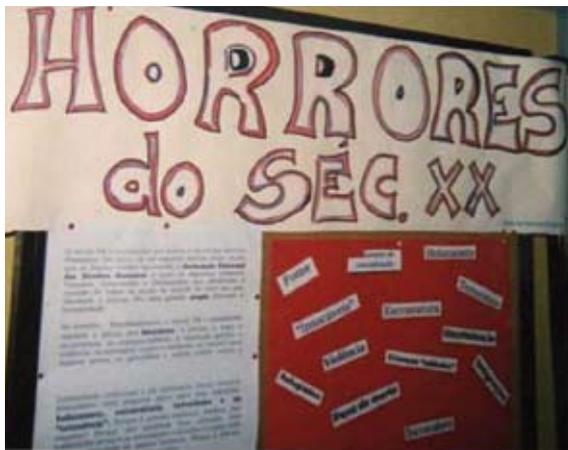
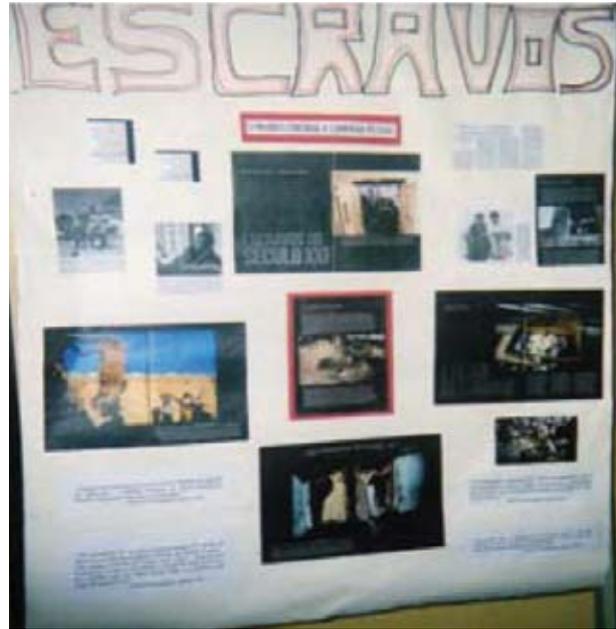
Previamente, seleccionámos entre os vários acontecimentos do século XX, quatro considerados dos mais graves: holocausto, escravatura, terrorismo e os “intocáveis” na Índia. Seguiu-se a investigação, em jornais e revistas, de notícias e artigos sobre estas situações. Esta investigação foi acompanhada do visionamento de documentários e de sessões de debate sobre os temas seleccionados.

Estando recolhida a informação, procedeu-se à montagem da exposição. Como vem sendo prática habitual nas nossas exposições, há algumas preocupações estéticas. Entre todos, alunos e professores do clube, decide-se o tipo de materiais a utilizar, as cores predominantes, a organização das imagens e dos textos – este é, também, um momento de aprendizagem! Depois dos trabalhos concluídos, foram expostos durante algumas semanas em local bem visível da escola, tendo sido visitados/comentados quer pelos alunos individualmente quer por algumas turmas acompanhadas pelos respectivos professores.

As coordenadoras do clube

Alguns dos trabalhos expostos

Exposição "Horrores do séc. XX"



Questões de ontem e de hoje.

Violação dos Direitos

Exposição "Cartoons de Luís Afonso"



Exposição
"Direitos das Mulheres"
no Museu da Resistência

Visita de Estudo



Fórum de Discussão³⁹

Foi uma das actividades desenvolvidas, no ano lectivo de 2003/04, no âmbito das actividades do projecto – “Os Direitos Humanos na Educação para a Cidadania” – como referimos na nota de apresentação. Tinha como principais objectivos debater problemas de direitos humanos e de cidadania e trocar experiências/materiais relativos à prática pedagógica dos direitos humanos e da cidadania.

Decorria on-line e a sua operacionalização foi feita com base no seguinte modelo:

- as escolas indicavam um tema/situação/problema, sendo abordado em cada mês o assunto mais referido;
- ao longo de 3 semanas, as escolas podiam trabalhá-lo livremente, colocando na página o que considerassem mais pertinente – reflexões, experiências, materiais, opiniões, comentários, etc.;
- na 4ª semana, fazia-se a avaliação e do comentário do trabalho efectuado, o que podia ser assumido por alguém exterior aos participantes, por exemplo, um especialista no tema;

Para se poderem inscrever no Fórum, as escolas tinham de estar a desenvolver actividades nas áreas da cidadania. Preenchiam um questionário, a fim de se apurarem os projectos/acções que tinham em curso, parcerias estabelecidas, conhecimento de outras escolas sensibilizadas para estas matérias, etc.

³⁹ O Fórum decorreu em: <http://212.55.143.27/dh/cidadania/forum/index.php>, no âmbito do projecto “Os direitos humanos na educação para a cidadania”, na Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, em colaboração com a Comissão Nacional para as Comemorações do 50º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos e da Década das Nações Unidas para a Educação em Matéria de Direitos Humanos (1994-2004).

A metodologia da discussão

O debate é uma estratégia de trabalho reflexivo muito importante para trabalhar as questões dos direitos humanos e da cidadania. Permite clarificar conceitos, explicitar posições, apresentando argumentos em defesa de um ponto de vista, de uma posição.

O debate implica uma argumentação. Não se trata de um diálogo sem consequências, em que cada um pode dizer o que entende independentemente daquilo que o outro diz ou pensa. Neste discurso argumentativo, todos devem poder exprimir da melhor forma possível o seu pensamento, seguindo o raciocínio dos interlocutores, de modo a aceitar ou a contrapor as razões que são apresentadas.

Isto supõe ter conhecimentos sobre aquilo que se debate, ninguém pensa sem dados, sem informações. Mesmo os que tem opiniões sobre tudo e estão sempre prontos a participar muitas vezes não podem fazê-lo, por falta de argumentos. É necessário saber do que falamos.

Mas, ter conhecimentos não é condição suficiente para que possamos debater, precisamos ter capacidade argumentativa. Pode acontecer uma pessoa ter bons argumentos e não saber exprimi-los, por timidez, desorganização do discurso, incapacidade de concentração, etc. Precisamos desenvolver a capacidade de expor de forma lógica as nossas razões, com coerência e sem contradições, evitando um discurso disperso e pouco consistente.

- Os argumentos não têm todos o mesmo valor nem são igualmente fortes. Uns convencem melhor e mais pessoas, porque são mais racionais, afastam-se da mera opinião ou gosto pessoal. Se dissermos: “os pais são imigrantes ilegais mas a criança deve ser matriculada na escola porque faz falta à equipa de futebol”, esta afirmação não tem a força de um argumento, mas se dissermos: “ela deve ser matriculada porque a educação é um direito humano, há leis nacionais e internacionais que protegem esse direito”, trata-se de um argumento com força moral e legal que convenceria a maioria das pessoas.
- Há argumentos inaceitáveis, todos os que ponham em causa o respeito pelas pessoas, as leis, a democracia, as instituições e os direitos humanos. Não podemos esquecer que as palavras têm “peso”, podem magoar, ferir, ou, pelo contrário, animar, dispor bem, despertar sentimentos, raciocínios e pensamentos bons. E isto não pode deixar de ser importante quando trabalhamos as questões de cidadania.
- Não é possível discutir sem regras, para o bom funcionamento do debate devem existir regras previamente definidas e aceites – dizer a verdade, ser claro, ter boa intenção, pedir a palavra, falar na sua vez, deixar os colegas intervir, etc. – e existir também um moderador, papel que pode ser desempenhado pelo professor ou por um aluno designado para o efeito. O moderador dá início ao debate, fornece algumas informações, que ajudem a enquadrar o tema, procura que as regras sejam cumpridas e que as intervenções não se desviem do essencial nem se reduzam a generalidades. No final, pode fazer-se uma síntese, chamando a atenção para os pontos fundamentais.

- A discussão *on-line* tem especificidades, desde logo por envolver as TIC, o que supõe algum domínio técnico e alguma capacidade de dinamização e controlo, no sentido da sistematização, pois a abrangência dum Fórum desta natureza pode criar bastante dispersão.

Das actividades de participação no Fórum, destacamos:

Apresentamos apenas alguns exemplos do tipo de intervenções que ocorriam no Fórum.

Ser Cidadão é...

Saber conviver uns com os outros/ Saber proteger o ambiente/Ser humanitário/Não estragar a natureza/Ser bondoso com as pessoas/Não ser racista/Respeitar os outros/Não ser violento/Respeitar ideias e opiniões dos outros/Não ser conflituoso/Ser livre/Saber poupar as fontes de energia.

Turma do 4º B, Escola Básica do 1º ciclo de Peso da Régua, data de registo: 27-04-2004

Direitos Humanos

Direitos Humanos são algo que todas as pessoas deviam ter, mas infelizmente isto não sucede. Existem muitas pessoas que vêem os seus direitos serem negados e as suas vidas abaladas devido a essa falta de liberdade, por causa de várias decisões erradas que os seus governos tomam. Mas, nós temos esperança que um dia o mundo se transforme num sítio melhor para viver, em que todas as pessoas vejam os seus direitos serem respeitados.

João Paulo e Alberto Santos, Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos, Damião de Góis, data de registo: 27-04-2004

A tolerância é respeito

Para quê escrever tanto sobre o que é a tolerância se podemos resumi-la a uma só palavra: RESPEITO. Quem respeita o mundo que o rodeia sabe ouvir a opinião dos outros e aprender com isso, sabe adaptar-se às diferentes situações e aceita os diferentes modos de ver o mundo. Uma pessoa intolerante torna-se agressiva, confusa e intransigente acabando por ser rejeitada, isolando-se do mundo, morrendo interiormente. É isso que queres para ti? Claro que não... então sê tolerante!

Andreia Lopes, Escola Secundária com 3.º ciclo do ensino básico de Caldas de Vizela, data de registo: 2004/05/28

Acabar com a utilização de Crianças-Soldado

Nos últimos cinco anos, dezenas de milhares de crianças foram forçadas a combater ao lado das forças armadas do governo e grupos políticos armados na República Democrática do Congo (RDC).

Desde o início até ao final do seu serviço militar, estas crianças estão sujeitas a experiências horrendas e desumanas, incluindo espancamentos, violações e outras formas de tortura. Essas crianças são forçadas em combate a cometerem sérios abusos de direitos humanos. Uma geração inteira está a ser traumatizada.

A Amnistia Internacional está atenta aos casos de violação dos Direitos Humanos em todo o mundo, contudo, a contribuição de cada um de nós é essencial para que esse objectivo seja alcançado. Por isso, convidamos-te a participar nas nossas acções, a aderir à AI (Amnistia Internacional) e a contribuir para um mundo melhor.

Grupo da Amnistia Internacional, Escola Secundária com 3.º ciclo do Ensino Básico, Raul Proença, Caldas da Rainha, data de registo: 2004/06/21.

As visitas de Estudo

Quando analisamos os trabalhos de projecto na área da cidadania, sobre as mais diferentes temáticas, damos-nos conta de que a grande maioria inclui, nas actividades, visitas de estudo⁴⁰ a instituições locais, públicas e privadas, a exposições, a espectáculos de teatro, etc. Isto mostra que se trata de uma estratégia considerada de grande importância nas práticas educativas de cidadania, porventura, pelo conjunto de actividades e aprendizagens que possibilita antes, durante e após a visita.

Escolhemos, para colocar como exemplo de boa prática, uma visita de estudo ao Mosteiro dos Jerónimos, onde podemos perceber o trabalho interdisciplinar entre a disciplina de História e Geografia de Portugal e a área curricular não disciplinar da Formação Cívica, abordando aspectos da cultura e das múltiplas identidades.

⁴⁰ Ao longo deste livro, demos já exemplo disso quando referimos os projectos da EB 1 Dr. Clemente Tavares, da Gaula, Santa Cruz, Madeira e do Núcleo de Formação Pessoal e Cidadania da Escola Secundária com 3º ciclo Dr. Raul Proença, Caldas da Rainha.

Visita de Estudo

M. da Graça Silva, M. Madalena Valente, Marília do Rosário F. Ferreira
Escola Básica 2, 3 de Quarteira.

Introdução:

Este trabalho integra-se na área de História e Geografia de Portugal do 2º ciclo e pretende ampliar e consolidar as competências adquiridas ao nível da área curricular da Formação Cívica.

Os objectivos da visita pretendem enquadrar-se nas competências específicas da disciplina e desenvolver uma identidade de base territorial, tendo em conta a relação com o ambiente, a sociedade, a cultura e o património, permitindo ao indivíduo consolidar o sentimento de pertença ao país e ao mundo, bem como a consciência da identidade nacional.

Objectivos:

- Contactar directamente com um monumento emblemático do período dos descobrimentos portugueses, classificado, em 1983, pela UNESCO, como património da humanidade.
- Reconhecer a importância dos aspectos culturais e de pertença para a vivência da cidadania.
- Exercitar as competências de trabalho de grupo ou pares, aplicando normas respeitadoras das relações pessoais e interpessoais.

Actividades:

- 1 – Preenchimento e avaliação de uma ficha-guião (anexo 1).
- 2 – Jogo de pistas (em trabalho de grupo).

Organização:

- 1 – Recolha de informações e materiais, relativamente aos temas nos quais se inserem as observações a realizar no museu.

Obs. Os alunos serão motivados para a necessidade de adquirir conhecimentos sobre o nosso património histórico-cultural como raiz de um povo, como sentimento de pertença a uma comunidade linguística com os mesmos hábitos, costumes e tradições. Acresce ainda salientar a importância da herança histórica de um povo que se lançou numa aventura expansionista, multicultural e multiracial, semeando no mundo valores éticos com os quais nos identificamos, ainda hoje.

- 2 – Organização de um guião que engloba perguntas de reconhecimento do espaço interior e exterior e uma série de jogos e de exercícios de observação denominados: jogos de pista (anexos), os quais se destinam a ser resolvidos no espaço do Mosteiro dos Jerónimos, em grupo e no exterior

Obs. Neste trabalho, pretende-se estimular nos alunos o respeito pelo trabalho individual e de grupo, procurando orientá-los para a importância de troca de saberes, ideias e experiências particulares – valores multiculturais, dado que o grupo turma se compõe de alunos de várias nacionalidades e etnias.

